

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V

Nº 57 / 58

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OF. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Tradição
e sabedoria
popular



A DF Letras tem que continuar

O que poderia ser inicialmente uma dúvida do tipo shakespeariana – Brasília teria ou não bons escritores –, dissipou-se completamente. Por alguns breves instantes criou-se uma pequena onda, uma marola, em torno desta questão. Uma parte da imprensa levantou o problema e grupos de escritores e intelectuais se posicionaram belicosamente em campos opostos.

Mas prevaleceu a constatação da maioria. A cultura e sua produção se fazem presentes de forma inequívoca na Capital Federal, a despeito de uma certa má vontade do eixo Rio-São Paulo. Aliás, isso acontece não somente com Brasília, mas com outros pólos regionais de grande efervescência cultural.

Em dois anos à frente da Vice-Presidência da Câmara Legislativa do Distrito Federal e responsável, administrativamente, pela publicação da revista DF Letras, pude acompanhar de perto o valor e a qualidade literária dos nossos escritores, poetas e críticos. Pude aquilatar, ainda, a riqueza literária e a grandeza de espírito dos homens que fazem parte das Academias de Letras, Associações de Escritores e demais congêneres, em defesa da cultura e da produção cultural da cidade.

Senti-me tocado com tanta abnegação em prol do crescimento do espírito e do ser humano. Todos têm, como meta, compartilhar os vastos conhecimentos nestes campos com o cidadão comum, deserdado da cultura e da educação. Por isso, colocamos a DF Letras nesta cruzada. Provamos aos críticos que a produção cultural de Brasília é de qualidade. A DF Letras levou a cultura não só para o DF, mas extrapolou as fronteiras, chegando inclusive a países amigos.

Neste momento em que deixamos a Câmara Legislativa do DF para cumprir outras missões, também de elevada envergadura, levamos a certeza de que a DF Letras deve continuar a prestigiar os escritores e a produção cultural de Brasília. Juntos, conseguimos provar que somos ricos em criatividade e qualidade literária. A DF Letras mostrou que existimos e temos lugar de destaque no cenário cultural brasileiro.

Luiz Estevão

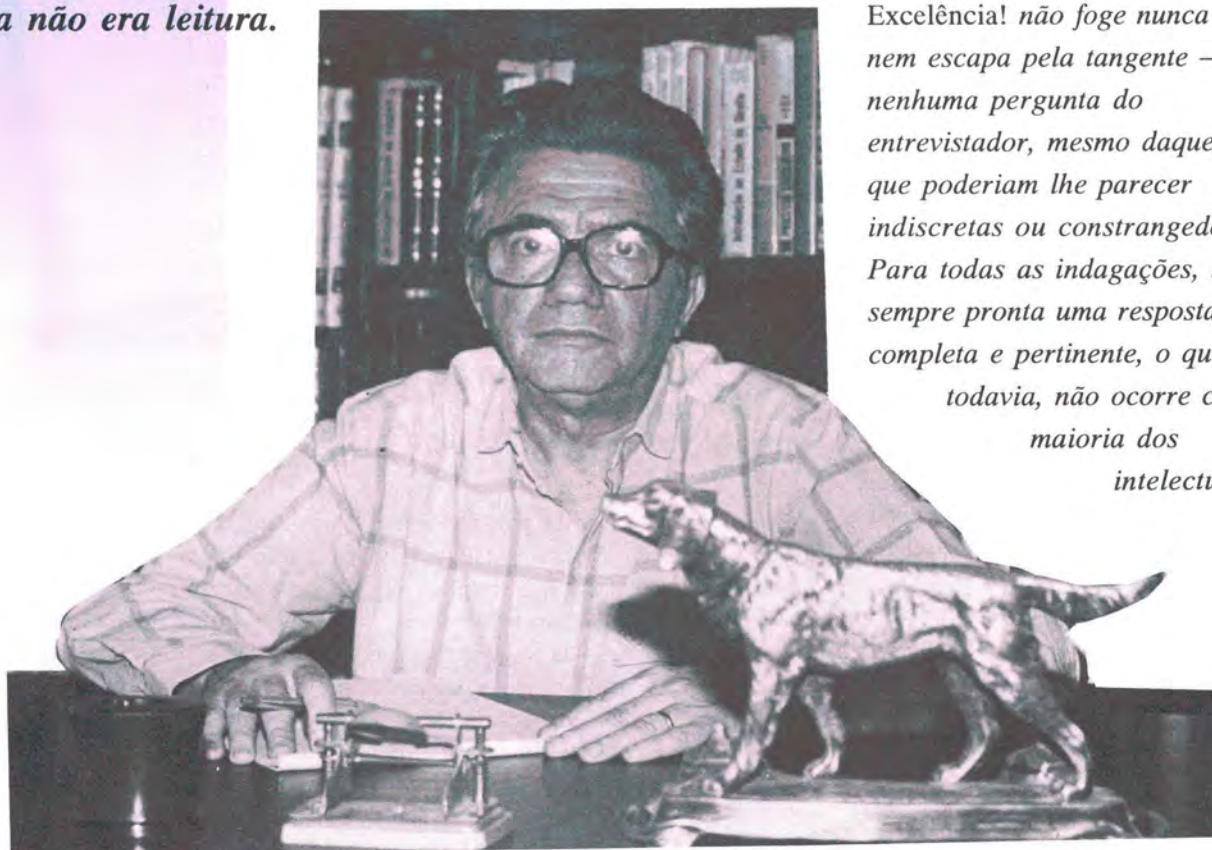
Vice-Presidente da Câmara Legislativa do DF

Entrevista
concedida a
João Carlos Taveira

A grandeza humana e artística de

Aprendi a ler um pouco tarde. No seringal onde passei a infância, à beira do Abunã, e na Bolívia, não havia professores. Depois de decorar as letras do alfabeto aprendi a juntá-las, o que, evidentemente, ainda não era leitura.

O escritor, professor e magistrado Romeu Jobim, recentemente aposentado de suas funções de Desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, é uma das vozes de maior credibilidade junto ao meio literário e, principalmente, à comunidade jurídica de Brasília, tanto pela qualidade de seus escritos quanto pela lucidez de suas idéias. Homem ponderado, porém arguto e incisivo, o autor de *Boa Tarde, Excelência!* não foge nunca — nem escapa pela tangente — de nenhuma pergunta do entrevistador, mesmo daquelas que poderiam lhe parecer indiscretas ou constrangedoras. Para todas as indagações, tem sempre pronta uma resposta completa e pertinente, o que, todavia, não ocorre com a maioria dos intelectuais,



Romeu Jobim

em circunstâncias como essa. Nesta entrevista, o poeta Romeu Jobim manifesta algumas nuances insuspeitadas de sua biografia, traçando um perfil bastante expressivo de sua trajetória humana e profissional. Para os leitores que porventura não o conhecem, esta é uma oportunidade única para o primeiro contato: Romeu Jobim,

de corpo inteiro! – a revelar-se sem subterfúgios e a revelar-nos conhecimentos adquiridos com sabedoria, ao longo de uma vida de mais de setenta anos. Membro fundador da Associação Nacional de Escritores (ANE) e da Academia de Letras do Brasil, Romeu Jobim participa de várias antologias, entre as quais Contistas de Brasília (1965),

Conto Candango (1980), Horas Vagas (1981), Planalto em Poesia (1987), Contos Correntes (1988), Caliandra – Poesia em Brasília (1995), Cronistas de Brasília (1995), e da recente Poesia de Brasília (1998). Além de publicações na área da crônica e da poesia, destaca-se como excelente contista e bem articulado ensaísta.

A E N T R E V I S T A

JCT – Para início de conversa, gostaria de saber o que motivou sua transferência do Acre para o Rio de Janeiro.

RBJ – Nasci no Acre, em Campo Esperança, município de Rio Branco, capital daquele estado, à época território, em 25 de fevereiro de 1927. Minha mãe era a acreana Francisca Barbosa Jobim, filha de cearenses, e meu pai o gaúcho Armando de Oliveira Jobim, primo de Plácido de Castro, outro gaúcho que, em 1902-1903, comandou a Revolução Acreana, de que resultou a incorporação daquelas terras ao Brasil.

Antes de ir para o Rio de Janeiro, estive dois anos em Manaus, dali retornando, em 1942, a Rio Branco. No começo de 1947, concluídos os estudos no Ginásio Rio Branco, viajei para a Cidade Maravilhosa, onde, sucessivamente, cursei o Clássico, no Instituto La-Fayette; Filosofia, na Faculdade Nacional de Filosofia; e Direito, na então Faculdade de Direito do Distrito Federal, aquela que ficava no Catete.

Mas o motivo de minha transferência para o Rio de Janeiro foi a continuação dos estudos, uma vez que, só depois de o Acre passar a estado, alguns anos decorridos, é que se criaram ali atividades curriculares de nível superior. À época, era comum viajarem os jovens de alguma posse preferencialmente para Manaus, Belém, Fortaleza ou Rio de Janeiro, se pretendiam fazer um curso superior. Optei pelo Rio de Janeiro, movido talvez por seu fascínio.

JCT – E o que o trouxe a Brasília?



Em suas leituras, Jobim gosta de viajar nos poemas de Pablo Neruda

RBJ – Por ocasião da transferência da Capital Federal para Brasília, eu terminara as faculdades que frequentei, casara-me e trabalhava em três lugares: lecionava à noite, estagiava em um escritório de advocacia e escrevia aulas no Ministério da Educação, nesta qualidade tendo elaborado o primeiro curso de alfabetização para adultos pelo rádio (ainda não existia a televisão), curso esse difundido pelo Sistema Radioeducativo Nacional por todo o Brasil, com êxito, graças sobretudo ao apoio da Igreja Católica, do Acre ao Rio Grande do Sul.

Como o Rio já era território de alguma forma conquistado, não havia por que

vir para Brasília. Ocorre que eu tinha feito concurso para redator da Câmara dos Deputados e não aceitei perdê-lo, ao ser informado de que a nomeação se verificaria no ensejo da mudança. Mas não é só: pouco antes de vir, a Câmara realizou um outro concurso, para preenchimento de claros em sua Secretaria, e minha mulher a ele se submeteu, sendo aprovada. A mudança para a Nova Capital, como vê, era vantajosa para o casal.

Chegamos à primeira hora e, graças a Deus, nos demos bem. Entusiasta daquele princípio de que, se não fazemos o de que gostamos, devemos gostar do que fazemos, desde o princípio, tanto eu quanto minha mulher nos empolgamos por Brasília, sem desprezar o Rio de Janeiro, que passou a ser a cidade realmente maravilhosa, já



“O motivo de minha transferência para o Rio de Janeiro foi a continuação dos estudos, uma vez que, só depois de o Acre passar a estado, é que criaram ali universidades.”

que a podíamos frequentar de quando em quando, sem sofrer-lhe os problemas do dia-a-dia.

Meses antes da mudança, o Ministério da Educação também realizou uma seleção de professores para a experiência nova e fascinante que seria o ensino secundário em Brasília. Minha esposa e eu também nele nos inscrevemos e fomos aprovados. Os ganhos eram bons, mas o regime de trabalho era integral e, deste passo, optamos pela Câmara.

JCT — Tendo lido alguns poemas do seu livro inédito, descobri o poeta jovem. Quando se deram as primeiras criações?

RBJ — Aprendi a ler um pouco tarde. No seringal onde passei a infância, à beira do Abunã, e na Bolívia, não havia professores. Depois de decorar as letras do alfabeto, aprendi a juntá-las, o que, evidentemente, ainda não era leitura. Mas a tal ponto a cobrança de meus pais e também a minha recaíram sobre mim que, um dia, quando já dava sinais de inquietação, me vi a ler as folhas de jornais velhos e de revistas com que se revestiam algumas paredes, no casarão onde morávamos.

Isso foi a melhor coisa que me podia acontecer, pois logo aprendi a escrever e me tornei uma espécie de leitor compulsivo, um enamorado da palavra impressa e manuscrita, vício a que me entreguei de corpo e alma, dele jamais conseguindo libertar-me, até hoje. Dia em que não lia, ou em que não leio seja o que for, passou a ser, desde à época, dia perdido. A tal ponto se entusiasmou meu pai com minha dedicação às letras, que resolveu que eu seria doutor, custasse o que custasse e, aos dez anos, em 1937, fui mandado para Rio Branco, onde me iniciaria em estudos regulares.

Aos 15 anos, em Manaus, publiquei meu primeiro soneto no jornal “A Tarde”, de Aristóphano Antony, que depois descobri ser poeta, além de

jornalista. Outros poemas vim a publicar, a partir daí, em revistas da região e do Rio de Janeiro, como “Sintonia” e “Planície” (amazonenses), “O Malho” e “Vida Doméstica” (cariocas), bem assim em jornais, como “O Jornal” (de Manaus), “O Acre” e “Folha do Acre” (de Rio Branco). Nos dois últimos, cheguei a trabalhar, como redator, após meu regresso a Rio Branco.

No período que vai de 1942 a 1946, escrevi e publiquei muita coisa, principalmente em verso, mas também em prosa, nesta já dando preferência à crônica, ao conto e aos chamados artigos. Fui mais longe: ainda em Manaus e pelos 15 anos, também me dei a ousadia de escrever um romance, com título e tudo (*Os prisioneiros da selva*), que rasguei.

JCT — Havia naquele tempo uma preocupação formal mais acentuada, ou isto é mera especulação do entrevistador?

RBJ — No livro de poesia a ser publicado em breve, faço questão de datar os poemas e apresentá-los em ordem cronológica, sendo os primeiros de 1942, quando, como dito, contava 15 anos de idade.

Mas, meu caro Taveira, você acaba de ter acesso aos originais de meu livro e observa algo que é uma espécie de *punctum dolens*: sempre houve, no que escrevo, preocupação com a forma. Sou assim. Sempre fui, desde os primeiros escritos, como acaba de notar. Se é defeito, como já me disseram, paciência. Sucede que, quando me fazem essa observação, a tomo como elogio, pois o dever primeiro de quem se propõe lidar com as palavras é conhecer as regras do ofício. A literatura, a meu ver (como de resto as demais artes), não deve ser elitista. Se escrevemos, buscamos alcançar alguma sorte de comunicação. Se esta de todo não se verifica, em verdade falhamos. Mas, para a desejada comunicação, não devemos descer,

antes nos cabendo trazer o leitor menos preparado até nós. Quem lê, afinal de contas, quer, de alguma forma, enriquecer-se.

JCT — Pelas datas dos poemas, pude verificar uma lacuna na sua produção. Quais foram os motivos que o levaram a calar a voz do poeta, durante tantos anos?

RBJ — Chegando ao Rio, minha produção literária, sobretudo a poética, praticamente caiu a zero. Muitas considerações poderia fazer a esse respeito. Mas prefiro atribuir o fato, que também percutientemente observa, aos mistérios da cidade grande. Bicho do mato, o que tinha a fazer, no novo meio, era endurecer-me para enfrentá-lo. Ainda bem que não perdi a ternura. A tal nível, contudo, terei chegado que, só mais tarde, já em Brasília, é que outra vez cogitei de tornar à literatura propriamente dita.

Poderia dizer ainda que me bateu um profundo desencanto pelo fazer artístico, ante a predominância de motivações e interesses diversos, nada impedindo porém que, através do estudo da Filosofia e da Psicologia (os currículos eram juntos), me mantivesse em contacto com o valor estético.

JCT — Paralelos à criação poética, há em você fortes laços com a prosa de ficção e com a crônica. Tanto é verdade que a sua primeira publicação em livro se deu com *Boa Tarde, Excelência!* Por que demorou a publicar seus poemas?

RBJ — Em verdade, sou alguém que se dividiu demasiado. Daí, talvez, não ter podido colocar a literatura como algo prioritário em minha vida. Quem segue muitos caminhos, como o fiz, corre o risco de não ir longe por nenhum deles. De certa forma, foi o que aconteceu comigo. Ao longo da estrada escrevi artigos, dissertações, ensaios e monografias, em torno de assuntos os mais diversos.



“No princípio, tanto eu quanto minha mulher nos empolgamos por Brasília, sem desprezar o Rio de Janeiro, que passou a ser a cidade realmente maravilhosa.”

Alguns, sobretudo os de natureza filosófica, histórica e jurídica, chegaram a ser publicados, enquanto outros nunca o serão, pois não cometeria o lapso de José Guilherme Merquior, por exemplo, que, depois de ceder alguns ensaios a certo político, os reuniu em livro.

Quanto à demora em publicar poemas que só agora virão a lume, você quer saber mesmo a causa? Não sei. Ouso crer, entretanto, que, cá bem no íntimo, não fizesse, como não faço, muita fé em seu valor. Ou será que tudo se deve a um esconso preconceito contra a figura do poeta, em geral visto como alguém à margem do contexto, *gauche* (como escreveu Drummond), ou que vive a remar contra a corrente, o que, lamentavelmente, sempre terei feito? Faço esta observação numa atitude puramente especulativa, com respaldo no fato de que, na adolescência e mesmo depois dela, costumava ficar agastado quando me chamavam de poeta.

JCT — Antes da magistratura, você foi professor na Fundação Educacional do Distrito Federal. Fale um pouco dessas experiências.

RBJ — Antes de ingressar na magistratura, com perda financeira e renunciando ao cargo e funções tranqüilas que exercia na Câmara, de fato fui professor, na Fundação Educacional de Brasília, de História e de Português, por concurso. Acentuo que por concurso porque esta foi a via que se me ofereceu para chegar aonde pude chegar, na vida.

Quanto à magistratura em particular, resultou de um desafio que me impus: o de fazer justiça, na medida de minhas forças, aos carentes dela. No tocante ao magistério, por outro lado, significou uma tentativa de retorno a uma atividade que me dava prazer, realizando-me: a de repartir (aumentando) com meu semelhante um pouco do que aprendi. Porque a alma não é pequena, digo-lhe que valeu a pena, mas, cá entre nós: o

magistério e a magistratura são atividades muito sacrificadas, sobretudo a do professor, embora ganhe do magistrado, por ser querido pela sociedade, o que não acontece com o julgador, que é temido, e por isso festejado, mas sem, pela própria natureza de suas atribuições, despertar estima.

JCT — A aposentadoria tem permitido mais tempo livre para a criação? Ou o corre-corre doméstico, com suas implicações naturais, continua interferindo na questão de tempo?

RBJ — Desde há mais de dez anos que a aposentadoria me daria um bom acréscimo nos ganhos. Mas, por achar que ainda tinha algo a oferecer aos jurisdicionados, só saí na compulsória, aos 70 anos.

O corre-corre doméstico aumentou, sem dúvida, e um elemento novo me surpreendeu: o da divisão de espaço, em casa. As mulheres não gostam de dividir, mesmo quando a divisão consiste no que já está dividido ou é comum. Mas tudo vem sendo administrado e mais tempo tem havido para a criação, tanto assim que, após a aposentadoria, já consegui terminar dois livros e estou em vias de concluir um terceiro, o que não significa que estejam prontos para publicação, pois ainda os estou retocando.

JCT — Como membro fundador da Associação Nacional de Escritores, quais as influências de Almeida Fischer na sua vida literária?

RBJ — Muito obrigado e cumprimentos, meu caro João Carlos Taveira, pela oportuna indagação. Conheci Almeida Fischer ainda no Rio de Janeiro, apresentado por Luiz Cláudio de Castro e Costa, escritor que com ele trabalhava no IBGE, cuja sede ficava próxima à Academia Brasileira de Letras e à Faculdade Nacional de Filosofia, onde eu estudava, na época. Depois disso

estivemos juntos num encontro com o grupo da “Revista Branca”, fundada por Saldanha Coelho, presentes este e, além de outros, Haroldo Bruno, Rocha Filho e Alberto da Costa e Silva, que era meu colega no Instituto La-Fayette e me levava com ele. Essa gente (eram todos jovens, mas muito promissores) estava organizando uma antologia de novos, da qual acabei não participando, apesar da insistência do grupo.

Lembra-me que Almeida Fischer então me disse que Luiz Cláudio já lhe falara a meu respeito e que fazia absoluta questão de conhecer trabalhos meus e de que eu viesse a participar não só da revista como da antologia em elaboração e ainda do Suplemento Literário d’“A Manhã” que, se não me engano, dirigia. Já aí, como percebe, estava aquele Fischer que depois veio para Brasília e que, ainda moço, estimulava os que se voltavam para a literatura, sem qualquer receio de concorrência.

Vim para Brasília, como redator da Câmara (e aqui abro um parêntese para acrescentar que, entre meus colegas de concurso e de atividades, estavam jornalistas, escritores e professores de expressão, como Raimundo Ferreira de Brito, Anderson Braga Horta, Rubem de Azevedo Lima, José Alves de Lima e outros), vim para Brasília, dizia, e aqui encontro, na Câmara, uma tarde, nada mais nada menos que o próprio Almeida Fischer, que também se transferira para cá.

Desde aí pude acompanhar seu empenho na busca de novos escritores e em descobrir e desenvolver meios para a consolidação de um ambiente cultural em Brasília, três, pelo menos, tendo sido as entidades de cuja fundação participou ativamente: a Associação Nacional de Escritores, a Academia Brasiliense de Letras e a Academia de Letras do Brasil.

Depois de me reencontrar, Fischer nunca mais deixou de me cobrar não só o retorno ao campo das letras como uma atuação mais assídua nele. Assim,



“ No período que vai de 1942 a 1946, escrevi e publiquei muita coisa, principalmente em verso, mas também em prosa, nesta já dando preferência à crônica, ao conto e aos artigos. ”

quando organizava *Contistas de Brasília*, publicado em 1965, não sossegou enquanto não lhe entreguei “Morituri”, conto com o qual participo da coletânea. Depois disso, nunca deixava de me arrastar para as reuniões de escritores que promovia e, quando esteve fora de Brasília, na Argentina, achou por bem indicar-me como vice de Bernardo Élis, também por ele indicado para a presidência da ANE, seja em consequência da amizade que os unia, seja em decorrência do valor do grande escritor goiano. Digo isso porque assim me falou.

Como eu estivesse demorando a publicar coletânea de crônicas e minicontos, que sabia existir, passou igualmente a me cobrar que o fizesse, por último entrando em contacto com a Assessoria de Imprensa junto ao Senado, que mantinha convênio com este, de sua interferência resultando que eu pudesse imprimir o livro em sua gráfica, mediante preço mais em conta. Lembra-me que, certa feita, simplesmente me disse que gostaria de escrever algo sobre meu livro e, se eu demorasse mais, talvez não pudesse fazê-lo. Pois bem, o livro saiu e a primeira apreciação sobre ele foi a de Fischer, no “BSB Letras”, e de forma a poder integrar o último volume de seu *Áspero ofício*, que não sei se chegou a concluir ou a imprimir.

Com orgulho e gratidão posso dizer que Almeida Fischer foi o grande responsável por minhas pazes com a literatura, inclusive fazendo com que integrasse as entidades acadêmicas que integro, bem como viesse a conhecer a maioria dos escritores que conheço e me toleram.

JCT — Por falar em Fischer que, depois de Manuel Bandeira, foi o mais ardoroso incentivador de jovens escritores, você não acha que Brasília hoje está meio órfã nesse sentido?

RBJ — Acho. Escritores, geralmente,

ostentam um perfil psicológico muito especial, o que decorre da própria solidão imposta pelo fazer literário. Mas sair à procura de novos talentos é algo que só merece aplausos os mais calorosos e isso Almeida Fischer fazia muito bem, sem prejuízo de sua constante atuação no campo sobretudo do conto, do romance, da crítica orientadora e, por último, até da poesia. Se alguém que revelara ou incentivara de imediato sobressaía no manejo da palavra escrita, isso imensamente o alegrava, o que bem demonstra sua grandeza.

JCT — Sinto que aqueles que deveriam fazer esse papel tão salutar à consolidação da literatura em Brasília estão cada vez mais arredios, não permitindo que novas vozes se destaquem para, inclusive, dar continuidade às suas próprias vozes. Com exceção de Cassiano Nunes, não temos mais nenhum escritor “pioneiro” preocupado com os novos. Como você vê esse fenômeno?

RBJ — Conforme acabo de observar, a personalidade daquele que trabalha com a palavra escrita se reveste de peculiaridades especialíssimas, dado o auto-enclausuramento a que se submete, em decorrência da natureza de seu ofício. A opção por este, contudo, não deve alçar-se ao ponto de sufocar a sociabilidade própria da natureza humana e de manter a distância os que chegam para receber e depois transmitir o fogo sagrado.

Se alguns dos que poderiam e até deveriam incentivar a consolidação da literatura em Brasília se omitem ou se mostram arredios, por temor de concorrência, isso, decididamente, é algo que não pode merecer contemplação. Na literatura, como em qualquer arte, há lugar para todos os que chegam, mesmo porque o perigo de um tomar o lugar de outro inexistente: cada personalidade é una e indivisível, mesmo os gêmeos univitelinos não sendo iguais.

A propósito, lembra-me que, quando minhas filhas idênticas como duas gotas d’água se iniciavam na criação de textos, lhes pedi, certa feita, que escrevessem algo sobre o que quisessem. Saíram e, dentro em pouco, uma me apresentou uma página poética, falando de flores e pássaros, enquanto a outra me trouxe um texto acerca do valor alimentício do chuchu. Assim é em tudo que escrevemos: cada um, enquanto criador, como disse, é insusceptível de ocupar o lugar de outro. Se tal aparentemente ocorre, é porque, pelo menos um deles, não merece o que ocupa.

Mas há uma área de apoio e de solidariedade onde, uma vez exercitada, qualquer empreendimento só tende a crescer e a consolidar-se. Aqueles que estão ou estejam em condições de ajudar devem fazê-lo, em benefício de todos. Quanto a mim, embora sempre tenha sido um metido comigo mesmo, um emimesmado, em determinada época, quando lecionei Português, pude destacar uma meia dúzia, pelo menos, de alunos que, em seus escritos, revelavam algo mais, ao ponto de haverem, apesar de já adultos, conseguido bons empregos mediante concursos, alguns deles chegando a profissionais da palavra escrita.

Ainda não me detive para pensar se, além de nosso grande Cassiano Nunes, existe outro escritor pioneiro preocupado em incentivar os novos. Mas sei de muitos que se voltam para o problema e que se encontram de corpo e alma engajados nessa nobre causa, como é o seu caso, Taveira. Você, meu caro amigo, é um daqueles que não só pode como já está fortemente envolvido nessa interpresa, através de suas múltiplas atividades, todas relacionadas com o fazer artístico em geral e literário em particular. Com batalhadores de sua tempera e da de outros, não tenho dúvida de que, em breve, nossa Capital se firmará e afirmará, no cenário cultural do País.



“ No tocante ao magistério, significou uma tentativa de retorno a uma atividade que me dava prazer realizando-me: a de repartir (aumentando) com meu semelhante um pouco do que aprendi. ”

JCT — Creio que a imprensa não tem dado muita importância ao nosso fazer literário, em decorrência da sua má formação e também — volto a frisar — do egoísmo daqueles que se escondem atrás de relações superficiais que, parece-me, não colocam em risco a sua falsa supremacia. Com isso, o ciclo evolutivo fica comprometido. Você concorda?

RBJ — A verdade, sem dúvida, é que a imprensa, nos dias que correm, ignora toda e qualquer manifestação cultural séria, que vise à melhoria do ser humano. O grande papel educativo que lhe cabe lamentavelmente não é por ela reconhecido e exercido, estando a causa disso, por certo, em sua má formação ou mau direcionamento. Onde andam os suplementos literários, outrora existentes em todos os jornais que se prezavam? E os poemas, artigos e crônicas assinados por jornalistas e escritores que nos levavam a comprar o periódico? E o incentivo aos novos, através de certames e notícias de eventos específicos? Parece que à imprensa, tal como feita no momento, só interessa o inusitado, o escândalo ou o blablablá, como a história da macaca que nadava até a ilhota defronte para se encontrar com o parceiro.

Com lágrimas nos olhos e voz embargada, alguns entrevistados explicavam, na televisão, não faz muito, como viera a morrer o macho, vítima de pneumonia. Mas, para minorar o sofrimento, que garantiam coletivo, logo se providenciou uma placa bem expressiva, que lembrará aos pósteros a figura do babuíno que, para sua glória, pertencia à família zoológica dos quadrúmanos e não à dos quadrúpedes, como seus incensadores. Será que a imprensa realmente acha que o povo gosta das baboseiras, diatribes e lixo que tanto divulga? As multidões acorrem aonde chamadas: se algo de bom lhes é indicado, irão lá, sem qualquer dúvida. Se o que se lhes oferece é apenas o

negativo, também é claro que serão tentadas a conhecê-lo e, em muitos casos, a praticá-lo.

Noutro dia alguém me perguntou onde estava funcionando a feira do livro, pois nada vira nem ouvira, nos veículos de comunicação da cidade. Essa pessoa, que estava em visita a Brasília, telefonara para a redação dos jornais, mas seus plantonistas de nada sabiam. Gente, isso aconteceu na Capital da República, onde, por sinal, tanto se divulgam as feiras de livros de São Paulo, Rio de Janeiro e Paris! Será que nossos jornalistas (ou a direção e os donos de nossos jornais, já que aqueles apenas são pautados) desconhecem que a rua de cada um é mais importante que todas as outras?

Como disse há pouco, todavia, não é só no alusivo à literatura propriamente dita que se percebe a deficiência ou a omissão de nossos jornais, mas em tudo que concerne à cultura que eleva. Perguntei as causas disso a pessoas da área, daqui e de fora, já que o fenômeno não é apenas local. As respostas, coincidentes, foram as de que o povo não se interessa pelos assuntos por mim mencionados, todos de uma cultura elitista que devia acabar. Está aí, meu caro Taveira, a mentalidade que predomina em certos meios de comunicação. Ora, exatamente para acabar com o elitismo da cultura é que é preciso divulgá-la. Ouvem o galo, mas não o localizam.

Focalizando o caso específico de nossa Capital, assinalemos que aqui existem dois diários, que disputam a preferência dos leitores. Em ambos se publicam alguns suplementos, durante a semana. Nenhum deles, contudo, é literário. Bastaria que um dos dois abrisse uma luz nesse sentido para que o outro, imediatamente, lhe seguisse as pegadas, procurando superá-lo. Quando soube que Luiz Gutemberg estava em um deles, com poderes de decisão, imaginei que algo aconteceria nessa

direção, já que, além de um jornalista de escol, é ele um bom escritor.

Ocorre que, até hoje, apesar das inúmeras melhorias feitas no “Jornal de Brasília”, a partir de sua chegada, nada aconteceu em tema de abertura de espaço à literatura. No “Correio Braziliense”, jornal de que todos aprendemos a gostar, já que surgiu (ou ressurgiu) com a cidade, existe um tablóide jurídico excelente, às segundas-feiras. Por que não se faz o mesmo em relação à cultura e, em especial, à literatura? Se o problema é o patrocínio e o leitor, por que não se consulta este e consegue aquele?

Gente, a imprensa precisa, de uma vez por todas, de assumir seu grande papel na educação popular!

JCT — Mudemos de assunto. Fale da sua formação literária, das leituras que influenciaram seu trabalho de escritor, das suas preferências nesse campo.

RBJ — Minha inclinação pela palavra escrita, ou meu vício por ela, começou com o aprendizado da leitura. Porque este foi um tanto sofrido, dir-se-á que, a partir dele, procurei recuperar o tempo perdido. Muitos usam droga e acham que, sem ela, não podem viver. Minha droga é a leitura. Só que a diferença entre a droga da leitura e as outras é que estas levam à morte, enquanto aquela nos faz viver mais e melhor.

Em razão de minhas divisões, li muitos livros de Filosofia, Psicologia, História, Direito e até de natureza agrícola (pois, em dado instante, me destinei à Agronomia), além de tudo que me caía às mãos, fosse de que assunto fosse. O que menos li, paradoxalmente, foi literatura propriamente dita. Na adolescência e depois nas fases que se lhe seguiram, contrai o hábito de ler revistas e suplementos literários (noutros tempos mais abundantes) e ainda antologias e autores variados, quando gostava destes na totalidade de sua obra, ou em grande parte dela.



“Depois de me reencontrar em Brasília, Almeida Fischer nunca mais deixou de me cobrar não só o retorno ao campo das letras como uma atuação mais assídua nele.”

Assim, e para mencionar apenas os de minha preferência, em conformidade com sua indagação, posso referir Humberto de Campos, Machado de Assis (este objeto de releitura na vida inteira), Euclides da Cunha, Érico Veríssimo, Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Marcel Proust, Joyce, Eça de Queiroz, Balzac, Dostoiévski, Bilac, Raimundo Correia, Gonçalves Dias, Castro Alves, Ribeiro Couto, Olegário Mariano, Vicente de Carvalho, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Jorge de Lima, Drummond, Camões, Fernando Pessoa e diversos outros.

Note que, no campo da poesia, não saí da língua portuguesa, apesar da leitura de poemas esparsos, de autores estrangeiros. Você deve ter notado ainda que, não só entre os prosadores como entre os poetas, preferi omitir os vivos, como João Carlos Taveira, no intuito de evitar lapsos que, em alguns casos, seriam imperdoáveis.

Meu caro João Carlos, já que você indaga de minhas preferências, gostaria de enfatizar que não me parece aceitável certo tipo de poesia em que se cultiva uma espécie de preciosismo hermético. Aham seus autores que devem inovar a todo custo e, por conta disso, inçam suas elucubrações de tantas armadilhas e subterfúgios que terminam por torná-las incomunicáveis, dúvidas havendo apenas sobre se eles próprios as entendem. Ora, a incomunicabilidade é a própria negação da obra de arte. Esta pode ser até incomunicada, nunca, porém, incomunicável. Se nada diz, nada vale e, como tal, inexistente.

Encerrados em suas torres, que não são de marfim, mas de empáfia, tais poetas apenas se prejudicam e comprometem a poesia, que não é isso que publicam e o povo sabiamente não lê. Supõem-se requintadamente vestidos, mas em verdade estão nus, como o rei, no conto famoso. Também como neste, abstêm-se as pessoas de

dizer o que vêm, pelo receio de não serem consideradas inteligentes. Outras artes igualmente são vítimas desses falsos gênios, principalmente a pintura e a escultura, além da música.

É claro que não cometeria a injustiça de, neste conceito, incluir os artistas de valor, mas difíceis, como o são, por exemplo, os que elaboram uma poesia mais endereçada à razão que à sensibilidade, o que os coloca, quase sempre, em nível de pouco acesso aos não iniciados. É neste plano, contudo, que cresce de importância uma crítica de fato esclarecida e esclarecedora, a cada dia menos presente, em condições de, com segurança e isenção, separar o joio do trigo, em matéria de arte.

JCT — Juan Ramón Jiménez, certa vez, por picardia ou má vontade com o engajamento de Pablo Neruda, afirmou tratar-se de um grande mau poeta. No seu entender, que é um grande poeta?

RBJ — Nada tenho contra o engajamento, meio através do qual o cidadão escritor luta pela prevalência de suas idéias. O escritor que se engaja, contudo, corre um risco: o de ter o destino de seu ideário, agradando a uns e desagradando a outros, o que dificulta o acesso ao valor estético de suas produções, sempre visualizadas com simpatia ou antipatia, conforme o gosto pessoal do leitor.

Pablo Neruda, decididamente, não foi um grande mau poeta. O autor do juízo, por certo, era contrário à ideologia do grande vate, daí o remoque. Temos de convir, no entanto, em que a ampla divulgação de seu nome se deveu mais à defesa de seus ideais libertários do que ao valor de sua obra. De qualquer maneira, e apesar de o engajamento lhe ter, de certa forma, custado a própria vida, enquanto artista foi beneficiado, na medida em que se tornou conhecido e sua produção literária foi mostrada.

Tenho para mim, repito, que ele foi

um grande poeta e não um grande mau poeta. Mas nesta apreciação não estarei, também, emitindo uma impressão subjetiva, um gosto pessoal?

Sucede, meu caro Taveira, que sua indagação é mais profunda. Pergunte-me você o que é um grande poeta, no meu entender.

Um grande poeta, para mim, é aquele cuja obra poética possui beleza, ou seja, tem valor estético, em grau elevado. Sem dúvida que esta afirmação há de ser melhor explicitada. Em primeiro lugar, há que referir, não o que eu acho deles, mas, de acordo com os filósofos que se debruçaram sobre sua natureza, o que são valores. Diferem estes das coisas reais e dos objetos ideais, já que não existem por si mesmos, mas naquelas, como qualidades a serem buscadas e alcançadas. Os valores não são, valem, fazendo com que as coisas, naturais ou resultantes da elaboração humana, não nos sejam indiferentes. Todas as coisas que nos cercam, fruto de nossa confecção ou não, com efeito, não nos são indiferentes, por isso que úteis ou nocivas, fortes ou fracas, verdadeiras ou falsas, belas ou feias, boas ou más, justas ou injustas, sagradas ou profanas, enumeração que não só nos sugere uma escala como a bipolaridade que as caracteriza.

Com esses elementos, já podemos assinalar que os valores são qualidades bipolares que aderem às coisas naturais ou elaboradas, nelas devendo ser buscadas e alcançadas ou, se se preferir, descobertas. Demais disso, embora não sejam demonstráveis, como são os teoremas, por exemplo, podem e devem ser mostrados e discutidos, reservada a indiscutibilidade às impressões subjetivas ou pessoais. Embora bipolares, os valores, como qualidades que são, não podem ter mensuração quantitativa, o que seria contraditório, nem conformações atinentes a espaço ou tempo. Com essas características, temos de convir ainda em que os valores são



“*Escritores, geralmente, ostentam um perfil psicológico muito especial, o que decorre da própria solidão imposta pelo fazer literário.*”

absolutos, permanecendo no plano da relatividade aquelas mesmas impressões subjetivas, estas sim variáveis de indivíduo para indivíduo e ainda em conformidade com o lugar e a época.

Desta ótica, para mim a correta, dizer, exemplificativamente, que um ato moral deixou de sê-lo, que o valor de uma obra de arte envelheceu ou foi superado, é um na China e outro entre os esquimais – são afirmativas que não passam de inominável heresia. O que varia, insisto, são as impressões subjetivas e os gostos (de indivíduo para indivíduo), a moda, os costumes e uma espécie de consenso (de acordo com o lugar e a época). Nem será por outra razão que sociólogos sem visão filosófica tanto se enganam quando proclamam, alto e bom som, que a moral é relativa. Isso, que me perdoem os açodados em discordar, é um disparate.

Com essas colocações, diria que uma obra de arte é aquela que, resultante do fazer humano, encerra valor estético, ou seja, contém beleza, não coincidente esta com a atribuída às coisas reais, já que os artistas, por exemplo, podem criar o belo, em suas obras, a partir de aspectos da miséria de qualquer natureza ou dos mostrengos do subconsciente.

Entendo, contudo, que a um grande poeta não basta elaborar um poema com alto valor estético: até aí só teríamos uma grande obra de arte. Será ele um grande poeta, verdadeiramente, quando elaborar alguns poemas de iniludível valor estético, ou seja, quando ao qualitativo juntar o quantitativo. Com esta visão, não teria dúvida em afirmar que Machado de Assis também foi um grande poeta, da mesma forma como Carlos Drummond de Andrade foi, por igual, um grande prosador.

JCT — Com a supressão da crítica literária dos jornais — que emigrou para as universidades travestida de crítica estruturalista —, como fica o escritor em relação aos parâmetros que

deveriam pautar a sua obra, fora do círculo suspeito dos amigos?

RBJ — O chamado estruturalismo, nas ciências sociais e humanas, bem assim na crítica, sobretudo a partir das elucidações da Psicologia da *Gestalt* e da Psicolingüística, é algo que merece respeito. Mas a crítica útil da produção literária é apenas aquela que orienta o leitor na descoberta do estético, mostrando-o e discutindo-o. Ora, não é isto o que sempre vimos: se uns, por vezes escritores frustrados, dela se valem para deitar sapiência e gostos duvidosos, desancando novos e velhos, a pretexto de defenderem a cidadela literária, outros se perdem em análises, que podem até ser estruturais, mas sem a objetividade e a visão sintética necessárias ao mister. Assim, sempre vi com alguma reserva o trabalho de nossos críticos.

Os psicólogos da Análise Transacional reduziram a um esquema muito simples os perfis dos integrantes da sociedade. Ou procederiam como *crianças* (sempre reprimidas ou prontas para uma rebelião), *pais* (a própria repressão) ou *adultos* (aqueles que alcançaram o ambicionado equilíbrio e se consideram *ok* e também aos outros). Na crítica, como em todas as atividades, há muitas *crianças* rebeldes, em geral *pais* incompetentes, mas de férula em punho, e poucos *adultos*.

A crítica literária, entretanto, é algo que deve retornar aos jornais, de preferência, é claro, nos moldes em que efetivamente há de ser praticada, vale dizer uma crítica *adulta*, que mostre e discuta o belo, nas obras de arte. Mas tudo, evidentemente, sem sofisticação e falso eruditismo, pois o belo é apenas belo, em seu esplendor. Só isso. Só isso? Não: tudo isso!

JCT — Depois de Guilherme de Almeida, conheço poucos poetas brasileiros que se têm dedicado ao

haicai com tanto afincio e conhecimento quanto você. Como foi sua aproximação com essa forma japonesa de poesia?

RBJ — Agradeço-lhe, meu caro Taveira, o conceito em que tem meus haicais. Embora lhes falte, a meu ver, aquele toque nipônico, a focalizar geralmente aspectos paisagísticos, no mais procuro realizá-los à minha maneira, é certo, mas nos moldes originários, inclusive medindo seus três versos cinco, sete e cinco sílabas. Componho-os, por vezes, com as rimas sugeridas por Guilherme de Almeida, mas acho que elas, em princípio, lhes atenuam a intensidade.

A meu enfoque, um bom haicai, além da síntese que lhe é própria, há de ser um poema em que não se diz tudo, mas detona, no leitor, o que lhe falta ou está implícito. Nele como que ligamos dois fios, aptos a produzirem uma luz ou delicado choque na sensibilidade de quem o lê. Aliás, exatamente escrevi um, ainda inédito, em que digo: *Descem-me do céu / dois fios mágicos. Junto-os. / Um haicai acende-se.*

Meu contacto com essa forma japonesa de poesia data dos tempos de ginásio, quando conheci o exímio haicaísta Oldegar Vieira, que trabalhou em Porto Velho, se não me engano como Secretário de Educação, e me ofertou seu livro *Folhas de chá*. Mas só passei do conhecimento à prática ultimamente, quando obrigado pelos médicos a caminhadas matinais, livre a imaginação, enquanto as realizava. Dessas andanças nasceu meu livrinho *Em tom menor*, com cem quadrinhas e cem haicais. Depois dessa experiência, embora continue caminhando, sofri minha aventura no campo dos haicais. Noutro dia um me aconteceu, mas, por que não o *salvei*, o perdi, no computador da memória.

JCT — Antes de encerrar, tenho uma



“Ainda não me detive para pensar se, além de nosso grande Cassiano Nunes, existe outro escritor pioneiro preocupado em incentivar os novos.”

pergunta que faço a todo poeta, mas que, no seu caso, sofrerá pequena modificação. Qual o seu processo de criação? Quando e como nascem poemas, crônicas e contos?

RBJ — O primeiro passo, quando me disponho a escrever, é entrar como num estado de graça ou de alfa que, como costumam dizer, é algo entre o sono e a vigília. Nessa postura, que não significa transe, como que flutuo e minha mente se aguça. Ocorrendo uma idéia, um tema, um assunto, tudo, por vezes como num relâmpago, se delineia, com princípio, meio e fim. Então, é só traduzi-lo em palavras. Prefiro escrever devagar, o que, paradoxalmente, importa em rapidez, porquanto depois pouco há a modificar. Frequentemente não elaboro com minúcias, mentalmente, o que pretendo desenvolver, seja por falta de paciência, seja porque, quando assim procedia ou procedo, acabava ou acabo, em seguida, imprimindo outro rumo ao texto.

Em se tratando de uma crônica, em princípio digressão e comentários em torno de um fato, de um artigo ou dissertação, o processo é mais simples, bastando encontrar o fio da meada para que esta logo se vá desenrolando, até a dimensão desejada. Em se cogitando de um conto, a criação passa por essa fase, mas ainda se torna necessário um enredo mais ou menos delineado, embora, em alguns, tenha dispensado isso, fluindo a trama à medida que escrevo, com desfecho de todo imprevisto para mim. Lembra-me que, uma feita, me acudiu, não mais que de repente, uma narrativa completa. Como não a escrevi de logo nem a anotei depois, acabei por esquecê-la, sem que de novo me retornasse.

Em se cuidando de um poema, este geralmente ocorre num momento de flutuação, algo como um levar. Como se vê, o processo é o mesmo, apenas mais requintado. Se se adequa a uma

dicção mais moderna, sem métrica e sem rima, é só escrevê-lo e trabalhar sobre ele, nem sempre em seguida (e é melhor que não o seja), a fim de chegar à forma definitiva. Se a inspiração, ou que outro nome tenha, sinaliza para uma forma com incidência de métrica e rima, ou apenas de métrica, surta a matéria, por vezes um tanto indefinida em seus contornos, ponho-me a elaborá-la, nem sempre chegando a um resultado satisfatório, pelo menos de pronto.

Apenas a título de ilustração, posso contar-lhe que, uma tarde, durante a sessão plenária do Tribunal de Justiça em que atuava na época (1995), votava-se matéria de extrema complexidade e cada um de nós como que tinha um enfoque diferente, acirrados os debates. Chegada a minha vez, e era um dos últimos a votar, externei o que pensava sobre o tema, e meu ponto de vista era divergente de quanto se dissera até então. Como meu voto me satisfizesse e ninguém me apartasse ou solicitasse esclarecimentos, imediatamente experimentei como que um relax e, a tal ponto me descontraí, que tomei da caneta e rabisquei: *Saltou, como em transe, / do alto prédio e, enquanto / descia / (ou subia?), / Maria, / por instantes / pássaro, / anjo, / os braços muito abertos, / como asas, / antes / de tocar o chão / (ou o céu?), / sorria*. Mais tarde, em casa, notando que o poema lembrava “Ismália”, de Alphonsus de Guimaraens, intercalei, entre *Maria* e *por instantes*, estes dois pequenos versos: *que nunca soube / de Ismália ou Alphonsus*. Este poema, sob o título de “Salto”, foi selecionado por Joanyr de Oliveira e publicado na antologia *Poesia de Brasília*, por ele organizada (Sette Letras, 1998, p. 333).

JCT — Romeu, foi ótimo nosso bate-papo. Pena que chegou ao fim. Mas fale-me dos seus projetos, dos livros

que estão prontos para publicação e, sobretudo, do seu romance...

RBJ — No tocante a projetos, e na medida em que pode tê-los um setentão, penso em escrever o que der, recuperando-me da dieta judiciária, entre as metas estando o término de um livro de crônicas e minicontos (já em fase adiantada de elaboração), e possivelmente um romance, retomando o tema daquele que rasguei na adolescência, com um título como *Memorial da selva*, se outro melhor não me ocorrer, por fim. Também penso em algo como memórias, voltadas para certas miudezas de minha vida e do que vi, ao longo dos caminhos.

Quanto a livros prontos para publicação, tenho dois de natureza literária propriamente dita, concluídos após minha aposentadoria: um de poemas e outro de contos, sendo que o último ainda está sendo burilado e o primeiro, volta e meia, é ampliado com novas unidades.

No tocante a romances, se a experiência há pouco mencionada for bem sucedida, é provável que de outros cogite, se tempo houver, sendo que material para tanto existe.

Agora, se, ao falar em romance, o meu caro entrevistador busca revelações de minha vida, o que parece aflorar de seu sorriso, lhe direi que, na década dos vinte anos, conheci uma jovem encantadora (ela um tanto mais moça), com quem me casei, a professora e advogada Ruth Silveira, após o matrimônio também Jobim, da união resultando três filhas e, até o momento, sete netos. Sob o aspecto familiar e afetivo, considero-me um homem realizado. Ruth também gosta de ler e de escrever, e isto é muito bom, quando mais não seja porque nos compreendemos, em nossas distrações. Dessarte, se o importante é plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro, cheguei lá, graças a Deus.

FOLCLORE

Constitui folclore a maneira de sentir e agir de um povo, conservada pela tradição e transmitida oralmente.

O dia 17 de agosto é consagrado ao folclore. Neste ano estamos comemorando o cinquentenário da morte de Monteiro Lobato, escritor que sempre buscou no nosso folclore inspiração para suas histórias infantis. Todos os anos, as escolas valorizam o Dia do Folclore. O escritor paulista Bariani Ortencio nos fala sobre o assunto.

Fonte de sabedoria popular

□ **BARIANI ORTENCIO**

Folclore é termo inglês - *folk-lore* - criado e publicado em 1846 por William John Thoms, no dia 22 de agosto. É por isso que o dia 22 de agosto é o Dia do Folclore.

A palavra folclore, ao pé da letra, significa povo (*folk*) e saber (*lore*), ou seja, saber do povo. O significado antigo, e que já não se usa, era antigüidades populares.

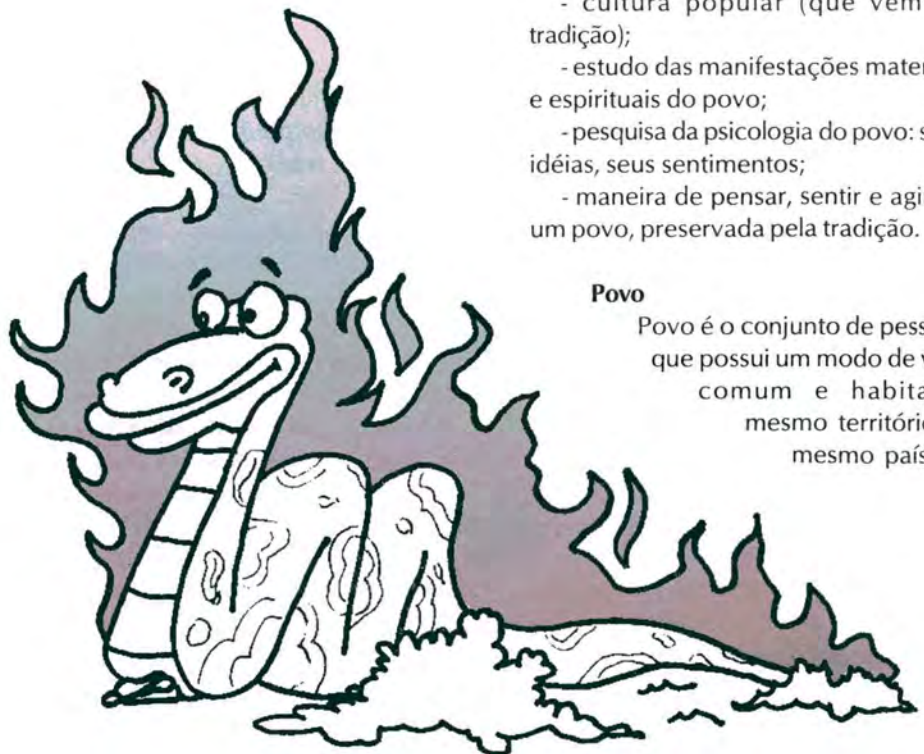
Folk-lore com o tempo perdeu o hífen e ficou *folklore* que, aportuguesado, passou a ser folclore, a partir da reforma ortográfica brasileira, em 1943, quando a letra **k** foi substituída pela letra **c**.

Folclore tem muitas definições:

- ciência popular;
- saber popular ou saber do povo;
- conhecimento do povo;
- estudo popular;
- cultura popular (que vem da tradição);
- estudo das manifestações materiais e espirituais do povo;
- pesquisa da psicologia do povo: suas idéias, seus sentimentos;
- maneira de pensar, sentir e agir de um povo, preservada pela tradição.

Povo

Povo é o conjunto de pessoas que possui um modo de vida comum e habita o mesmo território, o mesmo país. O



povo, muitas vezes, é confundido com as camadas menos favorecidas, tanto na área econômica, quanto na social e cultural. O povo é, usando a expressão popular, o povão, a massa de gente, de que tanto ouvimos da boca dos políticos e dos cantores populares.

Não se diz que "o povo fala errado"? Grande parte dos habitantes de países subdesenvolvidos não usa a linguagem culta por falta de instrução. No entanto, o povo é sábio e tudo o que diz e faz contém grande sabedoria - sabedoria do povo - folclore. "A voz do povo é a voz de Deus", quer dizer que, quando o povo fala, aí há verdade, há sabedoria.

Sabedoria do povo

Por mais simples que seja, tudo o que o povo pensa, sente e faz é sabedoria, resultando em: parlendas, trava-línguas, romance, juras, xingatórios, artes, teatro, gestos, danças, encantamentos, ritos, magias, desafios, tabu, instrumentos, pregões, correntes, jogos, brinquedos, técnicas populares, ferramentas, rendas, tecelagem, trançados, cestarias, bordados, móveis e utensílios, festas religiosas e tradicionais, orações, cantigas e literatura de cordel (folclore dos estados nordestinos).

Todos os povos têm seu folclore. No meio do povo há sempre alguém que cura sem ser médico, usando mezinhas e garrafadas; tem quem calcula sem ser matemático ou engenheiro e quem conhece o sol, as estrelas e a lua, sem ser astrólogo. O homem simples é inteligente, intuitivo, observador e, mesmo sem estudos, conhece as fases da lua e assim as usa: extraíndo madeira na minguante, terá maior duração, porque não caruncha; nessa mesma fase ele esgota as jazidas de argila para que o material cerâmico não rache ao secar e ao ser queimado; na lua cheia ele pesca, pois, na nova e na minguante, os peixes estão com os dentes doloridos e não comem a isca do anzol; na crescente ele planta. O homem se orienta, à noite, pelas estrelas, pela posição da lua e pelo Cruzeiro do Sul. Isso mostra que os astros estão atuando na vida e no comportamento do homem simples. A ciência captou esses conhecimentos rústicos e fez estudos baseados neles.



O folclore não fica só com o povo inculto, chega à sociedade, às camadas eruditas, influi e incentiva as letras e as artes. Muita gente culta e erudita evita o número treze, levantar-se da cama com o pé esquerdo, passar debaixo de escada e... todas as outras superstições que você encontrar neste trabalho.

Falso conceito de folclore

Há muita gente, porém, que ignora ou não leva a sério o folclore. O filho de um prefeito do interior quis entrar no clube, num baile de carnaval, sem ser sócio e sem pagar, alegando que tinha direito, porque filho de prefeito era filho de prefeito, carnaval era carnaval e o mais tudo era folclore (bobagens).

O próprio João Saldanha, grande comentarista de futebol, fazendo propaganda na televisão, dizia o nome do melhor óleo lubrificante e que o resto era folclore.

Além disso, os jornais criaram o absurdo, chamando de folclore político o que não é folclore coisa nenhuma; são piadas, gafes, mancas, colocações impensadas e desastrosas dos políticos, cujo nome deveria ser anedotário político. Folclore é coisa séria, é ciência.

Esses ditos poderão virar folclore daqui a muitos anos, se ficarem na boca do povo e desaparecerem os nomes dos seus autores.

As palavras que seguem são do emérito professor Ático Vilas Boas da Motta, da Comissão Nacional de Folclore da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas - UNESCO -, num trecho de artigo publicado no "Diário da Manhã", de Goiânia, em 21-11-82:

Não vejo por que se confundir a matéria folclórica com o bizarro, o exótico, o anedótico. Atrás deste mato tem coelho reza o antigo refrão. A cada momento leio nos jornais expressões desta natureza: folclore político, fulano virou folclore, sicrano é folclórico, e assim por diante.

Características

Só é folclore o que for anônimo. Se alguém inventou o fato, já é autor, já é dono, mas, com o passar do tempo, se esse autor for ficando esquecido, o fato pode passar a ser folclórico, anônimo, isto é, ser do domínio público.

O que caracteriza o folclore é o anônimo, o coletivo, o popular e o tradicional. Vamos explicar: tudo o que vem lá de trás, de muitos anos, da tradição, passando de uns para os outros (tradicional); o que foi criado pelo povo (popular); o que não tem dono, de domínio público (anônimo) e aceito por todos ou por muitos (coletivo). Acrescentemos o funcional, por ser útil ao povo.

Como vimos, folclore é a ciência do povo. É o conhecimento popular demonstrado pelo conjunto de lendas, tradições, poesias, canções, melodias, crenças e superstições, adivinhações, provérbios, narrativas, usos e costumes, contos diversos (também contos de fadas), estórias, fábulas, apólogos (fala de animais), mitos, medicina, cozinha e artesanato, mas tudo recolhido da tradição oral, de boca em boca, sem antes estar registrado em livros ou em quaisquer outros escritos. O fato para ser folclórico tem de ter cheiro de museu, de coisa antiga.

O fato folclórico

Analisaremos as cinco características ou elementos necessários para que

tenhamos o fato folclórico:

1. Ser anônimo - Como vimos, o fato precisa ser anônimo, isto é, não ter autor conhecido. Claro que tudo tem o seu autor, mas, no caso do fato folclórico, a autoria perdeu-se no tempo. Há muitas histórias que nos vieram de outros países, mas que aqui no Brasil se modificaram e continuaram sem autor, como a de dona Baratinha, aquela que achou um vintém, pensou que estava rica, muito rica, e saiu procurando quem queria se casar com ela.

Encontramos essas histórias até musicadas e podemos ouvi-las em discos. A história de dona Baratinha veio da Índia, onde existe há dois mil anos. Aqui, modificou-se, abrigou-se, pois quem se casou com ela foi o brasileiro João Ratão que, no dia do casamento, morreu dentro de um caldeirão de feijoad. Quem pôs o nome no rato de João Ratão? Ninguém sabe, como também não se sabe quem falou pela primeira vez: "Quem tem boca vai a Roma". E, ainda, a história da Gata Borralheira, do Pedro Malazartes, da Sapa Casada, do Chapeuzinho Vermelho, todas de origem européia. No entanto, a maioria das histórias de bichos são de origem indígena brasileira.

Talvez você esteja estranhando a gente falar de história e não de história. É porque história é a oficial, a verdadeira, como a História do Brasil, a História da Civilização, e história é coisa inventada, como as lendas, os contos. Enfim, o que deve ficar bem claro é que o fato folclórico tem de ser anônimo, não ter dono.

2. Ser coletivo - O fato tem de ter aceitação coletiva, isto é, ser aceito pelo povo. O povo conhece o fato folclórico, como a história ou a modinha, por exemplo, aprende, aumenta inventando, elimina o que não gosta e a história ou a modinha segue em frente, tendo o povo como autor. Há um ditado que diz: "Quem conta um conto aumenta um ponto". Conforme a região, o povo canta e dança de um jeito; se não está de acordo com os seus costumes, isto é, o seu modo de agir, esse povo modifica o fato folclórico. Em resumo, como já dissemos, o fato folclórico

tem de ser aceito pelo povo.

3. Ser oral (popular) - O fato folclórico tem de ter transmissão oral, que é a que se faz de boca em boca, uns contando para os outros. É o que se transmite pela fala, mesmo hoje em dia, quando já se diminuiu bem o analfabetismo e a imprensa é moderna e penetrante. Antigamente não havia livros impressos, jornais, e tudo era transmitido oralmente. O artesanato, além de ser aprendido oralmente, na prática, por exemplo, pode ser também imitado.

4. Ser tradicional - O fato tem de ter tradicionalidade, pois, mesmo sem professores para ensinar, se repete pela tradição: o que o pai faz também o filho pode fazer aperfeiçoando, já que a cultura é viva e dinâmica.

5. Ser funcional - O fato tem de ter funcionalidade, pois tudo tem sua função e utilidade, seja para a sobrevivência, seja para o lazer. O povo não gosta de cantar? Canta até rezando, canta para fazer o nenê dormir, canta para se alegrar no trabalho, para festejar e até para enterrar os mortos. O povo não é como os eruditos (pessoas que adquirem conhecimentos pela leitura), que fazem as suas festas quando querem, mas tem as suas datas certas, conforme sua

tradição. No Natal temos as pastorinhas, os bailes pastoris, as folias-de-reis. As congadas e os moçambiques louvam a Senhora do Rosário e São Benedito (o santo negro) nos seus dias. E assim por diante...

Formação do folclore brasileiro

O folclore brasileiro foi formado pelos portugueses, pelos africanos e pelos índios brasileiros. Houve mistura desses povos e surgiram daí muitos outros fatos folclóricos. A cantiga de ninar, por exemplo, foi cantada pela mãe preta (africana), com música portuguesa e palavras indígenas:

*João curututu
Detrás do murundu
Vem pegar nenê
Que tá com calundu.*

As histórias contadas, primeiro pelos portugueses e depois pelos escravos africanos, tiveram de ser modificadas para o entendimento, adaptadas aos usos e aos costumes do povo da nova terra. Assim também se deu com as danças, as cantigas, a mímica e o artesanato, variando este de acordo com a matéria-prima encontrada na região.

O artesanato é a ciência popular mais útil, imprescindível ao homem. Partindo da colher de pau e da gamela, indo às máquinas rústicas de madeira como o tear, o engenho de cana e o carro de bois, chegou enfim à cerâmica, à cestaria, à tecelagem, à vestimenta, à alimentação e às bebidas.

Os usos e costumes, as crenças e superstições, trazidos de além-mar pelos portugueses conquistadores, foram modificados pelos nativos, habituados apenas com as manifestações da natureza. Hoje eles se encontram arraigados no povo brasileiro, que os passa para seus descendentes.

Os jesuítas cantavam as ladainhas, e os indígenas interpretavam-nas sem muito entender, ocasionando alterações e até aberrações, que são usadas até hoje pelos rezadores.

As cantigas de roda, as folias, as histórias, as brincadeiras, as cantorias, a



prosa rimada e todas as demais manifestações folclóricas não são as mesmas em todos os estados brasileiros. O folclore não é estático, não pára, está sempre em movimento, modifica-se, transforma-se de uma região para outra, pela criatividade própria ou pela intuição. As danças e os ritmos são diferentes do original.

Os fatos folclóricos continuam sendo adaptados, recriados; a criatividade deslança, já que o povo inventa muito, cria tudo para suprir suas necessidades e resolver situações, e sempre com muita fé em Deus e em seus santos de devoção. A religião aqui implantada pelos jesuítas catequistas foi o elo de união entre os povoadores do Brasil e os indígenas, nos seus primórdios, e pelos escravos africanos mais tarde. Tudo isso contribuiu, enfim, para a formação do folclore brasileiro.

Folclorística

Folclorística é a ciência que estuda o folclore, que dá tratamento científico aos dados coletados (pesquisados). Uma das suas divisões, a folclorística urgente, cuida de fazer, sem demora, os levantamentos, as coletas e o arquivamento do material folclórico, que tende a desaparecer com o progresso gerador da tecnologia, a maior inimiga do folclore.

O estudo do folclore no Brasil foi, por bem dizer, oficializado em 1951, no I Congresso Brasileiro do Folclore, no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto, documentado pela Carta do Folclore Brasileiro, que criava a Comissão Nacional do Folclore. Foi reforçado em 1958, no dia 5 de fevereiro, pelo Decreto nº 43.178, que criou a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, hoje transformada no Instituto Nacional do Folclore.

Pioneiros

José de Alencar e Gonçalves Dias, dois grandes escritores brasileiros, foram os



primeiros a usar o folclore na literatura, assim como Alberto Nepomuceno e Alexandre Levy, na música. Os brasileiros Amadeu Amaral, João Ribeiro e Afrânio Peixoto foram os primeiros a reclamar, a dar sugestões e a insistir para serem criadas entidades e programas culturais para o início do estudo do folclore no Brasil. E a base de tudo seria, e foi, a busca, na alma do povo, de conhecimentos que tornaram e tornarão duradouras várias obras literárias.

O estudo do folclore nas escolas

O estudo do folclore deveria ser obrigatório nas escolas, pois estudá-lo é conhecer o próprio povo, com tudo o que lhe diz respeito. É o exemplo que vem do passado, transmitido por meio das gerações. É a soma dos usos e costumes, superstições e artes das várias regiões do país.

A lenda do boto que emprenha as moças inocentes é da bacia amazônica. As histórias de sereias são do litoral e assim por diante. Para conhecer tudo isso, precisa-se estudar. E o estudo do folclore deve começar na escola primária, para que as crianças comecem sua aprendizagem, baseadas no conhecimento da sua gente, sem sentir vergonha da mãe benzedeira, por exemplo.

A criança deve viver no mundo da fantasia, com as cantigas, os contos fantásticos e maravilhosos, os trabalhos manuais, pois assim ela cria, modifica e

pode ter sua base de vida menos áspera. Tudo isso irá amenizar o que ela terá de enfrentar quando adulta, porque a vida está ficando cada vez mais complicada.

Uma criança identificada com o folclore tornar-se-á o adulto que amará a Pátria e os seus semelhantes. Depois dos conhecimentos básicos do folclore, aprendidos na escola do 1º grau, o estudante terá competência e prazer para continuar o estudo do folclore nos cursos superiores.

O Dia do Folclore

O Dia do Folclore foi instituído em 17 de agosto de 1965 pelo então presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, pelo Decreto nº 56.747:

“Art. 1º - Será celebrado, anualmente, a 22 de agosto, em todo o território nacional, o Dia do Folclore.

Art. 2º - A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do Ministério de Educação e Cultura e a Comissão Nacional de Folclore Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e respectivas entidades estaduais deverão comemorar o Dia do Folclore e associarem-se a promoções de iniciativa oficial ou privada, estimulando ainda, nos estabelecimentos de curso primário, médio e superior, as celebrações que realcem a importância do Folclore na formação cultural do país”.

Além disso, em Goiás, o deputado Ursulino Tavares Leão instituiu, em 29 de outubro de 1968, por meio da Lei nº 7.152, o Mês do Folclore, a ser comemorado anualmente no estado com festejos populares, representações, aulas, palestras e cursos sobre temas folclóricos.

Essa lei teve grande repercussão nos meios culturais de Goiás e de São Paulo. Deputados de outros estados deveriam fazer o mesmo.

Bariani Ortencio é escritor. (Trecho retirado do livro *Cartilha do folclore brasileiro*, Prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras em 1986.)

Monteiro Lobato

admirador de Euclides da Cunha

Um estudo comparativo entre os dois escritores

□ CASSIANO NUNES

Faz cinquenta anos que o escritor Monteiro Lobato faleceu. Qual é a criança brasileira que não conhece as histórias do "Sítio do Picapau Amarelo"? Lobato valorizou muito o nosso folclore, retirando dele vários personagens. Nesse ensaio Cassiano Nunes fala de Lobato e de Euclides da Cunha.



Humano, demasiadamente humano, no meu entender, Monteiro Lobato representa um convite para a elaboração de estudos comparativos. Foi mesmo nesta área comparatista que, pela primeira vez, me animei a escrever sobre o autor de *Urupês*. Nos Estados Unidos, na modesta mas estimulante Miami University, de Oxford, Ohio, assisti a um excelente curso do prof. Edgar M. Branch sobre os escritores do Oeste Americano e foi aí, então, que me veio a idéia de comparar o gênio de Taubaté com o gênio de Hannibal, Missouri, Mark Twain. Na simpática cidade do Oeste Médio, no fim do citado curso, ofereci como o *paper* regulamentar ao prof. Branch um esboço de comparação entre o contista de *O engraçado arrependido* e o famoso humorista de *The celebrated jumping frog of calaveras county*. Sim, não passava de um pálido esboço pois faltava-me, na terra estrangeira, o material lobatiano. Voltando ao Brasil no devido tempo, completei o ensaio ambicionado: "Mark Twain e Monteiro Lobato: um Estudo Comparativo".

Recentemente, cogitando em apontar as possíveis influências de Euclides da Cunha em Monteiro Lobato, fui reler essa obra capital e singular que é *A barca de Gleyre*, pois recolheu a correspondência de Lobato, enviada durante cerca de

quarenta anos, a seu companheiro de juventude Godofredo Rangel, residente em Minas. Pretendia eu, nessas cartas, sobretudo as que foram escritas na juventude, respigar as referências a Euclides, o que de fato fiz. Mas uma leitura paralela das obras principais de Euclides da Cunha, cujo poder de atração é conhecido, acabaram por desencadear em mim o firme desejo de uma empreitada que oferece riscos: estabelecer uma comparação entre os dois grandes escritores. É fácil perceber que tiveram alguns pontos em comum e será muito interessante observar em que divergiram essas almas de escol. Dois grandes intelectuais brasileiros nascidos e criados no interior, representantes lídimos da nossa cultura, das nossas letras, com freqüência se diferenciam, colidem, não obstante a herança epocal que receberam.

Por conseguinte, como primeiro ponto desta atividade, vou recolher referências a Euclides na correspondência de Lobato dirigida a Godofredo Rangel e transcrevê-las aqui. Deixaremos claro, em primeiro lugar, quanto o taubateano admirava o fluminense. Em carta de 1º de novembro de 1908, aponto o seguinte trecho: "Uma desgraça nunca vem só, diz o povo. Não bastava o desaparecimento de Machado de Assis. Foi-lhe na peugada o Artur Azevedo e agora o João Pinheiro. Seria possível morrerem quase ao mesmo tempo três melhores homens? E houve nisso uma coincidência. Machado de Assis era diretor duma Secretaria e por sua morte foi promovido para o lugar o Artur Azevedo. Apareceu na repartição uma vez só. Parece lugar fatal. Tenho medo de que ponham lá o Euclides da Cunha..." Assim dessa maneira leve, cômica, Lobato confessa a sua admiração pelo criador de *Os sertões*.

A 6 de julho de 1909, lá vem outra referência a Euclides, dando opinião sobre o livro de Alberto Rangel intitulado *Inferno verde*: "O *Inferno verde* é bom, mas não é essas coisas que o Ricardo anda dizendo. É um livro que seria original se não existisse Euclides da Cunha, mas não é obra-prima. O homem concentra coisas demais em cada frase, o que



***O escritor, poeta
e crítico Cassiano Nunes
é um dos maiores
especialistas brasileiros na
obra de Monteiro Lobato***

impõe ao leitor um grande esforço de atenção - e isso cansa."

A 7 de julho de 1909, portanto no dia seguinte à escrita da carta anterior, Lobato, elogiando a leitura do dicionário e o melhor conhecimento do vocabulário, volta a referir-se a Euclides: "Euclides da Cunha foi um grande ledor de léxicos. Em *Os sertões*, eu notei como ele fugia à vulgaridade sem cair no abstruso, por meio do emprego de palavras que o jornalismo não estafou (porque a cachorra que achata todas as palavras da língua é sempre o jornalismo). Em vez de prematuro, *imaturo*. *Implexo* por *complexo* etc... Uma variação do prefixo, o afastamento dos prefixos habituais da imprensa - e a frase fica mais fina, toda petulante de distinção. A desgraça em tudo é a vulgaridade - 'toda gente'."

A 1º de setembro do mesmo ano, depois de fazer confidências a Rangel a respeito do que estava escrevendo, Lobato inesperadamente refere-se à morte trágica do historiador do massacre de Canudos: "E o Euclides da Cunha? Que horror, hein? Aquilo não me sai da cabeça. É como se eu houvesse levado

a bala. Euclides naquele meio - com um inferno na cabeça ..."

A 27 de setembro de 1910, de Taubaté, aonde foi em virtude da morte do sogro, Lobato assim se manifesta: "Coincide andarmos a ler o mesmo livro, *À margem da história*. Como é novo, como são inéditos entre nós a idéia, o pensamento, o estilo, a língua de Euclides! E por causa duma simples mulher esse homem estupendo desapareceu na voragem."

Ainda de Taubaté, a 11 de setembro de 1911, Lobato torna a falar de Euclides e o faz longamente numa análise do estilo do engenheiro que se revelou grande escritor: "Rangel, volto ao Euclides. Estive a lê-lo e pareceu-me que a sóbria e vigorosa beleza do seu estilo vem de não estar cancerado de nenhum dos cancros do estilo de toda a gente - estilo que o jornalismo apurou até ao ponto-de-bala acadêmico, tornando-o untuoso, arredondado e impessoal". Lobato afirma que Euclides evita prepor o adjetivo ao substantivo "o que contraria a lógica da percepção cerebral". O autor de *Cidades mortas* também aponta, nesse gênio das Letras, a agudeza de dar a preferência às formas verbais simples, e empregando só as compostas, quando indispensáveis.

Em carta datada de 10 de outubro de 1911, referindo-se a uma página escrita por Edgard Jordão, seu companheiro de boêmia literária, e que fora publicada em

homenagem a Euclides, não sei se motivado pela lembrança do escritor épico da guerra de Canudos, Lobato se auto-analisa, subestimando-se como escritor. Assim se manifesta: "Quanto ao que me propões, não sei... Sou incapaz de Literatura; convenci-me disso em Areias, onde tinha todo o lazer possível e não produzi nada. Minha literatura não é de imaginação; é pensamento descritivo; não cria - copia do natural". Imagina-se o criador do Jeca Tatu um pintor, embora mau pintor. Conclui, então: "Talvez seja capaz dum livro de viagens, de impressões e até de pensamentos, porque meu cérebro pensa - mas é só."

Já que falamos em Areias - cidade onde também andei na fase mais dolorosa da minha vida -, "cidade morta", para usar a sua própria denominação, vale a pena lembrar que, por um tempo, lá Lobato ocupou o mesmo quarto em que antes se hospedara Euclides da Cunha... Como me comove pensar nessa coincidência!

Já radicado em São Paulo, em 1917, no começo de sua carreira triunfal de escritor e criador de progresso, e referindo-se a uns fios brancos de cabelo (decerto imaginários, ficção de literato), ele reconhece a influência brutal de Camilo. Confessa, então, seu interesse pelos escritores fortes, intensos, porventura violentos - os Kiplings, os Menckens, os Gorkis - e seu desinteresse pelos delicados, mimosos, femininos. Peço licença para lembrar um desses autores bravos, impiedosos, fortes, agressivos, que Lobato conheceu pessoalmente e admirou. Hoje está

inteiramente esquecido. Refiro-me ao ex-padre e mulato de Diamantina, Antonio Torres, que escrevia calorosamente páginas de escritor clássico. Autor de *Verdades indiscretas*, *Prós & contras*, *Pasquinadas cariocas*... Aos autores graciosos, casquilhos, Lobato chamava de capilés. Não ofereciam sabor forte. Não transmitiam calor ao corpo, não embriagavam. Assim se refere a José de Alencar (a meu ver, injustamente), Macedo, Bernardo Guimarães. Mesmo Coelho Neto e Machado, não obstante o reconhecimento que lhes devota, a situação especial em que os distingue, não escapam da denominação básica e pejorativa de capilés. Só faz duas exceções: "Rui não é capilé. Euclides também não é capilé - mas se o fosse seria capilé com geodésia."

Felizmente, a pesquisadora lobatiana D. Hilda Junqueira Villela Merz, sabedora de que eu viria a São José do Rio Pardo falar sobre Lobato e Euclides de maneira espontânea, mandou-me cópia de uma carta de Lobato, de que já me esquecera. Dirige-se a missiva a duas crianças pertencentes a um grêmio literário da cidade venerada, a que se dera consagradamente o nome do criador do Sítio do Picapau Amarelo. Esse grêmio devia ter sido inspirado por pessoa generosa que Lobato bem conhece, mas não revela. Vamos à carta: "São Paulo, 18-4-944. Arivésio e Maria Luiza: Presidente e Secretária do MEU Grêmio Literário em São José do Rio Pardo. Acabo de receber (e

no dia dos meus anos) o belo, o bellissimo ofício de 14 que evidentemente não saiu de cabecinhas ainda cruas como devem ser as de vocês e o estilo está muito nas linhas dum "anjo" que há por aí... Nele se dizem de minha pessoa as mais lindas e bem estilizadas coisas e até chegam a dar-me tratamento de Vossa Excelência, um tratamento lusitano, que tem a propriedade de embaraçar as pernas como um vestido de cauda. E contam da fundação do MEU grêmio e me intimam a informar "com a possível presteza" da "minha honrosa aquiescência" à homenagem que os gentis meninos haverão por bem prestar-me na instalação oficial do grêmio.

Meu menino e minha menina: confesso que vocês me assustaram! Tanta pompa, tanta Excelência, tanto adjetivo de luva e cartola, tanta beleza estilística para cima do mais pobre dos marqueses, tudo isso o deixou mais chato que o Visconde quando o Dom Quixote lhe desabou em cima. E fiquei num dilema: ou ir e escandalizar a

requintadíssima assistência de São José com a minha viscondal chateza, ou... mandar alguém por mim. Porque, meus meninos, S. José do Rio Pardo é a única cidade deste país que me mete medo. Por causa do Euclides da Cunha.

Rio Pardo se alcandorou tanto, se aprimorou tanto em altas cavalarias estilísticas, tem ouvido tantos condores importados de fora que aí abrem as majestosas asas dos discursos e conferências, que um tipo insignificante como eu nem sabe como tratar um riopardano: Sua Excelência, Sua Truculência, Sua Euclidência... E fica tal qual Tia



Nastácia quando defrontou S. Jorge na viagem a Lua (quarta edição do ano passado, pág. 53), atrapalhada e trocando as palavras. Cumpre ainda notar que Tia Nastácia tinha no bolso umas palavras de alto coturno, próprias para tais emergências - e em matéria de penas de condor eu sou pelado como um ovo.

E pois vou mandar por mim o Visconde de Sabugosa. Esse não se engasga em situação nenhuma, como demonstrou nas aventuras contadas no *Minotauro*. E garanto que vocês todos, pequenos e grandes (e até o "anjo", ou o "Deus ex-maquina" de Rio Pardo) hão-de regalar-se muito mais com o discurso do meu milho científico do que com o encaroçado trololó dum sujeito que gosta de escrever mas paga para não falar. E desse modo tudo será para maior honra e glória do Sítio do Picapau Amarelo, amém. (a) Monteiro Lobato".

Em carta de 14 de maio de 1907, comunicando a Rangel a sua mudança para a cidade de Areias, Lobato mais uma vez faz referência a Euclides: "Acho-te extraordinário, Rangel. Formaste hoje; no dia seguinte, és nomeado promotor de Cambuí; no terceiro dia resignas sem sequer ires ver se Cambuí realmente existe... O mesmo não posso fazer eu, pois vim ver se Areias existia e fiquei. Areias, Rangel! Isto dá um livro a Euclides (e por falar, Euclides passou uns tempos aqui, ocupando exatamente o quarto que é o meu). Areias, tipo de ex-cidade, de majestade decaída. A população de hoje vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio de uma eterna imersão no passado." A carta finda com referência a uma tradição popular do interior e ainda a Euclides. Vejamos: "Terra de tradições. Anteontem



queimaram diversos judas. Ainda há judas em Minas? Apareceu de Euclides um belo artigo sobre o Judas no Acre." ("Jornal do Comércio", de 31.) Leia.

Iniciando o trabalho de comparação entre Lobato e Euclides, e em que teremos de desdobrar as características mais pessoais de um e de outro, para, no final, podermos fazer o confronto, começemos apresentando as qualidades mais específicas do criador do Sítio do Picapau Amarelo. É uma figura mais fácil de expor, pela singeleza e tendência para exteriorização, enfim, homem que se mostra com facilidade, sobretudo na superfície clara da expressão escrita.

Euclides é pessoa mais difícil de estudar. Nele, penso, domina o temor de mostrar-se como indivíduo. Nas suas páginas literárias, expõe-se o tema porém se omite o que há de pessoal, de íntimo, no autor. Nesse ponto, é bem diverso de Lobato, que exterioriza tudo o que lhe vem à cabeça. Lendo-o vemos bem por que ele é o pai da Emília, indiscreta e implicante.

A contínua expressão do íntimo, do âmago pessoal, constitui a primeira observação que extraímos da leitura dos

livros de Monteiro Lobato. É natural que nas páginas de *A barca de Gleyre* se exhiba, por inteiro, o ilustre filho de Taubaté, porque as cartas que encerra foram mandadas para um amigo íntimo, um confidente, e nunca ele poderia pensar que, um dia, seriam publicadas. Contudo, nas outras peças de prosa, tratando dos assuntos mais diversos, as opiniões pessoais de Lobato - às vezes, até esquisitas - ficam bem patentes. Descrevendo o Jeca Tatu miserável, o fazendeiro-escritor incompreensivo pelo distanciamento de classe, também se descreve. O personalismo do estilo tão singular do autor de

Urupês foi o que o revelou logo, tanto a Rui como à Nação. Rui, senhor do classicismo mais tradicional, deve ter ficado surpreso pela espontaneidade de Lobato, aquilo que, decerto, pouco depois, os modernistas iriam procurar... E já que falamos em estilo, vou lembrar o que escrevi, há anos, num estudo sobre o prosador do Vale do Paraíba. Assinalei, então, a sua preferência por uma linguagem simples, de sabor oral, mas também a sua constância no emprego de metáforas ou outras figuras de estilo, especialmente oriundas da vida interiorana, da domesticidade provinciana. Cheguei a chamá-lo - imagem - "estilo Jeca Tatu", pois se arraigava na terra, na roça. Exemplifiquei na ocasião e vou exemplificar agora. Vamos ao primeiro exemplo: "A Revista cresce e engorda como bananeira". A predileção botânica revela-se no segundo exemplo: "A árvore-Brasil ainda não chegou na fase de floração. Ainda é um pé de mamona, que nasceu ao léu no monte de esterco lusitano". Outro exemplo na mesma linha: "até erva-de-passarinho me deu no estilo".

Representações diversas de zoologia

aparecem aqui e acolá: "A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos." Outro exemplo: "O nosso piraquara é uma criação do Paraíba, tal e qual o lambari, o taiabacu de rabo vermelho, nhacundá pintadinho". Ainda outro exemplo: "Não sei como vai ser essa obra. Talvez um romance. Talvez uma série de contos e coisas com uma idéia central. Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho-da-serra, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho-de-galinha, ou como no pombo o piolho-de-pombo, ou como no besouro o piolho-de-besouro, incapazes de viver em outros meios."

Nesta amostra, o escritor analisado passa da zoologia para a fisiologia: "A semana passada, li dum fôlego *Agulha em palheiro*. Que garbo! É um romance saído de dentro dele (Camilo Castelo Branco) como um rato sai dum buraco. É um jato. (...) Isto, Rangel, não é dizer passado por alambique mas mijado."

O setor da culinária não foi esquecido. "Como são curiosos os bastidores do mundo e como seria sem graça se todas as criaturas fossem bem comportadinhas como nós, Rangel! Os anormais funcionam como o sal, a pimenta, a mostarda, o coentro, a salsa da vida!"

Ficou claro, pelo que foi mostrado, que Lobato é o tipo do homem aberto. E que sua concepção do estilo é orgânica, natural, como a sua concepção da Arte brota da existência, das vivências mais congênicas do indivíduo. A esse artista vital, imaginoso, mas de qualquer maneira muito arraigado na tradição - nas melhores tradições - era difícil a aceitação



de concepções estéticas que exigiam um certo cerebralismo como o cubismo, o abstracionismo e até o expressionismo audacioso de Anita Malfatti.

O humor permeia quase tudo o que é escrito pelo amador de caricaturas. É uma das suas características mais permanentes. Nos últimos anos de sua vida, muito decepcionado, sofrido, Lobato funde, então, sátira com o amargor. E mesmo anatematizando a sociedade, a humanidade, o faz em termos cômicos.

Como fica bem evidenciado na carta que manda a um editor que o desejava incluir num compêndio, que iria reunir os grandes vultos brasileiros: "S. Paulo, 10/5/947. Prezado Sr. J. Henriques. Recebi a sua carta de 2 deste, na qual me pede um verdadeiro *compte-rendu* da minha vida em benefício da obra a publicar-se *Os grandes vultos do Brasil*. Respondo declarando que, em sã consciência, não posso atendê-lo: mas se por acaso a Empresa Histórica Nacional houver, por bem, um dia, dar

a público uma obra que muita falta nos faz *Os grandes idiotas do Brasil*, terei o máximo gosto em responder a todas as perguntas e até tomarei a liberdade de insistir para que me coloque num dos primeiros lugares. Com a maior estima e sensibilizadíssimo pela honra que me fez considerando-me vulto, assino-me, cordialmente, Monteiro Lobato."

Um dos elementos mais fecundos com que conta o Andersen brasileiro é a tendência para o cômico. É divertindo as crianças que Lobato cria a sua literatura infantil. Emília, o Visconde de Sabugosa e o Marquês de Rabicó que são senão figuras cômicas?

É verdade que por má sorte de Lobato e nossa, há evasões, fugas, do excelente escritor ao seu destino de criador de Literatura, que foram fatais para a realização plena, harmoniosa, da sua obra. Nesse ponto, ele foi o anti-Machado de Assis, escritor que soube muito bem se resguardar das seduções do mundo... O próprio Euclides da Cunha, engenheiro, demarcador de fronteiras, com morte imprevista e prematura, não nos dá como Lobato essa impressão desgostante de escritor inaçabado.

Porventura, essa tendência de Lobato para fugir às Letras ser-lhe-ia instigada por esse desapareço que existe, no Brasil, pela figura do escritor? Vivemos, no sistema capitalista, e, nele, o escritor se não for rico, está condenado à pobreza e às maiores humilhações. Ainda recentemente, no Rio de Janeiro, o respeitado ensaísta Luis Costa Lima, num solene discurso universitário, notava criticamente que, no nosso país, ainda não se descobriu ou criou um lugar para que se situe o intelectual...

A intrusão de Lobato na área dos grandes negócios, que poderiam tornar-se o ferro e o petróleo, foi, contudo, a meu ver, uma prova da sua ingenuidade congênita. Cabia a ele, sem dúvida, como intelectual e patriota, fazer a defesa da organização desses elementos da economia, em nome da redenção da Pátria pobre e primitiva, mas evidentemente siderurgia e exploração de petróleo não são atividades para amadores... A petulância com que Lobato se atirava às mais diferentes aventuras

de ordem econômica era, na verdade, lamentável... O resultado é que não temos uma literatura do café, o romance de São Paulo como o "Ciclo da Cana-de-Açúcar" de José Lins do Rego, que é ainda acompanhado por uma obra-prima *Fogo morto*.

Nelson Palma Travassos, forte empresário gráfico e escritor agradável, que conheceu bem Lobato, pois o acompanhou nos empreendimentos de visionário, concluiu - e, a meu ver, com razão - que a tendência de Lobato para a criação de novas empresas e negócios era estimulada pelo seu imaginário de literato... Travassos falava com a autoridade de quem tinha sensibilidade para a literatura, mas era, em primeiro lugar, um homem de negócios, atento, calculista, frio.

Depois de ter lido a correspondência de quatro décadas, que ocupa todo o volume de *A barca de Gleyre*, descobri uma nova área de criação literária de Lobato que até hoje não foi verdadeiramente avaliada. Refiro-me ao seu epistolário. Excetuando esse volume singular, o pouco e disperso que foi lançado da correspondência do grande autor paulista parece-me de pouca valia. Excetuo - e desculpem-me a falta de modéstia - o volume *Monteiro Lobato vivo*, que organizei a convite da agência de publicidade MPM, e o pequeno livro que reconstitui a correspondência entre Monteiro Lobato e Anísio Teixeira, organizado por Priscila Fraiz. Posso anunciar a publicação, ainda este ano, pela Fundação Getúlio Vargas, e em organização da mesma Priscila Fraiz, a correspondência entre o autor de *Urupês* e o sábio Artur Neiva. Que luta foi a minha para obter esta publicação!

Durante cerca de dez anos, bati a numerosas portas sem êxito. Que estranho país é o Brasil! Nele, é difícil até publicar Monteiro Lobato... Volto, pois, a tocar uma antiga tecla. É preciso, sem mais delongas, que se faça um levantamento minucioso das missivas de Monteiro Lobato que subsistem. Como já tive a oportunidade de anunciar, num artigo, só a família do grande erudito de Natal, Luis da Câmara Cascudo, possui mais de 200 cartas, assinadas pelo criador de Jeca Tatu.

Nessas epístolas, encontramos não só a capacidade literária de Monteiro Lobato mas também um repositório valioso de informações sobre a vida literária brasileira e sobre a história do país, nos seus mais diversos setores. Vibrátil, agudo, imaginoso, curioso, sarcástico ou generoso, Lobato dá notícia de tudo e de todos.

Passemos, agora, a nos referir a Euclides. No início de sua interessante obra *O enigma dos Sertões*, Regina Abreu destaca, para a formação do espírito de Euclides da Cunha, o fato de ele ter passado parte de sua infância no interior, em fazenda. Era uma situação bastante comum no século passado: Lobato, de certo modo, também a

conheceu. A escritora, penetrante, assim se manifesta na citada obra: "Até 1874, dos quatro aos oito anos, o menino viveu no interior, o que o marcaria profundamente. Naquela época, a vida numa fazenda do interior, nos 'sertões' do Rio de Janeiro era bastante diversa da vida na cidade. Muitos escritores do período, como Joaquim Nabuco e Sílvio Romero, retiraram da singularidade do campo, especialmente da vida nas grandes fazendas, inspiração para tecer rentáveis fios de memórias, construindo a partir deles uma área temática na literatura: a dos contos e histórias sertanejas ou rurais".

Mas se, rapaz, Lobato emerge da vida provinciana para o exercício estudantil em São Paulo, a boêmia inocente do Cenáculo, que ele jamais esqueceria, e as conversas despreocupadas dos cafés, muito diferentemente Euclides afundase nos estudos de militar e de engenheiro, com profunda seriedade, medita sobre as conquistas científicas e acompanha as mudanças e choques políticos do país.

É um introspectivo, um meditativo, que procura uma situação profissional que não o afaste demais das aspirações de intelectual e de patriota. A tarefa de jornalista, de repórter, que também era, o leva à tragédia de Canudos, ao terrível e absurdo massacre que marca a negro a história da nossa República. Estranha peripécia do acaso! É mandado para dar testemunho da tragédia um jornalista que também é um escritor e homem de profundo senso trágico. O seu fim horrível, penetrado pelas balas mortíferas de um inimigo ocasional, num avanço em que, porventura, mais se oferece do que ataca, comprova a sua vocação para a tragédia. No seu heroísmo desvairado, Euclides esperava decerto simplesmente resolver um problema de moral. Ele atuava como elemento natural de um sistema de moral duro, rígido, impiedoso. Na nossa sociedade de hoje, liberada, o drama de Euclides perdeu o sentido. Parece a mim natural que um homem com o espírito grave e complexo de Euclides não escrevesse com a singeleza, a naturalidade, básicas no escritor Lobato,

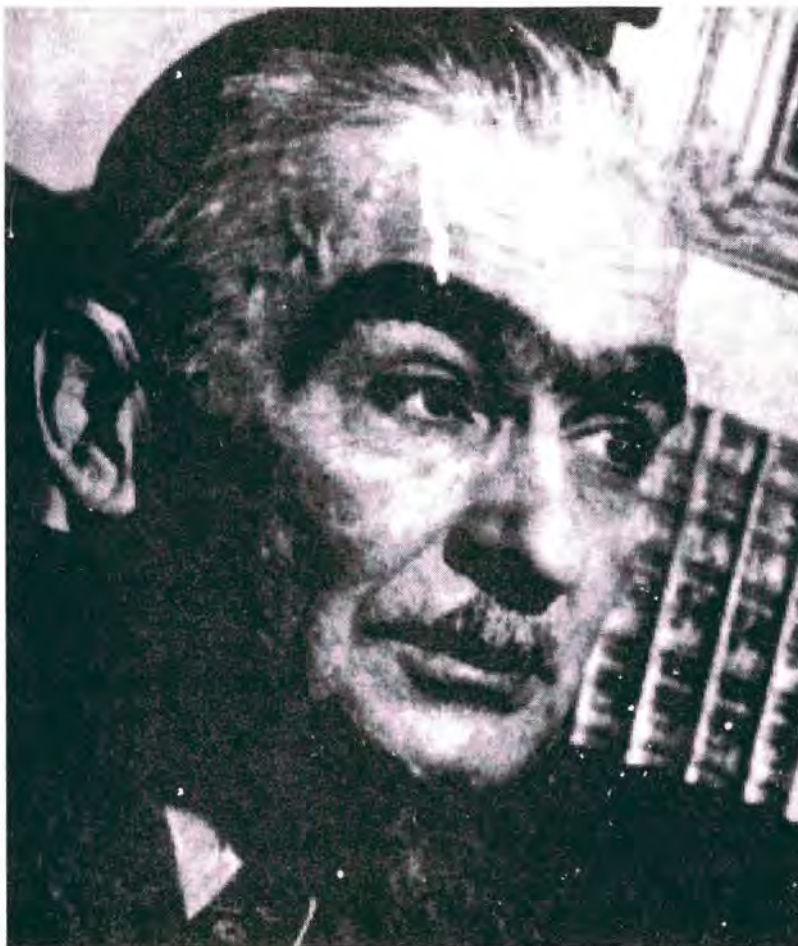


homem mais voltado para o exterior do que para o interior, atraído pelo espetáculo do mundo.

Uma pessoa com um fundo de pensamento tão inquieto como Euclides teria naturalmente que se expressar, em páginas literárias, numa forma complexa. Concordo, pois, de bom grado, com Gilberto Freyre, que o classifica escritor barroco. Assim se manifesta o sábio de Apipucos, o prosador saboroso e inovador de *Casa grande & senzala* a respeito do estilo do autor de *Os sertões*: "Transpôs (Euclides) para a arte de escrever o viver perigosamente de que falava Nietzsche. Escreveu num estilo não só barroco - esplendidamente barroco -

como perigosamente próximo do precioso, do pedante, do bombástico, do oratório, do retórico, do gongórico, sem afundar em nenhum desses perigos, deixando-o apenas tocar por eles; roçando, por vezes, pelos seus excessos, salvando-se como um bailarino perito, em saltos mortais, de extremos de má eloquência que o teriam levado à desgraça literária ou fracasso artístico. Que o teriam tornado outro Coelho Neto."

A tendência barroca não me parece apenas oriunda de sua esquisita singularidade mas creio que pode ser atribuída ao passado artístico brasileiro. Filho do interior, pessoa constantemente ligada ao interior, que era até há pouco, no Brasil, região mais primitiva, mais ligada ao passado, podemos imaginar a mente desse artista interiorano naturalmente influenciado pelo passado vivo, atuante, que iria dissolver-se pelo impacto tantas vezes nefasto dos meios modernos de comunicação. Não terá sido o que aconteceu com os artistas



**Monteiro Lobato
foi o criador
do Sítio do
Picapau Amarelo
e do popular
Jeca Tatu**

Concordando perfeitamente com Gilberto Freyre, e, parece-me, com a maioria dos conhecedores de Literatura, Miguel Reale assevera a superioridade de Euclides na área da criação literária. Assim se expressa: "O que projeta Euclides da Cunha nas culminâncias da cultura nacional são sobretudo os seus méritos de escritor, o poder transfigurador de sua arte, ao revelar-nos a realidade brasileira, e não a parafernália científica de que se

posteriores Cornélio Pena e Adelino Magalhães?

Sobre o estranho Cornélio Pena, escreveu o poeta e crítico contemporâneo Leonardo Fróes: "Mas apesar de não estar no mercado, só ser lembrado por poucos, Cornélio Pena é um dos mestres da prosa brasileira moderna. Sob o aspecto temático é, por excelência, o romancista do barroco - o que viu no mofo das pedras a dimensão dos fantasmas."

A singularidade de Adelino Magalhães existe de tal modo que Eugênio Gomes considerou-o, nas nossas letras, "uma ilha". Esse autor individualista, contudo, enraizava-se na cultura popular. Xavier Placer o mostra ligado à sua província e a sua família: "É Adelino Magalhães a personalidade do autêntico fluminense, gente de caráter e maneiras trabalhados por larga tradição de sociabilidade, descrita no agir e no falar, valores que se vão surpreender nas suas mais representativas expressões humanas, na política como nas letras."

valeu para retratar homens e coisas, sobrevivendo e crescendo cada vez mais seus valores artísticos, apesar da caducidade dos conhecimentos científicos de que tanto se envaidecia."

Quer-me parecer que os valores de Euclides não são apenas de categoria literária; são também de qualidade humana. E o mesmo se pode dizer de Lobato. A verdade é que nunca se pode separar o escritor do homem que basicamente ele é. É um traço humano não literário a simpatia que leva Euclides à descrição da fraternidade que une o caboclo à natureza em que ele vive. Leiâmos Euclides: "Cercam-lhe relações antigas. Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos; cresceram irmãmente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados." E depois de descrever as relações que os soldados travam com as árvores locais - o umbu, o araticum, o

ouricuri -, atingimos a seguinte conclusão apoteótica: "A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu indomável. É um titã bronzado fazendo vacilar a marcha dos exércitos."

Este trecho faz-me pensar na tensão titanista, no clamor titanista, de fundo heróico e moral que encontrei na poesia de Cruz e Sousa e expressei num ensaio intitulado "Cruz e Sousa e o Mito do Poeta como Herói Moral". Heroísmo não meramente físico, instintivo, mas de origem espiritual, é o que entrevejo na obra de Euclides da Cunha.

A mística heróica da República é salientada por Euclides que a conheceu na sua educação militar. Há uma interpretação psicanalítica desse culto: a República impor-se-ia, como mito feminino, aos rapazes fardados. Merece especial atenção este belo trecho de *Os sertões*, em que contemplamos ações heróicas dos soldados da República: "Alferes e tenentes haviam, com desassombro incrível, malbaratado a vida em toda a linha. De alguns citavam-se, depois, os arrojados lances: Cunha Lima, estudante da Escola Militar de Porto Alegre que, ferido em pleno peito numa carga de lanceiros, concentrara os últimos alentos no último arremesso de lança caindo, em cheio, sobre o inimigo, feito um dardo; Vanderlei, que, precipitando-se a galope pela encosta aspérrima da última colina, fora abatido ao mesmo tempo que o cavalo, no topo da escarpa, rolando por ela abaixo, em queda prodigiosa, de titã fulminado; e outros baqueando todos, valentemente - entre vivas retumbantes à

República - haviam dado à refrega um traço singular de heroicidade antiga, revivendo o desprendimento dos místicos lidadores da média idade." Salientando esse "lirismo patriótico", Euclides remata: "A luta pela República, e contra os seus imaginários inimigos, era uma cruzada."

A relação do Homem com a Natureza é um dos aspectos mais lembrados por Euclides. A propósito, cito o trecho: "A ferocidade do jagunço era balanceada pela selvaticueza da terra." Sugiro também que *Os sertões* visualizam mais massas do que indivíduos.

No entanto, do ponto de vista do sentimento, a que, como já disse, dou primazia, o que mais nos encanta e comove é o seu reconhecimento dos

República, admirando, com respeito, os seus míseros antagonistas. Façamos a sua leitura: "Em muitos despertou, ao cabo, irreprimível e sincero entusiasmo pelos valentes martirizados. Não o encobriam. O quadro que se lhes oferecia imortalizava os vencidos. Cada vez que o contemplavam, tinham, crescente, o assombro.

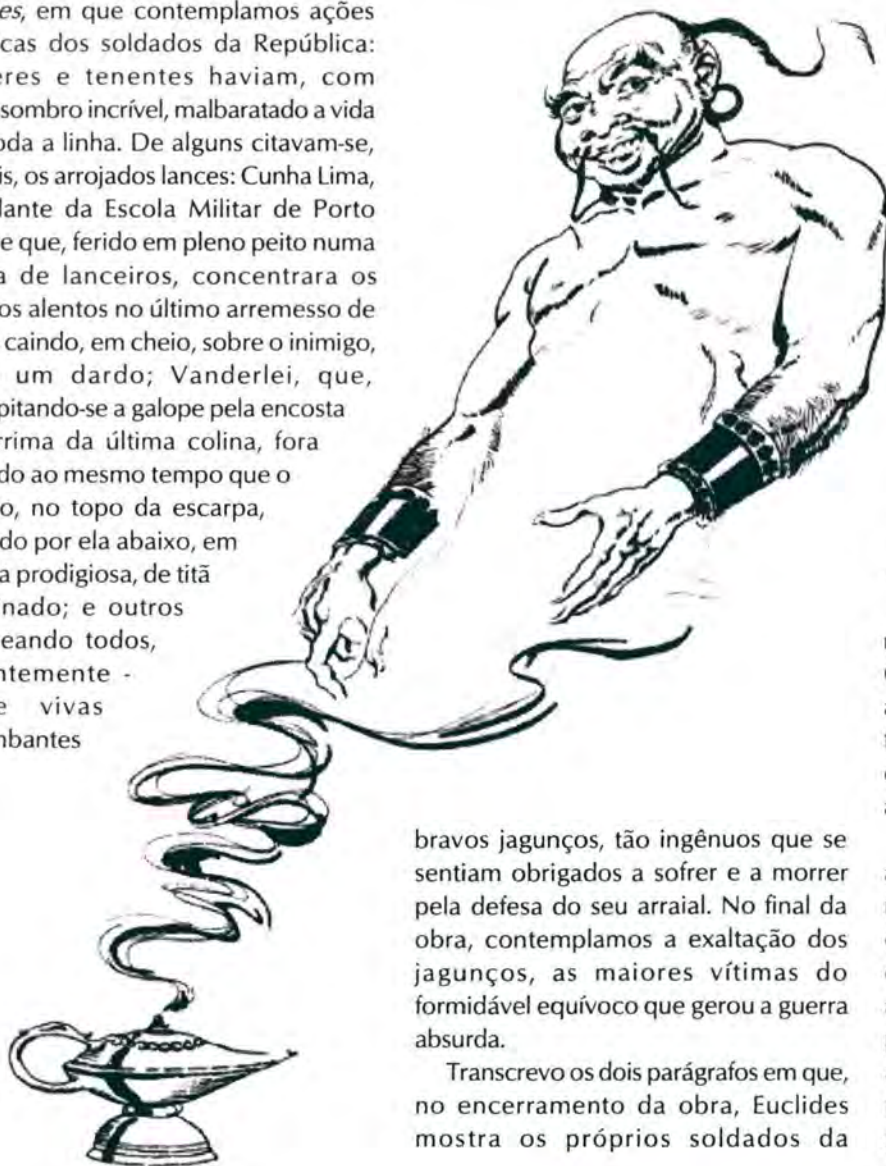
A igreja sinistra bojava, em relevo, sobre o casario em ruínas; e impávidos ante as balas que sobre elas convergiam, viam-se no esplendor fugaz das fuzilarias, deslizando-lhes pelas paredes e entulhos, subindo-lhes pelas torres derrocadas ou caindo por elas abaixo, de borco, presos aos blocos disjuntados como titãs fulminados, vistos de relance, num coriscar de raios, aqueles rudes patrícios indomáveis..."

"Aqueles rudes patrícios indomáveis..." Atingi o ponto que almejava, isto é, o instante em que o intelectual bem provido de teorias científicas do tempo, bem próximas do racismo, através da experiência humana e da intuição miraculosa do artista - ser freqüentemente generoso - reconhece a grandeza humana no mestiço.

Euclides reconhece que os sertanejos sobre-humanos inverteram "toda a psicologia da guerra; enrijavam-nos os reveses; robustecia-os a fome, empedernia-os a derrota. Ademais, entalhava-se o cerne de uma nacionalidade. Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça."

Aos olhos penetrantes de Euclides não escapa a origem do drama de Canudos - na verdade, apenas um aspecto da terrível realidade brasileira: a faixa litorânea extensa, desenvolvida de costas para um vasto interior abandonado, desconhecido.

E ainda há no Brasil indivíduos - e alguns deles são até intelectuais - que não entendem por que Brasília foi construída. Ignoram que a sua fundação estimulou um desenvolvimento notável ao Centro-Oeste e promete prosperidade até para regiões amazônicas. Fato reconhecido, de corpo presente, por Clovis Sena, que está prestes a lançar um livro revelador.



bravos jagunços, tão ingênuos que se sentiam obrigados a sofrer e a morrer pela defesa do seu arraial. No final da obra, contemplamos a exaltação dos jagunços, as maiores vítimas do formidável equívoco que gerou a guerra absurda.

Transcrevo os dois parágrafos em que, no encerramento da obra, Euclides mostra os próprios soldados da

Vejamos como Euclides busca reconhecer, no massacre estúpido, dialeticamente, a eclosão de um lampejo de esperança no triunfo de uma civilização brasileira.

Ouçamos um dos seus pronunciamentos mais sábios: "Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões.

Havia um inimigo mais sério a combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários."

Diferente da seriedade de Euclides, e seriedade dá-me idéia de imutabilidade, de algo que não muda, que não se move, Lobato diverge do seu autor querido e sugere-me a idéia da própria variabilidade. Se Euclides sonha sempre a inteireza do Brasil, Lobato, por um certo tempo, defende o separatismo de São Paulo. É claro que ao fim se descobre basicamente brasileiro e escritor, mas, na sua vida exterior, quantas vezes dá as costas às Letras que, por sorte, lhe deram fama, respeitabilidade e até dinheiro!... Talvez essas fugas às Letras provenham de querer salvar o Brasil e saber que, escrevendo, não o salvava. Assim se expressa o escritor vitorioso: "Sinto-me capaz de tudo, mas sempre por força da habilidade e da manha, não pela força ingênita do artista que cria inconscientemente e de jactos. Sou, em suma, o tipo do curioso que acho uma beleza de expressão popular, equivalente à nossa "amador". Eis, Rangel, o que no fundo penso de mim..."

Estas palavras foram escritas em 1914, ano em que começa a ser conhecido com a invenção vitoriosa de Jeca Tatu, e é bem possível que ele não tenha tardado a mudar de idéia. Mas a verdade



é que nunca deixou de se interessar por grandes empreendimentos que o afastaram das Letras.

Depois da sua experiência americana, que o deslumbrou, pois viu o progresso de modo concreto, triunfal, resmunga depois de se ter, de novo, radicado no Brasil: "Vida ativa, Rangel, que delícia! Pena sermos ainda tão água choca... O que não era possível fazer aqui se houvesse mais compreensão, mais cultura universal, mais ciência, mais eficiência..." Palavras razoáveis ainda hoje.

Sim, Lobato tinha razão quando critica, no nosso país, a tendência para o imobilismo que, a meu ver, provém de uma causa histórica: sempre fomos governados por uma oligarquia, em grande parte, de base latifundiária, que não tem nenhum interesse no progresso. Pesquisador norte-americano descobriu que, no princípio do século, senadores de Goiás, que era, talvez na época, o estado mais atrasado do Brasil, trabalhavam secretamente para impedir a construção de estradas no seu estado. E, hoje, a tendência para a globalização não representa um desestímulo para as nossas atividades próprias e um convite para ficarmos apenas à espera das pressões de fora?

De qualquer modo, como conclusão, creio que Monteiro Lobato e Euclides chegaram a transcender os preconceitos do seu tempo, transmutados pela força redentora da Literatura, da Cultura.

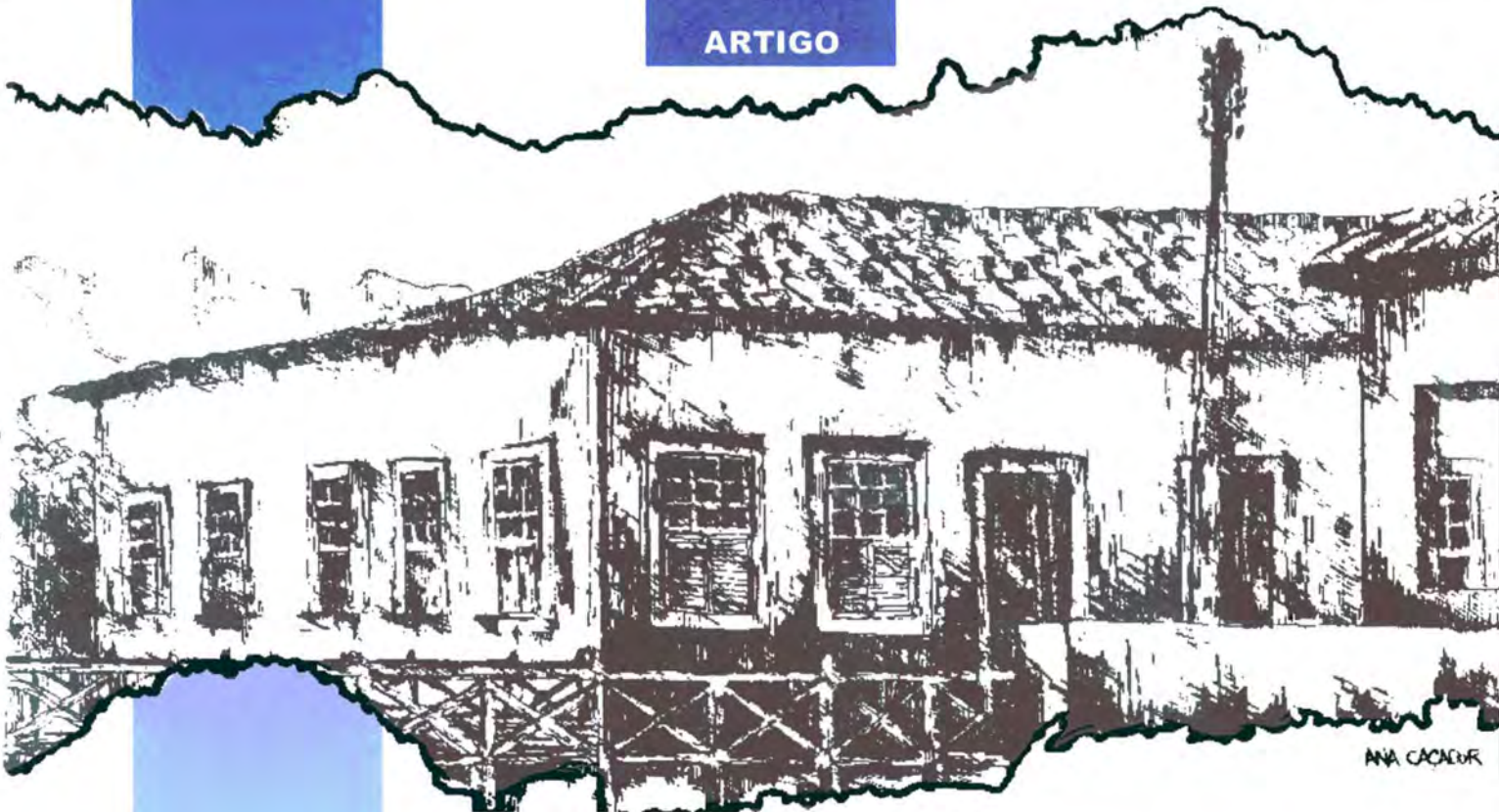
Assim sendo, Euclides e Lobato puderam entender que a mestiçagem não impediu, antes, pelo contrário, contribuiu para que o Brasil se estabilizasse como um país aberto, cordial e desejoso de progresso. O Brasil abraçou sírios, japoneses, judeus. E o nosso próprio racismo, de origem colonial, escravocrata, aqui foi muito menor do que em outras partes do mundo - lembro países africanos e os Estados Unidos - e hoje, bastante diminuído, mostra sinais de próxima extinção. Não tanto pela força das leis como pelo impacto dos costumes.

Monteiro Lobato, Euclides da Cunha... Mas não se ligam esses espíritos aos de Machado de Assis, Lima Barreto, Cruz e Sousa? (Penso, no momento, na empolgante página de Euclides sobre o velório de Machado de Assis.) E mais proximamente a Gilberto Freyre, Gilberto Amado, Jorge Amado, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Rubem Braga? Paro aqui... A literatura brasileira - assim o sinto - constitui uma família espiritual, profundamente ligada às nossas raízes e história, e cujo objetivo mais alto sempre foi e continua sendo: elevar o nosso povo, tornar-se a voz deste povo, enganado, explorado, sem voz.

Não obstante todos os erros e, até ousou dizer, todos os crimes, somos uma nação da amizade, da cordialidade... Mário de Andrade que, como Euclides, percorreu partes estranhas do nosso país-continente, para conhecê-lo verdadeiramente, isto é, captar a sua autenticidade, a sua capacidade criativa, pôde num verso resumir o que somos. E o que somos?

Disse o Mário: "Nós somos, na Terra, o grande milagre do Amor!"

Cassiano Nunes é escritor e crítico literário.



CASA VELHA DA PONTE

de Cora Coralina

D. Cora dizia que seu avô na casa já nascera, o que nos leva para os arredores de 1830 ou 1840, desde quando suponho ter pertencido à família. Nessa época ainda estava em plena atividade o português João José do Couto Guimarães, o mais antigo ascendente em Goiás da família materna de Cora.

□ PAULO BERTRAN

A história da cidade de Goiás começa nos alicerces da casa de Cora Coralina e continua na insidiosa goteira que, em um dos seus poemas, atinge a viga-mestra das vetustas casas.

De fato há um acordo entre os cronistas antigos de ter surgido, em 1726, nos cascalhos do rio Vermelho, sob a ponte do Meio, já dita do Telles, já dita do Rosário, no futuro quem sabe de D. Cora, o primeiro ouro bamburrado em Goiás Velho ou cidade

“ Olho e vejo tua
ancianidade vigorosa e sã.
Revejo teu corpo patinado
pelo tempo, marcado das
escaras da velhice.
Desde quando ficaste
assim? ”

(Cora Coralina)

de Goiás, a primeira capital, depois mudada para Goiânia nos anos ditatoriais da Revolução de 1930.

Numa só bateada, lembra o padre Silva e Souza, meia libra de ouro libertou-se ali dos aluviões do rio. Uma bagatela de 230 gramas de ouro, algo hoje em torno de 2.500 dólares, ganhos talvez numa meia hora de socavação, sendo que na época o valor relativo do ouro era muito maior do que hoje.

Essa bateada, famosa a ponto de fazer-se lembrar um século depois, pode ter por muitos anos sacralizado o terreno onde depois ergueu-se a casa de D. Cora, a Casa Velha da Ponte.

Uma planta de Vila Boa, apócrifa e não datada, da coleção do Arquivo Ultramarino de Lisboa - e que reputo, pelas igrejas assinaladas, como produto da década de 1770 - mostra claramente o espaço que hoje ocupa a casa de D. Cora como um terreno baldio, por onde serpenteava um trilheiro em direção à Rua Nova do Ouvidor, a atual da Abadia.

É já a época do agonioso descenso mineratório. Quase três anos de secas pronunciadas dificultavam muito a lavagem das terras auríferas que, paradoxalmente, cada vez mais iam morros acima, tanto mais longe de águas e tanto mais difícil de extrair, com os recursos tecnológicos da época. O ouro que se devia ainda extrair no lote da casa, estendendo seu filão pelo vizinho beco Vila Rica, deve ter-se de todo exaurido.

Imagino assim que, num belo dia, entre meados dos anos 1770 e começo dos de 1780, o Senado da Câmara de Vila Boa de Goiás liberasse o famoso terreno da Ponte para a construção da casa.

Na época citada, um cidadão proeminente, certo Antonio de Souza Telles de Menezes, juiz ordinário da Câmara de Vila Boa, fidalgo de alguns costados importantes, como os da trágica



Foto: Cidinha Coutinho

***A poetisa Cora Coralina
recebendo a
Folia do Divino,
em 8 de abril de 1985,
em Goiás***

Leonor Telles, aparentado no Rio de Janeiro com os grandes comerciantes que construíram o arco do Telles, começou a erigir a casa, triunfo do colonizador citadino comerciante sobre o colonizador garimpeiro.

Na planta geral de Vila Boa, executada em 1782 pelo soldado dragão Manoel Ribeiro Guimarães, a casa já aparece edificada.

Antonio Telles de Menezes, português, foi contratador de impostos, dono de grande casa comercial e com correspondentes nas principais cidades brasileiras. Solteiro e rico. Muito rico.

Parece ter apoiado vacilantemente a oligarquia dos Cunha Menezes, a mais longa e tormentosa que Goiás

sofreu, tanto que, em 1788, investiu-se no cargo de capitão-mor de Vila Boa e sua Comarca, cuja jurisdição na época compreendia todos os atuais territórios de Goiás, Tocantins, Distrito Federal, o Triângulo Mineiro e ainda uns nacos de Mato Grosso e do Maranhão.

Pois tão grande personagem desmoronou, lá pelo comecinho do século XIX, sob o jugo de pesadíssima devassa, incriminado na deposição - crime de lesa-majestade - do governador da capitania, D. João Manoel de Menezes. Parece que morreu antes do julgamento, em circunstâncias não reveladas. Teve seus bens seqüestrados pela Coroa.

Há uma longa carta sua - que publiquei na *Notícia geral da capitania de Goiás* - com denúncias tão graves quanto aos costumes dos poderosos de sua época - que aí, imagino, adquiriu dezenas de inimigos que o levaram ao triste fim.

Teria todo esse suposto drama

compreendido a tradição que D. Cora descreveu, de um certo Thebas Ruiz, seu antepassado (por outro ramo que não os Couto Guimarães), ter-se envenenado e a um escravo, num episódio de enterro de ouro ilegal nas profundezas da casa? Não raro a tradição oral confunde atores com fatos. Seria esse Thebas Ruiz, sobre cuja existência nada se conhece, em verdade o capitão-mor Telles de Menezes?

Fato é que, morto Antônio de Souza Telles de Menezes, seu patrimônio caiu nas garras do fisco colonial, como se vê em diversos registros guardados no Museu das Bandeiras.

Em 1806 o fisco andava atrás de um seu sobrinho, João, que morava em Jaraguá. E pouco tempo depois a atual casa de Cora foi à hasta pública, entre 1811 (quando ainda

a encontro pertencendo à herança dos Telles) e 1813, quando já a encontro em mãos do capitão José Joaquim Pulquério dos Santos, dono de várias casas de aluguel em Vila Boa, o qual talvez vivesse de aluguéis, naquela desanimada Capitania.

Na época, a Casa da Ponte sem dúvida era elegante e requisitada. Esteve alugada em 1811 ao secretário de governo da capitania, Cel. José Amado Grehon, por 57.600 réis.

A CASA DE CORA CORALINA NA SUA FAMÍLIA

Depois da bem documentada balbúrdia do período colonial, pouca coisa consegui sobre a história da casa no século XIX.

Deve estar tudo, porém, toda a história urbana dos oitocentos, nos depósitos do Cartório do 1º Ofício ou então no nosso Arquivo Histórico da Cidade de Goiás. Mas quem há de ter coragem de investigar aquelas milhares de informações em busca dos destinos da Casa Velha da Ponte?

Fato é que no período que vai de 1820 - quando ainda pertencia ao capitão Pulquério (que também foi contador da Junta da Fazenda, vencendo polpudo salário) - a 1854, quando o cônego Manuel José do Couto Guimarães foi tesoureiro da Fazenda Provincial, também com gordo salário para o tempo, desconheço o paradeiro da casa. O cônego, na Fazenda Provincial, devia ter como funcionário, nesse tempo, o humilde amanuense, atendente de guichê burocrático, certo Manoel Cardoso de Oliveira, filho mulato de um vigário de Pilar, mas que de qualquer forma descendia do

Pablo Neruda

Perdoa-me poeta.

Tão tarde o conheci!

Tantos cantores pelo mundo...

*Para minha ignorância
eras mais um dentre eles.*

*Foi assim que não pedi a
Deus*

poupar-te a vida

*e ficares para sempre
semente viva, incorruptível,
de beleza excelsa e universal.*

Ninguém me disse antes.

Ninguém me disse nada.

*Ninguém me fez a doação
fraterna
de um livro teu.*

*Perdida no meu sertão
goiano,*

Só o teu nome, Pablo,

Só teu apelido crespo,

Neruda,

Chegaram a mim...

*E eu a pensar que foste ape-
nas*

*um grande poeta entre outros
grandes...*

Cora Coralina

Imagino assim que num belo dia, entre meados dos anos de 1770 e começo dos de 1780, o Senado da Câmara de Vila Boa de Goiás liberasse o famoso terreno da Ponte para a construção da casa de D. Cora, a Casa Velha da Ponte.





Foto: Rui Faquini/1996

Anhangüera, descobridor de Goiás, pelo lado de seu genro, João Leite da Silva Ortiz, um potentado rico, fundador e dono de Sete Lagoas e de Curral D'el Rei, atual Belo Horizonte, que completa 100 anos como capital de Minas Gerais. Esse amanuense é o trisavô, em linha direta, do presidente Fernando Henrique Cardoso.

D. Cora dizia que seu avô na casa já nascera, o que nos leva para os arredores de 1830 ou 1840, desde quando suponho ter pertencido à família.

Nessa época ainda estava em plena atividade o português João José do Couto Guimarães, o mais antigo ascendente em Goiás da família materna de Cora... "um sargento-mor, bisavô de muitos, português colonial"... escreveu Cora.

O sargento-mor, depois tenente-coronel João José do Couto Guimarães, foi grande figurão, deputado da Junta de Governo Provisório de Goiás por ocasião da Independência, depois tesoureiro-geral da Fazenda da Província, de 1835 até 1843. Faleceu em 1856.

Deixou, conforme seu inventário, os filhos Manoel José do Couto Guimarães (cônego Couto), o padre Luiz do Couto Guimarães e Antonia Maria do Couto Guimarães (mãe laiá), casada com Jacinto Luiz Brandão, além de um "desme-

moriado" João José Jr.

Deste antepassado, o cônego Manoel José, dizia D. Cora... "Um cônego Couto, liberal e dono de moedas, montes de ouro, prataria... tinha feito suas Humanidades em Coimbra e só almoçava sua gorda feijoada goiana em pratos e talheres de ouro"... Encontro o cônego Couto como tesoureiro da Fazenda Provincial, desde 1854 até 1861. Faleceu em 1880.

Foi esse cônego o generoso mecenas e o oficiante do casamento de seu sobrinho, filho da irmã Antônia (mãe laiá), certo Joaquim Luis do Couto Brandão, de família velha em Vila Boa de Goiás.

Joaquim Luis casou-se com uma prima, Honória, também sobrinha do cônego, o qual pelo consórcio dos sobrinhos faz na Casa da Ponte uma festa enorme, memorável, regada a vinho português, servidas as vitualhas em 92 peças de louça chinesa, o aparelho "azul pombinho", que tão belos poemas inspirou a D. Cora.

Desse avô Joaquim Luis escreveria Cora: "Um capitão da Guarda Nacional, que dragonou milhares de homens felizes e analfabetos, capitães, majores e coronéis, enfeitados com galões dourados e vitalícios, sem percalços de reformas"...

Joaquim Luis foi o pai de Jacynta Luisa do Couto Brandão, casada com

Igreja da Boa Morte e o Paço dos Governadores

o desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, nordestino, os pais de D. Cora:... "Um desembargador da Monarquia - meu pai - minha mãe viúva. Minhas irmãs, eu, afinal a última sobrevivente de gerações passadas"... Parece que sua mãe era uma intelectual que lia livros em francês e inglês sem nunca ter saído da cidade de Goiás. Eis um mistério terrível. A mãe de Cora. Pela memória de Coralina, só devotada à avó, pode ter tido uma enorme influência na poetisa, jamais revelado em suas obras: o complexo de Eletra. É o lado oposto, feminino, do complexo de Édipo.

E eis o que pude saber da Casa Velha da Ponte, uma biografia sumária desse velho navio aportado no rio Vermelho, rio das Cambaúvas por seu nome indígena. Um quase nada onde a riqueza dos tempos fez nascer e fez brotar poemas e doces de uma extraordinária mulher do século que dobrou esquina em 1989: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, Aninha, Cora Coralina.

Paulo Bertran é pesquisador do Instituto de Pesquisas Históricas do Brasil Central e professor da UCG.

Literatura brasiliense

□ OLÍMPIO PEREIRA NETO



Depois de acirrados debates na Assembléia Nacional Constituinte, a mudança da capital brasileira para o Planalto Central passou a fazer parte da Constituição de 1891. Ainda no século XIX, destacaram-se na crônica mudancista o senador Paranaguá e o presidente Floriano Peixoto, que criou a Missão Cruls.

Cronistas históricos



O estudo da literatura de Brasília deve ter início pela crônica histórica como gênero ou forma de expressão literária, tendo em vista sua presença na vida dos brasileiros a partir de 1789, quando Tiradentes divulgou a idéia da interiorização da capital do Brasil.

A partir da Inconfidência Mineira, chefiada por José Joaquim da Silva Xavier - o Tiradentes -, o assunto da mudança da capital brasileira, do Rio de Janeiro para um lugar afastado da beira-mar, virou tema das conversas de grupos, inclusive diplomáticos.

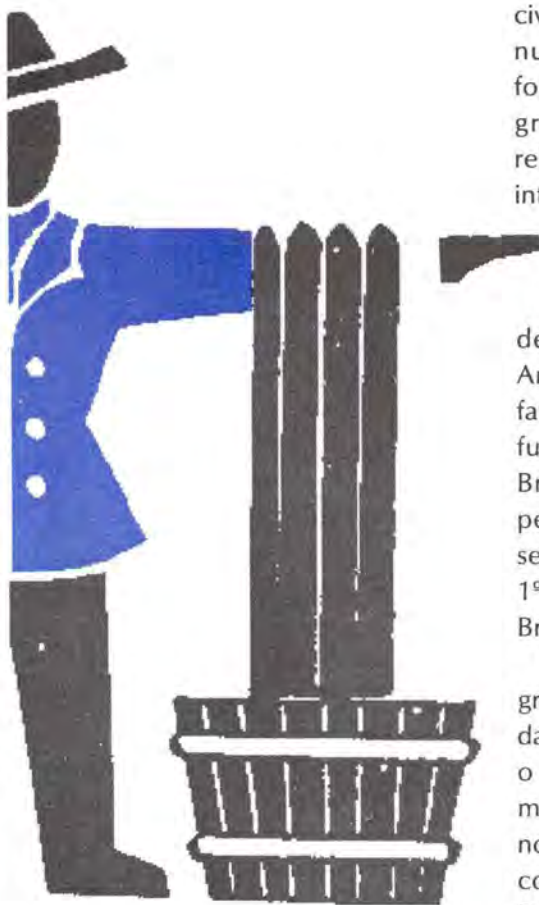
O escritor cearense Ismael Pôrdeus, em seu livro *Raízes históricas de Brasília*, apresenta uma plêiade de cronistas que, no período de 1789 a 1956, mantiveram acesa a chama da mudança da capital do Brasil para o interior. Entre eles destaca-se o apologista-mor do assunto, o jornalista Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, chamado Hipólito da Costa ou Hipólito José da Costa, que foi para a Inglaterra e lá editou o jornal

"Correio Braziliense", assegurando espaço para quem quisesse escrever sobre as coisas do Brasil, em especial sobre o afastamento da capital do litoral para o interior.

Em intervalos de 10 a 30 anos, a propaganda mudancista sobre a capital do Brasil sofria um reforço, pelos cronistas apaixonados pelo assunto, que, inicialmente, foram encorajados por Hipólito José da Costa. Prosseguiram no debate o Chanceler Veloso de Oliveira, o Pe. João Ribeiro, os senadores Jobim, Holanda Cavalcanti e o Marquês de Porto Seguro, Adolfo de Varnhagen, que influenciou muito sobre a escolha do local onde Brasília está situada. No Congresso Nacional do Império, ecoaram as vozes dos deputados Antonio e Ernesto França, bem como a do bravo parlamentar, José Bonifácio de Andrada e Silva, que, em 1823, propôs que a nova capital do Brasil tivesse o nome de Petrópolis, em homenagem a D. Pedro I, que acabara de tornar a nossa pátria independente.

Mas José Bonifácio percebeu que o nome Petrópolis não tinha sido aceito e sugeriu um nome neutro para a capital brasileira no interior, que passaria a chamar-se Brasília, com a explicação filológica de cidade filha do Brasil.

Depois de acirrados debates na Assembléia Nacional Constituinte, a mudança da capital brasileira para o Planalto Central passou a fazer parte da Constituição de 1891.



Ainda no século XIX, destacaram-se na crônica mudancista, porém com atitudes concretas, o senador Paranaguá, que apresentou projeto no Senado, criando a Comissão Exploradora do Planalto Central, e o presidente Floriano Peixoto, que nomeou o cientista Luiz Cruls para chefiá-la, o que resultou na inclusão da expressão "Futuro Distrito Federal" no mapa geral do Brasil, justo no ponto em que Brasília se encontra.

Devemos reconhecer que o sonho profético de Dom Bosco, que via o surgimento de uma nova

civilização entre os paralelos 15 e 20, numa extensa enseada, onde se formava um lago, foi um fator de grande influência no mundo religioso e na imprensa do mundo inteiro.

No século XX, a propaganda da nova capital do Brasil foi retomada pelo deputado federal por Goiás, Dr. Americano do Brazil, que criou o fato político do lançamento da pedra fundamental da Nova Capital do Brasil, no morro do Centenário, perto de Planaltina/DF, em 22 de setembro de 1922, por ocasião do 1º Centenário da Independência do Brasil.

Na seara do planalto goiano, o grupo de Luziânia, depois do grupo da Inconfidência Mineira, foi talvez o mais aguerrido na propaganda mudancista, indicando pormenorizadamente para onde mudar e como construir a Nova Capital do Brasil. O grupo de Luziânia agremiou-se na Academia de Letras e Artes do Planalto e os ideais ali debatidos eram divulgados no jornal "O Planalto" ou nos almanaques que editavam, num movimento integrado entre Goiânia, Luziânia, Planaltina, Formosa, Corumbá, Anápolis e Pirenópolis.

No período da construção de Brasília e no pós-mudança, os escritores Gelmires Reis e o Dr. José Dilermando Meireles foram baluartes na resistência, para que a cultura literária não sucumbisse, pois, ainda hoje, há quem desconheça a povoação e a cultura existente, antes de Brasília tornar-se



a nova sede do Governo da República do Brasil.

Em 1948, designado pelo então presidente Mal. Eurico Gaspar Dutra, o general Djalma Poli Coelho confirma o trabalho realizado por Luiz Cruls e escolhe o Sítio Castanho para a construção do plano piloto da nova capital.

O presidente Getúlio Vargas criou e nomeou o general Agnaldo Caiado de Castro para presidir a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, que mais tarde foi transformada na Novacap, existente ainda hoje.

O engenheiro e político Jerônimo Coimbra Bueno, juntamente com o médico Hozanah Guimarães, que governaram Goiás de 1945 a 1950, foram grandes cronistas da causa da mudança da capital federal para o planalto goiano. Destacamos o fato de se ter instituído a estação de rádio Brasil Central, com a mensagem repetida de hora em hora, durante anos a fio: "Fundação Coimbra Bueno pela Nova Capital do Brasil, no Planalto Central".

A campanha política do Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, para presidente da República do Brasil, foi a crônica convincente, uma espécie de plebiscito no qual o povo votou no candidato que havia pregado, no país inteiro, a mudança da nova capital e sua construção no centro do território da pátria.

Às 12 horas do dia 2 de outubro de 1956, no aeroporto Vera Cruz, próximo do terminal ferroviário atual, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira desce do avião e pisa o solo onde edificaria a futura capital do Brasil, sendo que, mais tarde, no acampamento de Bernardo Sayão e Jofre Parada, na Fazenda Gama,



importante lição de civismo.

A mensagem que ficou

Com a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, depois de uma epopéia de trabalho ininterrupto de técnicos, cantangos e máquinas, ao longo de uma faixa de cerca de mil dias, o povo brasileiro deu ao mundo uma demonstração de sua capacidade de trabalho, de sua fé e de sua confiança

assim se expressou: "Agradeço a Deus o privilégio que me concedeu de encarnar, como Presidente da República, o espírito pioneiro e o sentimento nacional, que me deram inspiração e força para erguer Brasília no coração do Brasil, com o sentido de transformação e transfiguração do meu país".

Entre 6 de outubro de 1956 e 21 de abril de 1960, a Nova Capital do Brasil foi plantada no Sítio Castanho, às margens direitas do rio Paranoá. A partir de então, o jornalista, historiador, pesquisador e escritor José Adirson de Vasconcelos tem sido o cronista maior de Brasília.

José Adirson de Vasconcelos, cuja pesquisa documentada é altamente avaliável, tem publicado suas crônicas nos mais variados órgãos de imprensa, porém com mais frequência no "Correio Braziliense" e já as reuniu em cerca de vinte e cinco livros, sendo considerado, por isso, o maior cronista de Brasília em construção e depois de inaugurada.

O advogado Dr. José Adirson de Vasconcelos, cearense da cidade de Acaraú, conterrâneo do grande sonetista Padre "Mãe", pioneiro e cronista maior de Brasília, merece as reverências de todos por esta

no futuro da pátria. Criava condições para o início de uma nova era na História do Brasil, com o "gigante pela própria natureza" encontrando-se a si mesmo, no seu interior, para dinamizar um celeiro de imensas riquezas telúricas, que ainda se encontravam em estado potencial, inertes e latentes, na ampla Região Centro-Oeste e no grande Norte do país.

Eram, assim, lançados - na antevisão do jornalista Hipólito José da Costa, em 1813 - os "fundamentos do mais extenso, ligado e bem defendido e poderoso império que é possível existir na superfície do globo". E um homem de vontade inquebrantável entrava na imortalidade, na história do seu país e de toda a humanidade: o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Litoral e interior uniram-se no coração do território brasileiro, onde nascem os grandes rios e, com Brasília, as grandes estradas. As rodovias, as ferrovias e a aviação encontraram um ponto central e equidistante do todo nacional, pólo irradiador da unidade, da integração nacional e do desenvolvimento sócio-econômico e cultural de uma imensa

área, correspondente a dois terços do nosso território.

Dá a propriedade com que Juscelino Kubitschek, ao definir Brasília, chamou-a de "cérebro das altas decisões nacionais", lançou, numa visão futuroológica, "os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu País" e anteviu uma "alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino". (Vasconcelos, José Adirson de. pág. 85, *Memorial Brasília*, União Editora, Brasília, 1995).

Estudo sobre a crônica

O vocábulo crônica procede do latim *chronica* e tem o significado de narração histórica ou registro de fatos

comuns, feitos por ordem de acontecimento, ou de pequeno texto de enredo indeterminado. (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, págs. 502/503, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Nova Fronteira, São Paulo, 1986).



Podemos concluir também que, modernamente, crônica é artigo de jornal ou de revista, às vezes designado por *coluna*, que contém reflexões sobre assuntos vários como literatura, teatro, política, acidentes, vida social ou pequenos fatos da vida diária.

Há informações de que Joseph Addison e Sir Richard Steel foram os primeiros a publicarem crônicas, no mundo, usando as páginas do semanário "The Tatler", na Inglaterra, nos anos de 1709 a 1711.

A crônica foi introduzida antes do final do século XVIII, sendo que, em nível nacional, os cronistas destacados foram João do Rio (Paulo Barreto), Machado de Assis e Rubem Braga, entre muitos outros.

Períodos na literatura brasiliense

Como vimos, depois de campanhas e mais campanhas em prol da mudança da Capital Federal para o planalto goiano, também chamado Planalto Central Brasileiro, no correr do ano de 1956 iniciou-se a construção de Brasília.

Veio muita gente para ajudar a construir a Nova Capital do Brasil, apesar do medo de a população brasileira desaproveitar a mudança da capital federal, deixando de vir morar aqui.

Os pioneiros da construção trouxeram suas famílias, ficaram e hoje, trinta e oito anos depois, continua vindo gente para Brasília.

A comunidade brasiliense, com o seu *modus vivendi*, foi aos poucos estabelecendo normas sociais cujo somatório resulta na cultura da cidade.

Brasília, respeitada e amada, ficou grande, populosa e a administração dos seus problemas exigiu autonomia política para o Distrito Federal.

Dentro da sua ordenação político-administrativa, a Lei Orgânica do Distrito Federal, em seu artigo 235, § 2º, recomenda estudar Literatura Brasiliense.

E, para cumprir a lei, no estudo da literatura referente a Brasília, desde 1789 até o presente, propomos a divisão nos períodos seguintes:

1º) de 1789 a 1891 - Idéia da Interiorização da Capital;

2º) de 1891 a 1922 - Propaganda Mudancista;

3º) de 1922 a 1960 - Ufanismo, Construção e Apologia do Futuro;

4º) de 1960 a 1963 - Auto-Afirmação de Brasília;

5º) de 1963 a 1976 - Manifestações Literárias em Brasília;

6º) de 1976 a 1980 - Literatura Alternativa no DF;

7º) de 1980 a 1990 - Contextualização Literária no DF;

8º) de 1990 a..... - Agremiação e Expansão da Literatura no Distrito Federal.

Literatura Brasiliense é a expressão que está escrita na Lei Orgânica e se refere a toda literatura produzida em território do Distrito Federal ou fora dele, contextualizada ou inspirada no viver dos habitantes dessa fração federativa do Brasil.

Com o estabelecimento da Literatura Brasiliense em períodos cronológicos, encerramos o estudo da primeira manifestação literária a respeito de Brasília, a crônica histórica.

Olímpio Pereira Neto é escritor e membro da Academia Taguatinguense de Letras (ATL).

PELOS SERTÕES

de Goiás

Bernardo Élis é a figura mais importante do Modernismo goiano. Em sua obra, o social e o político não trazem prejuízo ao artístico. Suas histórias, em geral, revelam não só o observador de costumes mas o crítico social.

□ JOSÉ HELDER DE SOUZA

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado - este o nome de batismo, recebido na pia batismal da cidade de Corumbá de Goiás, do escritor Bernardo Élis, nascido em 15 de novembro de 1915 naquela cidade, e falecido, aos 82 anos, em Goiânia.

Para nós aqui da Associação Nacional de Escritores, o que importa mais imediatamente - e muito - é que o romancista e contista Bernardo Élis foi um dos mais antigos filiados desta entidade e, por fim, fato ainda mais relevante, exerceu a presidência da nossa

sociedade, eleito que foi dia 10 de abril de 1981, exercendo o cargo até 1983. Encabeçou, assim, a décima diretoria da Associação Nacional de Escritores.

Bernardo Élis inscreveu seu nome na literatura brasileira em 1944, com o livro de contos *Ermos e gerais*, uma edição feita em São Paulo, pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, da Prefeitura de Goiânia. Com este seu primeiro livro de contos, Bernardo Élis ligava-se à corrente ou grupo de regionalistas do Centro-Oeste, iniciado em Goiás pelo próprio Hugo de Carvalho Ramos com a publicação em 1917 do volume de contos *Tropas e boiadas*. Entronca-se o chamado regionalismo do Centro do Brasil, na obra de outro Bernardo, isto é, Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (Ouro Preto, Minas Gerais, 1825-1884) a quem Afrânio Coutinho classifica como "o precursor dos regionalistas do grupo central", autor dos romances *A escrava Isaura*, *O ermitão de Muquém*, *O bandido do Rio das Mortes* e outras obras de feição romântica mas com profundas recendências do povo e das terras interiores de Minas Gerais e do velho e selvático Goiás: exemplo mais frisante, *O ermitão de Muquém*.

Esta corrente de ficção regionalista do Brasil Central seria continuada por Afonso Arinos de Melo Franco com a coletânea de contos *Pelo sertão*, publicado em 1898.



Afonso Arinos, com este livro, influenciou toda uma grei de escritores regionalistas que viria confluír em Bernardo Élis, seguido de João Guimarães Rosa. *Ermos e gerais*, de Bernardo Élis, apareceu doze anos antes de *Sagarana*, lançado em 1956. A coleção de contos de Guimarães Rosa iniciou sua obra e deu nova feição ao regionalismo de Minas Gerais.

Bernardo Élis "é a figura mais importante do Modernismo goiano" - é como está registrado no artigo sobre a literatura de Goiás nas páginas 658/669 da Enciclopédia de Literatura Brasileira, volume 1, da Oficina Literária Afrânio Coutinho, dirigida por Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza. Diz mais a referida enciclopédia que Bernardo Élis com *Ermos e gerais* "veio a tornar-se o maior contista do Brasil Central"... e recebeu os mais sinceros louvores da crítica nacional, passando a figurar entre as mais típicas obras regionais...

Aspecto mais destacado ainda da obra de Bernardo Élis - o social e o político, sem prejuízo do artístico - encontramos no compêndio *A Literatura no Brasil* (pág. 201 e seguintes do volume II), também de responsabilidade de Afrânio Coutinho, no qual lemos: "Suas histórias, em geral, revelam não só o observador de costumes mas o crítico social". É notório: a maior parte da obra de ficção de Bernardo Élis é de denúncia das condições miseráveis em que vivia - ou ainda vive? - seu povo, "as populações sertanejas de Goiás, exploradas pelos grandes proprietários de terras" - conclui-se ainda com Afrânio Coutinho. São da história da própria vida de Bernardo Élis as perseguições políticas e de outra ordem, por ele sofridas quando teve a coragem de transpor para seus contos e romances as injustiças sociais do então selvático Goiás desde os tempos de Bernardo Guimarães e de antes de Goiânia e - principalmente - anteriores a Brasília. O conto *A enxada* é a mais expressiva, contundente e dramática de tais denúncias.

Assim, Bernardo Élis, escrevendo cada vez melhor e construindo uma obra rara na literatura brasileira, continuou

denunciando a situação das populações "vitimadas - como diz Coutinho - pela ignorância e o pauperismo, mergulhadas na superstição". Nesta linha publicou, em 1956, seu primeiro romance *O tronco*. A ação de *O tronco* baseia-se em fatos históricos passados em São José do Duro (hoje Dianópolis), no perdido extremo norte de Goiás. Naqueles ermos, para usarmos um termo ao gosto de Bernardo Élis, os coronéis donos de terras exploravam e tiranizavam o povo usando, ainda, nos primeiros vinte anos deste século, um instrumento de tortura do século XIX, do tempo da escravidão: o tronco. Grande foi a repercussão de *O tronco*, tão grande na boa acolhida da crítica nacional quanto na da sociedade goiana conservadora a acoirar a obra não como bela obra do realismo, mas como peça literária comunista. Se tal não era, Bernardo Élis a construiu seguindo uma linha de esquerda e mais especialmente a do realismo mais profundo que caracterizou o romance nordestino de 1930, corrente pela qual Bernardo Élis sempre confessou-se influenciado.

Para não enfadar, vamos procurando encerrar esta arenga que já vai longa, relacionando as demais obras de ficção de Bernardo Élis sem deixar de citar, para terminar de vez, trecho do crítico Tristão de Athayde: "A obra de Bernardo Élis é de verdade social impressionante e uma criação linguística de uma beleza e de uma originalidade absolutamente singulares... É uma fusão rara entre o falar culto e o falar popular..." Além de *O tronco*, Bernardo Élis nos deu ainda mais dois romances: *A terra e as carabinas* e *Chegou o governador*, os três publicados pela



José Olympio. *O tronco* foi agraciado com o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em 1968. Como contista, além do já referido *Ermos e gerais*, nos deu *Caminhos e descaminhos* que mereceu o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. É de 1965 *Veranico de janeiro*, o volume em cujas páginas está o conto "A enxada" aqui destacado, editado pela José Olympio em 1966, agraciado com seu primeiro Prêmio Jabuti e o Prêmio José Lins do Rego; Herman Lima, também um mestre do conto, faz a apresentação de *Veranico de janeiro*. Depois vieram *Caminhos dos gerais*, publicado pela Civilização Brasileira em 1975, *André Louco* (José Olympio, 1978), *Apenas um violão* (Nova Fronteira, 1984) e *Dez contos escolhidos*, publicado em 1985 em Brasília pela Horizonte. A obra de Bernardo Élis Fleury de Campos Curado estende-se por mais um único livro de poesia - *Primeira chuva*, de 1955, e um outro de crônicas *Jeca Jica-Jica Jeca* (1986) e vários outros de história, ensaio literário e estudos sociais, tendo sempre Goiás como fulcro temático.

“Apenas alta noite algum radioso espelho em sua lâmina reflete o que estou sendo. E em meu assombro nem conheço o próprio olhar.”

(Cecília Meireles. “Poema nº 9”. In *Solombra*)

Ester e o espelho

□ BRANCA BAKAJ

Ester viu que não fora só seu rosto que mudara, seu olhar, principalmente, denunciava tanta coisa que lhe parecia desconhecida: um toque de cansaço, misturado a um ar questionativo, tentando resgatar uma inocência perdida...

A visão que teve de seu olho refletido naquele espelho antigo e rebuscado - desde sempre ali colocado, no corredor interminável da casa de sua avó - fez com que Ester o olhasse tão atentamente e surpresa, como se o visse pela primeira vez. Tentava nele encontrar algo que funcionasse como um referencial salvador, mas, como que hipnotizada pela súbita visão, quedou-se parada a buscar, na expressão daquele olhar projetado num reflexo meio obscuro, as raízes de tal espanto.

Lembrou-se Ester de Leonardo da Vinci, que lhe ensinara ser o olho a janela do corpo humano, “por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento”.

O que ela queria era o diálogo entre os olhos e seu coração. Queria incendiar sua alma com recônditos furores.

Ester viu que não fora só seu rosto que mudara, seu olhar, principalmente, denunciava tanta coisa que lhe parecia desconhecida: um toque de cansaço, misturado a um ar questionativo, tentando resgatar uma inocência perdida (razão, quem sabe, das inseguranças que sempre a acompanhavam) e saldar aquelas culpas tão inerentes à cultura judaico-



cristã em que estava envolvida. Seu próprio nome era um marco divisorio entre estas duas culturas.

Gostaria de não ser tão reflexiva, de não questionar este mundo tão louco, mas também não queria perder o olho da mente, já que, para Sócrates, tal perda representava a fonte da real cegueira.

Nada mais indispensável do que estar com o olhar aberto à visibilidade - do visível propriamente dito e até do invisível.

Na percepção da metamorfose de seu olhar, deu-se conta da necessidade de buscar dentro de si mesma a verdade, para poder, agostinianamente, transcender.

O espelho lhe mostrara o limite entre a vida e a morte. Certamente, não iria buscar uma Eurídice no reino dos mortos, nem sofrer o trágico castigo de Orfeu. Gostaria, todavia, de merecer um tão louco amor, capaz de levar alguém a arriscar sua vida num resgate tão dantesco.

Ester se perguntava sobre quem seria capaz disso, para trazê-la de volta à vida.

Aquele espelho, que provocara o seu olhar, a havia chamado para fora, mas lhe propiciara, ao mesmo tempo, um mergulho no mais fundo de sua alma, num libertatório momento de reflexão.



Para Edgar Morin, a corrente média triunfa e nivela, mistura e homogeneiza, levando Van Gogh e Jean Nohain. Favorece as estéticas médias, as poesias médias, os talentos médios, as inteligências médias e as bobagens médias. A cultura de massa é média em sua inspiração e em seu objetivo.

Literatura & mídia

□ NILTO MACIEL

Publicam-se todo ano no Brasil milhares de livros de poesia e prosa de ficção, quase sempre às custas dos próprios autores e em pequenas tiragens. A maioria desses livros não chega às livrarias, que hoje se dedicam a vender obras científicas (literatura médica, por exemplo), jurídicas, religiosas, filosóficas, infantis, ao lado de livros de auto-ajuda, política, amenidades, romances norte-americanos de segunda categoria e os clássicos da literatura universal e nacional.

O fim da editora tradicional talvez já tenha chegado. A literatura já estaria praticamente fora dos interesses dos editores e livreiros. A exceção a esta regra seriam os clássicos, que têm, como leitores, estudantes e escritores. A literatura nova (presente e futura) será editada por conta dos próprios autores ou pequenas editoras.

Para alguns escritores, as editoras não investem em literatura (daqui em diante

empregarei o termo literatura apenas para me referir à poesia e à prosa de ficção), a mídia não dá a mínima importância ao livro, não há editoras e livrarias em número suficiente para acolher todas as obras escritas etc. E aí estaria o grande problema do escritor. No entanto, críticos e jornalistas acreditam mais na incapacidade de comunicação da maioria dos escritores com o leitor, uns por serem pobres de talento e conhecimento, outros por terem muito talento e conhecimento e se isolarem na torre de marfim da poesia para poetas, do romance para romancistas etc. Muitos escreveriam para si mesmos ou para outros escritores. Seria uma literatura para iniciados, como se a literatura fosse a linguagem de uma sociedade secreta, com seus símbolos próprios. Seria a literatura fora de mercado, não-mercantil, em contraposição à sublitteratura e a uma literatura "popular", do gosto das massas.

Edgar Morin, em *Cultura de massas no*

século XX (*O espírito do tempo*), teoriza: "A corrente média triunfa e nivela, mistura e homogeneiza, levando Van Gogh e Jean Nohain. Favorece as estéticas médias, as poesias médias, os talentos médios, as inteligências médias, as bobagens médias. É que a cultura de massa é média em sua inspiração e seu objetivo, porque ela é a cultura do denominador comum entre as idades, os sexos, as classes, os povos, porque ela está ligada a seu meio natural de formação, a sociedade na qual se desenvolve sua humanidade média, de níveis de vida médios, de tipo de vida médio." E acrescenta: "Um exemplo de vulgarização ininterrupta esclarecerá esse propósito: *O vermelho e o negro* de Stendhal se torna um filme adaptado aos padrões comerciais; desse filme nasce *O vermelho e o negro*, folhetim em quadrinhos publicado num diário."

Esses escritores não-mercantis não estariam voltados para o leitor, para o outro, mas para si mesmos. Segundo Emanuel Medeiros Vieira, "escrevemos para perdurar, para vencer a poeira do tempo, para despistar a morte, para regar nossos fantasmas e obsessões, para nos comunicar". Porém como vamos os escritores nos comunicar com os leitores? Se escrevermos para nós mesmos, não haverá comunicação, e escrever será apenas catarse, psicoterapia, auto-análise.

Haveria, então, uma literatura sem mercado ou fora dele e uma literatura produzida especialmente para o mercado. Os livros produzidos para o mercado têm cotação: os mais vendidos, os *best sellers*, os que interessam diretamente às editoras, aos livreiros e à mídia. Segundo Juan Liscano, em entrevista a Floriano Martins, no livro *Escritura conquistada*: "Enquanto o *best seller*, um produto para o mercado, constitui hoje em dia a meta da literatura, a poesia situa-se no extremo contrário, representando, portanto, o não mercantil literário, o trabalho nobre artesanal, o ofício tradicional, mesclado com as funções xamânicas de expressar o humano em transe de universalização arquetipal (a tribo de que falou Mallarmé)." Não está

descartada a hipótese de uma obra literária tornar-se *best seller*. Porém isto se dará quase que por acaso ou dependendo do *merchandising* do editor. Assim, um grande romance pode em determinado tempo tornar-se o mais vendido em algum país ou em parte do mundo. Foi o caso dos *Versos satânicos*, de *O nome da rosa* e outros.

São ainda de Edgar Morin as seguintes observações: "Em certo sentido aplicam-se as palavras de Marx: 'a produção cria o consumidor... A produção produz não só um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto'.

De fato, a produção cultural cria o público de massa, o público universal. Ao mesmo tempo, porém, ela redescobre o que estava subjacente: um tronco humano comum ao público de massa.

Em outro sentido, a produção cultural é determinada pelo próprio mercado. Por esse traço, igualmente, ela se diferencia fundamentalmente das outras culturas: estas utilizam também, e cada vez mais, as *mass media* (impresso, filme, programas de rádio ou televisão), mas têm um caráter normativo: são impostas, pedagógica ou autoritariamente (na escola, no catecismo, na caserna), sob forma de injunções ou proibições. A cultura de massa, no universo capitalista,

não é imposta pelas instituições sociais, ela depende da indústria e do comércio, ela é proposta. Ela se sujeita aos tabus (da religião, do Estado etc.), mas não os cria; ela propõe modelos, mas não ordena nada. Passa sempre pela mediação do produto vendável e por isso mesmo toma emprestadas certas características do produto vendável como a de se dobrar à lei do mercado, da oferta e da procura. Sua lei fundamental é a do mercado."

Em outra página o filósofo francês acrescenta: "No entanto, se nos colocarmos do ponto de vista dos próprios mecanismos do consumo e do ponto de vista do tempo, podemos considerar que, ao longo dos anos, os temas que desabrocham ou desfalecem, evoluem ou se estabilizam no cinema, na imprensa, no rádio ou na televisão, traduzem uma certa dialética da relação produção - consumo.

Não se pode colocar a alternativa simplista: é a imprensa (ou o cinema, ou o rádio etc.) que faz o público, ou é o público que faz a imprensa?

A cultura de massa é imposta do exterior ao público (e lhe fabrica pseudo-necessidades, pseudo-interesses) ou reflete as necessidades do público? É evidente que o verdadeiro problema é o da dialética entre o sistema de produção cultural e as necessidades culturais dos consumidores. Essa dialética é muito complexa pois, por um lado, o que chamamos de público é uma resultante econômica abstrata da lei da oferta e da procura (é o "público médio ideal" do qual falei) e, por outro lado, os constrangimentos do Estado (censura) e as regras do sistema industrial capitalista pesam sobre o caráter mesmo desse diálogo.

A cultura de massa é, portanto, o produto de uma dialética produção - consumo, no centro de uma dialética global que é a da sociedade em sua totalidade."

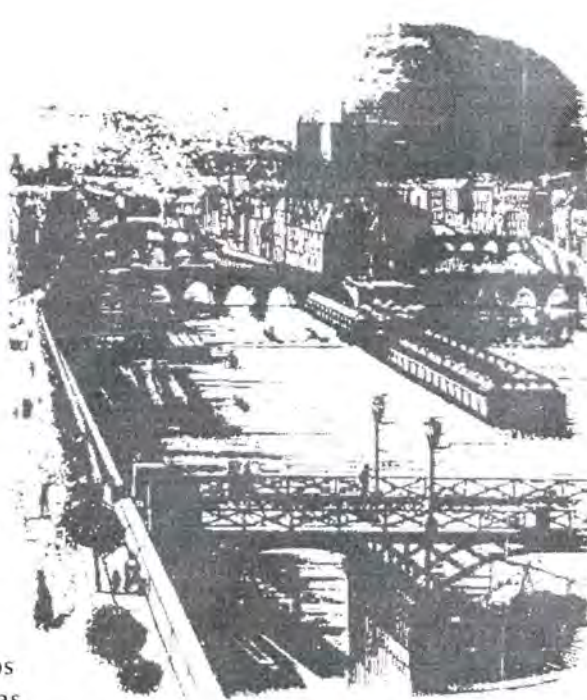
Na verdade, o grande problema do livro não está na distribuição, ao contrário do que afirmam algumas pessoas. Porque mesmo que as livrarias - que são poucas no Brasil - aceitassem os livros de todos os escritores, ou de grande parte deles - mesmo assim não estaria



garantida a comercialização dos livros editados. Não há leitor para literatura, especialmente poesia e prosa de ficção. A circulação das obras literárias é e deverá ser sempre restrita a outros escritores, estudiosos, pesquisadores, críticos, estudantes etc. Livros com distribuição garantida a todas as livrarias e bancas de revistas são aqueles livros produzidos com os ingredientes da violência, cenas de sexo, drogas etc. Os *best sellers* norte-americanos são o melhor exemplo desse tipo de "literatura".

As livrarias não aceitam livros editados por pequenas editoras, geralmente criadas por um escritor para editar os próprios livros. E quem são os escritores que têm leitores? Os melhores? E quem são os melhores? Geralmente os melhores são eleitos pelos professores de literatura e pelos críticos. Os primeiros, talvez por falta de tempo, já chegam às cátedras das Faculdades de Letras com os mesmos nomes de sempre, os escritores que leram e estudaram: Fernando Pessoa, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos Drummond, Manuel Bandeira e poucos outros. Mesmo grandes poetas e prosadores são esquecidos, como Jorge de Lima. Dirão: daqui a 50 anos outros nomes serão incluídos nessa lista dos melhores. Será a sua vez - dizem, como consolo, ao escritor de hoje. O grande público, porém, não conhece esses bons escritores. Isto é, um pequeno número de pessoas, ilustres leitores e estudiosos, seleciona os melhores.

Moacyr Scliar resumiu a questão escritor - leitor, valendo-se de palavras de outros grandes escritores: "Quem não espera um milhão de leitores não deveria escrever, dizia Goethe, mas desde então as expectativas têm sido mais modestas. Stendhal: 'Escrevo para apenas cem leitores, e desses seres infelizes, amáveis, encantadores, conheço apenas um ou dois'. Arthur Koestler levou mais adiante a fórmula dos "cem leitores": uma centena, sim, mas que possam ser trocados por dez



ao cabo de uma década e por um único no fim de um século." (Revista *Literatura* nº 3, dezembro, 1992).

O público de jornal, de revista semanal e de televisão não tem interesse por literatura. Mesmo a literatura mais banal, mais popular, mesmo essa não tem grande público. Daí a mídia não ter interesse nela. Ora, a política, nacional e internacional (agora mais do que nunca, com a globalização da informação), os esportes, o crime, a música pop têm público, grande público. Daí as muitas páginas nos jornais. E os melhores horários na televisão.

Eloésio Paulo, em seu recente *Teatro às escuras - uma introdução ao romance de Uilson Pereira*, afirma: "A propósito das relações entre o texto literário e o padrão de comunicação estética estabelecido pelos veículos de comunicação de massa, o poeta João Cabral de Melo Neto já apontava em 1954 para a necessidade de um comércio maior entre as formas poéticas e novos meios de difusão. Cabral destacava principalmente as virtualidades do rádio como difusor da poesia, apresentava, como uma direção inevitável para o poeta moderno, reformular sua posição enquanto agente de um processo de comunicação, ao mesmo tempo mantendo a alta elaboração estética na base de seus objetivos e procurando abrir-se à possibilidade de atingir o grande público.

Via-se o poeta, portanto, diante de um impasse representado pela concorrência dos *mass media*, que por outro lado encerrava, dialeticamente, a própria saída ou solução, já que o tornar a poesia capaz de "entrar em comunicação com os homens nas condições que a vida moderna oferece" era, para Cabral, a "contraparte orgânica" da luta pela expressão poética desobstruída do tom oratório característico do lirismo tradicional."

E diz mais: "Se a ficção do período (anos 50 e 60) não ignorava a cultura de massas, é certo que encerrou a problemática

em outros termos, distanciando-se do mundo racionalmente administrado da sociedade em industrialização para mergulhar nos impasses da consciência individual e nas indagações metafísicas, coincidindo os escritores mais importantes numa pesquisa estética em nada dirigidas para a massificação da literatura."

Há alguns anos os jornalistas eram, antes de tudo, escritores, como Machado de Assis e outros. Os donos dos jornais ou os editores-chefes precisavam desses escritores. Sem eles, não teriam como editar seus periódicos. Daí também os suplementos literários, que certamente nunca ressurgirão. Não havia ainda os cursos de comunicação. Mesmo assim, ainda hoje temos os artigos assinados, sim. Porém seus autores geralmente são políticos profissionais, sociólogos ou economistas. Que eventualmente podem ser escritores.

Edgar Morin cita um trecho de Robert Musil, em *O homem sem qualidades*, quando o personagem Arnheim pergunta: "Você não notou que nossos jornalistas ficam sempre melhores e nossos poetas sempre piores?" E tira sua conclusão: "Efetivamente, os padrões se enchem de talento, mas sufocam o gênio. Um *copy desk* do "Paris-Match" escreve melhor que Henri Bordeaux, mas não saberia ser André Breton."

(Artigo extraído do livro *Divergências*, de autoria de João Carlos Taveira e Salomão Sousa.)



Se tal moça resiste como uma fortaleza inexpugnável e tu já estás quase desistindo e bebendo mais do que devia, não desanimes, luta bravamente por essa Rapunzel desdenhosa de ti. Investirás, em seguida, com ar de quem não quer nada, numa noite de lua crescente, com um aroma racé de Cartier...

CONSELHO

de amigo



DANILO GOMES

Para conquistares a moça que vens paquerando nos shoppings e barzinhos há tanto tempo, convém usares a estratégia do perfume. Como bem sabes, o perfume costuma ser arma irresistível. Muitas mulheres, quando aspiram um bom perfume masculino, costumam sentir aquilo que, antigamente, se chamava "frisson" e podia até causar "rififi".

Uma noite, pois, usarás uma colônia com esses três ingredientes de Guy Laroche: lavanda, bergamota e musgo de carvalho.

Outra noite tentarás a seguinte essência da sedução, da Bulgari: um fatal aroma de chá preto.

Não deu certo? Investirás, em seguida, com ar de quem não quer nada, numa noite de lua crescente, com um aroma *racé* de Cartier.

Se não der certo, numa noite de sábado, discretamente te apresentarás com um Ralph Lauren de almíscar, óleo de pimenta negra, noz-moscada, menta, zimbro e sândalo - coisa de arrepiar, dizem os entendidos nessas



artimanhas. Muito casamento - dizem - nasceu dessa estonteante química odorífera.

O "jungle" da Kenzo é também considerado um perfume de extrema eficácia amorosa: ele recende a laranja-lima, folhas de mate, noz-moscada e grãos de almíscar malva. Altamente recomendável.

Se a tal moça resiste como uma fortaleza inexpugnável e tu já estás quase desistindo e bebendo mais do que devia, não desanimes, luta bravamente por essa Rapunzel desdenhosa de ti: quando for uma sexta-feira de lua cheia, pede ao garçom que leve ao pianista teu bilhete pedindo músicas das orquestras de Henry Mancini e Nelson Riddle e deixa que ela, na mesa ao lado, aspire esta ousada mistura beduína: uma levemente selvagem fragrância oriental de âmbar, musgo, gengibre e pimenta (a pimenta há-de ser pianíssima). Ela achou selvagem demais, beduína demais, mudou de mesa e saiu de nariz empinado? Resiste, ainda, como o último soldado da Legião Estrangeira enfrentando uma brigada de tuaregues no deserto da morte: tenta um suave, mas tido como irresistível, Calvin Klein clássico.

Ah, já sei, amigo velho, eu te conheço: vejo no teu rosto o que te causa o repúdio, o negaceio, a crueldade dessa mulher que atormenta tua pobre vida.

Ainda assim não desertarás de teu posto de guerreiro. Abriga em teu coração ferido o sentimento de que és um bravo e experiente caçador das savanas africanas, o conquistador do Monte Kilimanjaro, o "buana" a quem mulher alguma jamais, em tempo algum, negou um beijo ou um olhar mais demorado. És um triunfador, um demolidor de corações, a seta que não erra o alvo, a grande águia que flutua sobre os penhascos e os "canyons" mais assustadores, melhor espadachim que Errol Flynn, mais charmoso que Frank Sinatra cantando com aquele chapéu preto, mais sedutor que James Mason no filme "A Raposa do Deserto" ou Al Pacino em "Perfume de Mulher".

Imbuído desse espírito triunfal (recomenda-se, todavia, por precaução, uma pitada de humildade e um grão de recato), deixarás para a derradeira tentativa, numa noite muito especial e em circunstâncias que possam favorecer-te, os eflúvios que emanam, arrasadoramente, de um Jacques Bogart (o próprio sobrenome já faz as mulheres suspirarem como Lauren Bacall), que recende a especiarias, com um toque de menta, muito ao de leve. Dizem os grandes conhecedores da alma feminina que nem Demi Moore nem Julia Roberts resistiriam. Entretanto, se ela, dessa vez, não cair nos teus braços sussurrando numa língua estranha, lânguida e apaixonada para todo o sempre, debes entrar, meu bom amigo, para o mosteiro beneditino mais próximo, onde orarás e laborarás como irmão oblato, sem qualquer vocação para as vaidades, tentações e prazeres mundanos, e poderás até te tornares um santo. Se não suportares a solidão do claustro, poderás, como o poeta, ouvir os mais melancólicos tangos argentinos no bar mais próximo ou de qualquer esquina ou, amigo velho, meu irmão, amar outra mulher, aquela que te fará feliz até o último momento de tua vida.



DF

CÂMARA LEGISLATIVA

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL - ENCARTE DA DF LETRAS

Ano I nº 05

Cidadãos do futuro



Desde 1991, quando os eleitores do Distrito Federal elegeram os primeiros deputados distritais, até hoje, quando finda a segunda legislatura desta Casa Legislativa, foram apresentadas mais de 7.334 proposições, entre emendas à Lei Orgânica e projetos de lei complementar, leis, decretos legislativos e resoluções.



Foram 2.107 leis ordinárias aprovadas nesses oito anos de funcionamento da Câmara Legislativa do DF. Essas leis trouxeram mudanças significativas à vida dos brasilienses. Hoje, a Câmara Legislativa é uma Casa consolidada e indispensável ao exercício da cidadania de nossa população.

Lucia Carvalho

PT



O Distrito Federal possui cerca de 3 mil deficientes visuais segundo dados da ABDV; é impres-

cindível que essas pessoas sejam integradas à nossa comunidade. Para isso apresentei um projeto já aprovado na Casa que determina que os bares e restaurantes do DF tenham cardápios adaptados para uso delas. Hoje, apenas as lanchonetes Mac Donald's possuem cardápios em braile, embora plastificados. Segundo as professoras do Centro de Ensino Especial para Deficientes Visuais, que fica na 612 Sul, a plastificação do cardápio dificulta a leitura.

Maria José Maninha

PT



Brasília vem-se impondo como um pólo irradiador de cultura. Para isso, é de fundamental importância o Pro-

jeito Temporadas Populares, promovido pela Secretaria de Cultura e Fundação Cultural do DF, que chega à sua sexta edição. São cerca de 400 artistas de Brasília e de todo o Brasil que, de 2 a 26 de julho, estarão apresentando espetáculos de música, dança e teatro. É gratificante ver experiências artísticas diferentes reunidas numa só cidade, dando ao artista a oportunidade de mostrar a sua arte e, ao público, a oportunidade de conhecê-la. Tudo isso, a preço simbólico. Que o Brasil copie mais esse bom exemplo de Brasília.

Luiz Estevão

PMDB



O presidente da Fundação Comunidade, deputado Luiz Estevão, informou que o Prêmio Luiz Estevão de Cultura vai pagar, em sua sexta edição, um total de R\$

35 mil aos melhores criadores nas dez categorias. O aumento de 40% sobre os valores pagos nos anos anteriores, segundo o deputado, visa valorizar e prestigiar ainda mais o trabalho dos artistas locais.

O 6º Prêmio Luiz Estevão de Cultura vai monitorar e avaliar toda a produção cultural do Distrito Federal nas categorias de Música (popular e clássica), Literatura (prosa e poesia), Artes Cênicas (teatro e dança), Artes Plásticas (pintura e escultura) e Artes Visuais (cinema e vídeo).

Benício Tavares

PTB



Despertar a sensibilidade e o talento de nossos jovens através da música e, ao mesmo tempo, gerar postos de trabalho para os profissionais da área são alguns dos objetivos

previstos no Projeto de Lei nº 3.752/98, de minha autoria, o Pro-Música, Programa de Incentivo à Prática Musical.

O Pro-Música permitirá que a comunidade tenha acesso ao ensino musical através da estrutura educacional e incentivará a formação de grupos musicais, cabendo à Secretaria de Educação prover a capacitação e reciclagem de professores e especialistas em educação musical e a contratação temporária de músicos profissionais.

Pedro Celso

PT



O artesão, através da habilidade de suas mãos, pode gerar não só beleza mas também emprego e renda para a sua família e a comunidade.

O Programa de Fomento ao Artesanato, que implantei enquanto secretário de Trabalho, reflete a preocupação de transformar o artesão em trabalhador respeitado, tirando-o definitivamente da condição de pessoa carente e subempregada. Através da parceria estabelecida com as Associações de Artesãos do DF, conseguimos alguns avanços significativos como a qualificação profissional, o intercâmbio de idéias e a valorização do artesanato e das nossas tradições.

Zé Ramalho

PDT



A DF Letras está completando três anos no formato revista, uma idéia que deu certo e está fazendo a "cabeça" de muita gente

Brasil afora, levando a cultura do Centro-Oeste, e principalmente a do Distrito Federal, de norte a sul do nosso País. Partindo sempre do princípio de que a cultura é um dos maiores patrimônios de uma nação, a DF Letras se tornou um ponto de referência nacional, revista obrigatória para os amantes de uma boa leitura e que, para nosso orgulho, está sendo divulgada também no exterior. Viva a cultura e parabéns para todos nós, que fizemos da DF Letras uma mania nacional.

Peniel Pacheco

PSDB



O deputado Peniel Pacheco, atualmente no segundo mandato, é o autor do primeiro projeto da CLDF, transformado em lei, que trata da obrigatoriedade

do ensino sobre drogas e Aids para alunos de 1º e 2º graus na rede pública e particular de ensino. Mas ganhou notoriedade em Brasília e em todo o país combatendo os males do fumo. Segundo lei de Peniel os bares, restaurantes e lanchonetes da cidade devem destinar 50% de seu espaço para não-fumantes.

A atuação parlamentar de Peniel desdobra-se em números. Ao todo foram 95 proposições, 27 projetos de lei e ainda 45 leis em vigor na cidade.

Daniel Marques



Planaltina, cidade conhecida por suas manifestações populares de caráter cultural e religioso, poderá, a partir de agora, realizar em um só lugar todos os seus eventos.

A Lei nº 1.854/98, do deputado Daniel Marques (PMDB), destina uma área de aproximadamente mil metros quadrados, localizada ao sul da rodovia BR-020 e a oeste da Avenida Independência, para a implantação do Parque de Eventos. Daniel Marques garante que naquele espaço poderão ser realizadas exposições agropecuárias, vaquejadas, shows artísticos e grandes festas como a Folia do Divino e a Folia de Reis. "Esse parque vai permitir a integração da cultura de Planaltina", comemora o deputado.

Marco Lima



Durante anos os brasileiros, sufocados pelo regime militar, foram impedidos de manifestar seu patriotismo. Talvez, boa parte da população não tivesse nem interesse em compactuar com

o nacionalismo atroz da década de 70.

Hoje, depois da anistia e de um relaxamento na interpretação das leis que regem os símbolos nacionais, milhares de brasileiros saem às ruas com as cores da bandeira brasileira e, até mesmo, vestidos com ela.

Esperamos que essa nova geração desperte também a consciência para a importância do fortalecimento das instituições democráticas, que devem ser cultuadas e respeitadas tanto quanto os símbolos nacionais, conforme observamos nos eventos esportivos.

Adão Xavier



Exercendo seu primeiro mandato como deputado distrital e tendo sido eleito com 7.934 votos em outubro/98 para o segundo mandato, é o segundo parlamentar que mais se destacou na Câmara, somando projetos de lei e projetos de lei complementar conforme registros obtidos junto ao Protocolo da Câmara Legislativa do DF. Suas principais leis e projetos são: Lei nº 1.297/96, que proíbe a venda de cigarros e derivados do fumo a menores de 18 anos, assim como a publicidade desses produtos a menos de 300 metros de estabelecimento de ensino (esta lei,

inédita no Brasil, depois de promulgada, influenciou várias outras cidades); Lei nº 1.321/96, que isenta do pagamento da taxa de inscrição em concurso público as pessoas que comprovarem doação de sangue, pelo menos três vezes ao ano, à Fundação Hemocentro ou aos hospitais; PL nº 660/95, que institui o passe livre aos estudantes no sistema de transporte coletivo do DF.

Jorge Cauhy



O deputado Jorge Cauhy (PMDB) tem procurado, na Câmara Legislativa, apresentar projetos que fortaleçam a economia do DF, para que novos

empregos sejam criados. Nesse sentido, o parlamentar cita a lei que parcelou os débitos fiscais em atraso junto ao fisco e a que amplia a renda bruta anual das microempresas. Cauhy entende que essas propostas ajudam no fortalecimento das empresas, principalmente das pequenas, estimulando-as a criarem novos empregos.

Marcos Arruda



De autoria do deputado Marcos Arruda, a Lei nº 1.986/98, que autoriza o Poder Executivo a implantar sistema de ouvidoria pública em todas as Regiões

Administrativas do Distrito Federal, já foi sancionada pelo governador Cristovam Buarque.

O sistema de ouvidoria pública funcionará 24 horas, inclusive aos sábados e domingos. As reclamações e reivindicações feitas pela sociedade serão enviadas mensalmente à Câmara Legislativa do DF.

César Lacerda



O desemprego é um dos maiores problemas brasileiros deste final de século. Não existe qualquer política

pública voltada à geração de empregos. Esta lamentável realidade contribui, efetivamente, para o aumento da criminalidade. Entretanto, enxergamos na cultura um excelente meio para aquecer o mercado de trabalho; para isso basta que os governos invistam na formação de profissionais nesta área. É de minha autoria a lei que cria o Pólo de Artesanato do Distrito Federal, o qual, se implantado pelo GDF, contribuiria para dar aos artesãos um local digno para produzirem sua arte, sem contar que possibilitaria a formação de novos artistas, a partir dos cursos que seriam ministrados nas dependências do Pólo.

José Edmar



Em meu mandato tive a honra de apresentar vários projetos na área cultural. Gostaria de destacar, entretanto, alguns

deles que representam homenagem a relevantes personagens da história de Brasília e do Brasil: a criação do Parque Juscelino Kubitschek, entre as cidades de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia; a denominação de Lúcio Costa ao Eixo Rodoviário, que corta o Plano Piloto; a denominação de Burle Marx ao Parque Ecológico Norte, localizado entre a Asa Norte e o Setor Noroeste. Por último destaco, ainda, a lei que reservou área para a construção do Monumento aos Heróis da Segunda Guerra Mundial, ao lado da Praça dos Três Poderes. São iniciativas que trazem orgulho a toda a população do DF.



Fruto de lutas memoráveis, desde a época da ditadura militar, a Câmara Legislativa é povo. É festa democrática todos os dias. É onde o presente e o futuro se unem, irmanados para construir uma sociedade mais humana, progressista e ética. Somos vitrine para o restante do País. E, assim, a Câmara Legislativa do DF tem se comportado com honestidade, espírito público e democrático, preparando o cidadão do futuro.



Na terra das ovelhas e das maçãs



□ DINIZ FELIX DOS SANTOS

Um dia, uma pobre requereu ajuda governamental, devidamente comprovando sua condição de miserabilidade. Não só teve seu pedido indeferido, como foi ridicularizada pela mídia, por haver confundido “d” com “b”.

Havia uma terra repleta de ovelhas e maçãs falantes e puras. Herança avoenga, guardavam em sua memória, como dogma, que “uma só maçã podre estraga a caixa toda” e estigmatizavam de “ovelha negra da família” quem contrariasse por atos ou idéias a conduta social vigente. Um dia, não se sabe quem, ou quais, angariando votos para um cargo público qualquer, colocou em sua plataforma política que (ao contrário do determinado pela “ciência dos homens”) todas as maçãs podres poderiam ser recuperadas, e inventou até que essas foram palavras de Deus, omitidas dos textos pelas ditaduras e tiranias que se multiplicaram neste mundo...

Ninguém se perguntou por que, com que interesse, de repente, organizações, sob o título de “direitos humanos”, acorreram àquela terra, e discursavam: “Se os humanos estão devidamente protegidos, os animais defendidos dos humanos maus, as plantas (algumas...) cercadas de cuidados... por que não as frutas? (e depois os insetos, é claro, que, os humanos, como dissemos, já estão devidamente protegidos.)”

Os defensores da tese dos direitos da maçãs podres ganharam as eleições, e, a partir daí, todo o conhecimento e trabalho foram canalizados para encontrar uma forma de recuperá-las, custasse o que custasse. As sãs ficaram completamente abandonadas, desde o nascimento até o fim. “São sãs, não precisam de ajuda” - argumentavam os novos donos do poder.

Um dia, uma pobre requereu ajuda governamental, devidamente comprovando sua condição de miserabilidade. Não só teve seu pedido indeferido, como foi ridicularizada pela mídia, por haver confundido “d” com “b”, tendo alguns articulistas até percebido aí uma certa tendência subversiva, na simetria das letras, “um giro de 180 graus” - insinuaram.

Tosaram-se, como se fossem dedos da mão de um ladrão fundamentalista, de uma só vez, as questões relativas a saúde, educação, agricultura... e só deixaram o dedo mínimo: recuperação, prioridade absoluta para a recuperação das podres! Entrementes, foi-lhes garantido o direito de ir e vir entre as sãs, e até com algumas compensações, visto que, se podres eram, “alguém” teria culpa disso... (quem sabe, toda a sociedade?). Outrossim, destruíram-se, em rito sumário, moral e se preciso fosse fisicamente, todas as ovelhas que se comportaram de forma “politicamente incorreta”: as ovelhas negras.

Jamais algum ente ousou perguntar o porquê de tudo isso. Hoje em dia, quando se passa por lá, não se sente mais o perfume que vinha das macieiras frondosas, nem se divisam suas cores, o verde, o vermelho, o amarelo. O capim tomou conta do lugar. Resta apenas uma família - que domina “tudo” - de ovelhas branquinhas, a balir sem eco nos corações... Exceto no meu, que me lembro...

Diniz Felix dos Santos é escritor.

□ HELENO SOARES DOURADO

e outras coisas do além

De fantasmas

O magal chorava feito criança. O "Chapa" e os demais, olhos no chão, nem pareciam os animados jogadores de truco que eu conhecia. Realmente estava terrível o clima do velório. Queria dizer que estava tudo bem, mas ninguém me respondia.

Como mais cedo ou mais tarde teria de acontecer, aconteceu.

Convenhamos que bem mais cedo que deveria ser, afinal contava apenas com cinquenta e seis anos de idade - só dois de aposentadoria, bem de saúde, disposto - quando dava tempo e a ressaca deixava até batia minha bolinha - sentia-me um menino! Jamais pensei que empacotaria logo agora.

E o pior é que aconteceu em circunstâncias que denigrem minha imagem junto aos meus familiares e amigos. Poderia ter acontecido durante aquela maldita caminhada, ou quando estivesse comendo o repasto inosso que o médico recomendou, então me dariam razão: "Bem que ele reclamava do esforço físico desnecessário e da comida ruim!..." Mas não, para minha contrariedade aconteceu no Bar do Magal, durante a final do Campeonato de Dominó da Vila Mathias, justo no momento que eu ia engolir o último gole de Dreher e degustar um pedaço de torresmo

(meu tira-gosto predileto). No princípio pensei ser a emoção de ter "fechado o jogo", com a bucha-de-branco na mão (ou teria sido o caldo de mocotó que estava passado?!). O certo é que amarelei, estiquei o corpo para trás (os amigos ainda tentaram socorrer), empapucei os olhos e... CATAFLAM... fui transportado. Adeus dominó, adeus Domingão do Faustão, adeus Banheira do Gugu, sarapatel da Zefinha (adeus Zefinha também!)...

De repente achei-me naquele tumulto na capela: um monte de gente, uns chorando, outros contando piadas e, no centro, esticado dentro de um caixão barato, todo inchado, com o conhecido ar de pileque - meu corpo - com direito a flores, algodão na boca e tudo mais. Ao lado Matilde, companheira de alegrias, lutas e ressacas, queixava-se chorosa: "Eu sabia que o teu fim seria no dominó, meu véio, cê sabia que o médico te proibiu de beber!..." (realmente seria bem melhor se acontecesse durante a caminhada!). Tadeu, aquele cretino com fama de "come-viúva", fingia consolá-la, já preparando o bote - nunca gostei do jeito que ele olhava para ela!

Aquela baita confusão e eu ali, "em pé" (se posso dizer assim) no meio da capela, tal qual o moço do filme Ghost, tentando inutilmente comunicar-me com alguém: avisar para Matilde que o comprovante de quitação da Belina estava na gaveta da cômoda; que o carnê da Arapuã estava vencido, mas eu tinha "arranjado" o dinheiro para pagar (só



estava esperando o jogo acabar); que a apólice do seguro eu tinha usado numa emergência (sabe "cumé", bateu aquela vontade e o único papel que encontrei foi a apólice); dar uns "bizus" para os "meninos": para Aninha deixar de andar com aquele cabeludo do P Sul, para o Paulinho deixar o "fumo" (ele disfarçava mas eu sabia) e, quem sabe, se o Paulo Coelho desse uma ajudinha, dar aquela despedida com minha doce Matilde. Humm!...

Num canto, os meus amigos mais chegados estavam numa tristeza que dava dó. "Jaó" - meu parceiro mais constante no dominó - contava, num tom saudosos, as várias aventuras da dupla: o truco, os "passes" e as "batidas" da polícia. O Magal chorava feito criança (xiii! amigão, se eu pudesse pediria à Matilde para pagar os "pinduras"). O "Chapa" e os demais, olhos no chão, nem pareciam os animados jogadores de truco que eu conhecia. Realmente estava terrível o clima do velório. Queria dizer "oi, pessoal", dizer que estava tudo bem (será?!), mas nada, ninguém me respondia: estava isolado em meu próprio velório!!!

Ainda tentando acostumar-me à nova situação, senti uma sensação esquisita, um formigamento, as imagens sumindo (ah! de novo não) e... RASTAFLAM!!! Como num filme fui "retransplantado". Estava, pela primeira vez na "vida" (continuo sem saber como usar certas expressões), na "Grande Pizzaria", digo, no Congresso Nacional. Admito não saber o porquê das forças sobrenaturais me terem levado para este lugar, mas aproveitei minha nova situação metafísica e fui dar uma voltinha na "casa". Conheci o



Salão Verde, o Salão Azul, Plenário, esteira rolante e..., para não negar minha vocação nem meus princípios, dei uma "passadinha" no banheiro das secretárias (ai que belezuras!). Pena que na condição que me encontro tenho minhas vantagens - posso estar no Congresso e até ver essas danadinhas -, mas enormes desvantagens - apesar dos meus esforços, nem fui percebido. Foi por causa dessa minha diversão que acabei entrando, por engano, no banheiro dos deputados, deparando-me com o Gabeira - estava "enrolando" um baseado com um pedaço de sua camisa importada, feita de cânhamo (nossa velha maconha).



Um pouco vexado com a situação (lembrei-me do meu Paulinho), procurei dar meia-volta e sair, quando dei de cara com um outro fantasma. Era um senhor forte, grisalho, vestido num bonito terno. Vendo-o não demorei a reconhecer: "Amaral Neto!!!" gritei, apalpando os bolsos meus à procura de um bloco de autógrafos, esquecendo-me completamente de minha condição de fantasma. Apresentei-me, disse-lhe que sempre

fui seu admirador: "pororoca", "Rio Negro", "Transamazônica", pararás, pararás... Era uma alegria encontrá-lo fantasma deputado em meio a tantos deputados fantasmas.

Depois dos festejos de apresentação, deixou-me o "nobre colega" (agora posso dizer assim), foi ver como estavam os outros representantes do povo - os "vivos", é claro. Acompanhei-o de longe, vendo de tudo nos gabinetes por onde passei. Agnaldo Timóteo cantarolava alegremente "A Casa dos Meus

Sonhos", Wigberto Tartuce, ocupadíssimo com a elaboração de seu programa de rádio; Marta Suplicy tentava explicar, em vão, uma piada de português ao seu colega José Lourenço (te cuida, Amaral!); o Newton Cardoso devorava um "sanduba x-tudo" - e eles ainda tinham tempo de cuidar dos problemas brasileiros!

Nas Comissões, assuntos importantíssimos eram tratados com "urgência urgentíssima" (sempre pensei que essa expressão fosse uma brincadeira, quem sabe não seja mesmo?!). Nesse dia eram discutidos amiúde a reforma ortográfica, aposentadoria parlamentar, união entre homossexuais, calendário de solenidades, jetons, etc. Estranhei a ausência dos "deputados fantasmas" (queria tanto vê-los!) mas fui compensado encontrando outros fantasmas visitantes, inclusive um grupo de fantasmas sem-terra (vejam só, até do outro lado da vida!).

Na saída encontrei o Amaral Neto no maior "papo-cabeça" com o Gabeira: tinham descoberto mais uma qualidade da "erva" - ela permitia fazer contato entre mundos e já estavam "queimando" as meias do verde parlamentar. Corri procurando uma bituca de cigarro acesa e fui também tentar conectar-me com os vivos. Quem sabe, né? Ai, Matildinha, me aguarde!...

Uma miscelânea de

□ SALIM MIGUEL

PUBLICAÇÕES DE ARTE



Com público restrito e uma crescente dificuldade na distribuição, a vida de boa parcela dos periódicos da área cultural é curta. Sendo muito numerosos, mais curta ainda.

A cada dia, novos periódicos dedicados à área da cultura vão sendo jogados no mercado. Isto

é positivo e, também, negativo. Antes que me contestem, esclareço: claro que num país da extensão territorial do Brasil há necessidade de se ampliar a difusão da cultura. Se não fosse por outro motivo, para sair-se da eterna dominação do eixo Rio-São Paulo. E mostrar que nas mais distantes regiões do País existe gente de valor produzindo, lutando.

Onde, então, o "negativo"? É que, com um público restrito e a crescente dificuldade na distribuição, a vida de boa parcela de tais publicações é curta. Sendo muito numerosas, mais curta ainda. Faz pouco, nesse mesmo espaço (edição de 24 de julho - *Poesia? Sempre!*), eu falava da revista *Blau*, de Porto Alegre, que se sustenta graças à teimosia de seu editor, o

contista Walmor Santos; ele anunciava que, além de reduzir a tiragem (de 25 para 15 mil), estava, diante das crescentes dificuldades e da falta de apoio, vendo-se quase obrigado a suspender a publicação. É bom insistir que muitos desses órgãos são um canal aberto onde se ensaiam criadores em todos os campos do saber. E quantos novos ou menos novos têm outro canal por onde possam extravasar, publicar e, assim, conseguir, quem sabe, mais adiante, uma editora que se interesse pelo que estão criando?

Nesta miscelânea vou falar, sucintamente, de mais algumas publicações, quer elas venham se mantendo há muitos anos (*Correio das artes*, de João Pessoa, por exemplo), ou recém-lançadas, (*Inter poesia*, do Rio, que acaba de publicar seu primeiro número). Quantas mais devem existir por esses brasis!

Quem sabe, outra hora, falarei delas. Começo por alguns tablóides, sobreviventes, todos de



Outra publicação, pioneira, da área oficial, merece ser citada. É a DF Letras, da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Começou como tablóide e agora, em seu terceiro ano, como revista, é a única do gênero no País. Deveria servir de exemplo para estados e municípios.

órgãos de cultura dos estados:

1 - *Suplemento literário*, de Minas Gerais. Criado por Murilo Rubião, atravessou (em 30 anos) várias fases; mantém sua proposta inovadora, inclusive na atenção à parte visual. Hoje editado por Carlos Ávila, projeto gráfico de Guilherme Mansur, no número 40 presta homenagem a Cruz e Sousa.

2 - *O galo*, do Rio Grande do Norte, já no ano 10, tendo como editor Nelson Patriota, abrindo-se para colaboração de outras regiões, embora, o que nos parece correto, no incentivo à cultura regional, reserve substancial espaço para os valores da terra, confirmando-os ou revelando-os.

3 - *O Catarina*, de Santa Catarina, editora Ida Stigger, sendo sub-editora Simone Bobsin. Neste ano, parte de suas páginas vêm sendo preenchidas com matérias que tratam do transcurso dos 100 anos da morte de Cruz e Sousa.

4 - *Correio das Artes*, da Paraíba, editado por Cláudio Limeira. É, certamente, o mais resistente de todos, publicado desde maio de 1949, tendo como fundador o poeta Edson Régis. Vem se renovando a cada número.

5 - Outra publicação pioneira, da área oficial, merece ser citada. É a *DF Letras*, da Câmara Legislativa do Distrito Federal, já em seu quinto ano, agora editada por Chico Nóbrega. Com ampla e variada colaboração, ao que me consta é a única do gênero no País. Bem que assembleias legislativas e câmaras municipais de outros estados poderiam seguir o exemplo.

6 - *Literatura*, revista do escritor brasileiro, é também de Brasília - e está no número 14, tendo como diretor Nilto Maciel e editor João Carlos Taveira. O bom nível dos textos e a diversidade de matérias (poesia, conto, crônica, resenhas, depoimentos, entrevistas, noticiário geral) faz dela uma publicação de



grande interesse para todos. E da mesma forma que tantas outras, *Literatura* presta, neste número, homenagem a Cruz e Sousa.

7 - *Revista de Cultura da Bahia*, editada pelo contista Valdomiro Santana. Com este substancial número, a revista entra em nova fase. É outra que poderia ser imitada: a publicação é do Conselho Estadual de Cultura.

8 - *Inter poesia*, do Rio de Janeiro, tem como editor Emanuel Brasil. Está em seu primeiro número (maio de 1998), mas já diz ao que veio. Bem produzida, matérias selecionadas com critério, afirma, no editorial, que quer "intermediar a circulação do pensamento e da produção estética" e que é este seu desafio. E se bem aberta para as demais manifestações culturais, liga-se mais à poesia, o que vem explicitado no próprio título.

9 - *Caliban* é também do Rio de Janeiro, embora grande parte de sua equipe seja mais ligada ao Nordeste, Pernambuco em especial. Compõe seu Conselho de Direção: Cláudio

Aguiar, Majela Colares e Mércia Salsa. É, sem dúvida, a mais ambiciosa e abrangente de todas. Com um amplo Conselho Editorial, a proposta da revista pode ser percebida pelo editorial, no sumário e na diversidade de seus colaboradores, naci-

onais e estrangeiros, que vão de um Nelson Werneck Sodré a um Curt Meyer Clason, dos novos poetas cubanos a uma Suzana Vargas, de um Fábio Lucas a um Miguel Sanches Neto, para ficarmos em poucos nomes. Aqui, também, o especialista Ivan Teixeira fala de Cruz e Sousa e Cláudio Aguiar, dos 100 anos de nascimento de Lorca.

Não só de publicações vive (ou devo dizer, luta para sobreviver) a cultura brasileira. Quero encerrar esta conversa semanal com duas referências; uma à posse do professor, médico, escritor Polydoro Ernani de São Thiago na Academia Catarinense de Letras; outra à inauguração, pelo incansável Gilberto Gerlach, do seu cinema, o Bar Cine York, em São José. Será que todos os que freqüentam o cine NS do Desterro, no CIC, Florianópolis, e agora, certamente, irão freqüentar o de São José, têm consciência da importância fundamental do Gilberto para a nossa cultura cinematográfica? Com garra incomum ele se mantém na luta por um cinema que vá além da mediocridade que nos exibem os raros cinemas convencionais. Bem raros, pois a maioria foi desativada ou adquirida pelas igrejas evangélicas. Não satisfeito em manter a chama acesa, Gilberto nos brinda, também, com trabalhos ilustrativos de Rodrigo de Haro, tendo como tema, claro, a sétima arte. É outro bom motivo para se ir ao Bar Cine York. Vamos?

Salim Miguel é escritor.

(Crônica publicada na "Gazeta Mercantil", Santa Catarina, em 18/9/98.)

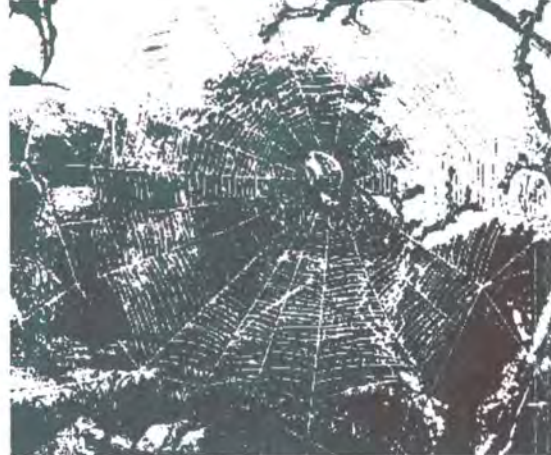
Arte & Fetiche

Ter determinadas coisas, usar certos produtos, passou a significar que se é determinado ideal: ter é ser. A propaganda incentiva o fetiche. O nome dos produtos, as associações em que são inseridos, prometem ao consumidor um pedaço de utopia.

□ FLÁVIO R. KOTHE

Com a sobreposição do valor de troca em relação ao valor de uso, mais vale a capa que o interior, mais vale ter dito que se leu um livro do que realmente tirar proveito dele. Círculos de leitores já são quase uma elite, em comparação com os que sequer lêem. É preciso distinguir o livro, como mercadoria, do livro como bem cultural. Para este, o conteúdo é mais importante que a capa; para aquele, a apresentação, a aparência se sobrepõe à essência, ou pior, a aparência se torna essencial, a ponto de tornar-se a essência. Isso não significa menosprezar a parte visual do texto, em função do conteúdo absolutizado: a dimensão gráfica faz parte da forma, mas pode constituir um recurso semântico. Se o nível qualitativo determinado pelo gosto do público consumidor é inferior ao nível dos clássicos da literatura, o ensino não tem conseguido fazer uma divulgação adequada destes, já porque eles estão excluídos da programação corrente. Ocorre tanto a fetichização do clássico quanto a fetichização do *best seller*. Ostentar a leitura torna-se mais importante que a própria leitura. Mas tudo isso tem pouca importância num país em que se lê pouco, e se olha demais televisão de baixo nível cultural.

A fetichização da mercadoria, abordada por Marx num pequeno capítulo, o quarto da primeira seção do primeiro volume de



O capital, teve grande fortuna, tendo sido desenvolvido por autores como Lukács, Benjamin, Bloch e Adorno: com a industrialização, houve cada vez maior reificação, as coisas como que passaram a ter vida própria. A versão de que as máquinas se humanizam enquanto os homens viram máquinas tende a ser, no entanto, reacionária. Repetindo antiga tradição, o homem se torna escravo do que ele mesmo gera: aparentar torna-se mais importante que ser. Ter determinadas coisas, usar certos produtos, passou a significar que se é determinado ideal: ter é ser. A propaganda incentiva o fetiche. O nome dos produtos, as associações em que são inseridos prometem ao consumidor um pedaço de utopia.

Se a meta básica do capital é capitalizar o capital, bom é então o que serve para isso e ruim o que atrapalha: Osmuz e Arimã se reatualizam no mundo dos negócios e nas narrativas triviais. Se a fetichização de uma mercadoria ajuda a aumentar as vendas e, com isso, a taxa de lucros, então os meios justificam os fins, mesmo que a propaganda opere com "meias-verdades" (tão raras quanto semivirgens). O valor da mercadoria parece diretamente proporcional à sua quantidade e inversamente proporcional à produtividade da mão-de-obra que nela se corporifica. Aparentemente, quanto mais produtiva uma força de trabalho, tanto menos vale em média cada um dos seus produtos: como o todo de sua produção é, no entanto, maior, ela gera um *quantum* global maior, e pode ser melhor remunerada, embora gerando mais produto excedente para o empregador. É como se, quanto mais o operário produz, tanto mais ele é explorado; mesmo assim, tanto melhor ele também pode ser pago, pois seu salário provém do que ele produz.

O valor de uso é um valor porque - segundo a economia política clássica - contém um tempo de trabalho social médio necessário, que é socializado

através do seu valor de troca, tornando-se um valor de uso para outro. O que acontece quando se produz o que ninguém compra? Se ninguém compra um produto, o trabalho nele investido não é um trabalho socialmente necessário, e o produto não se torna uma mercadoria: não é um valor econômico. Pode ser uma grande obra de arte ou filosofia, mas não tem valor algum de mercado. Se o esforço pode não gerar valor, pode o valor ser gerado sem trabalho social médio? Seria esse o caso das obras de arte, que são produtos únicos, não em série? Se alguém escreve poemas e os considera bons, ele pode até ter razão em sua opinião, pode ter investido muita força de trabalho especializada nisso, mas, se ninguém os compra, eles não valem nada no mercado, não têm valor de troca e, portanto, também não têm valor de uso, pois não têm valor de uso para outros. Mesmo assim, eles podem ser de valor artístico, e não apenas por eventualmente propiciarem alguma sinecura para o poeta.

Alguém deve estar disposto a trocar um tempo do seu próprio trabalho pelo tempo que o poeta gastou para escrever o poema, a ponto de, conjugando-se isso a postura idêntica de outras pessoas, surgir uma quantidade suficiente de consumidores potenciais, que possibilitem a um editor custear uma edição, remunerar o poeta por seu trabalho e ainda obter lucro. O poeta não trabalha quando quer, mas quando a inspiração obriga; o escritor profissional escreve quando precisa, a musa é contratada para servi-lo. As palavras de um texto poético podem ter, do ponto de vista crítico, grande qualidade, ter maior valor que as palavras de uma foto - ou telenovela -, e estas somente serem possíveis em sua qualidade porque houve palavras adequadas proferidas pelos poetas: não são, no entanto, reconhecidas nem remuneradas de modo proporcional. Versos de grande valor literário e sem nenhum valor de mercado, *versus* palavras com menor densidade artística e grande valor comercial, eis um paradoxo a enfrentar, e que não é apenas teórico.

O poema hermético tem densidade maior que textos de outros gêneros e é mais difícil de ser elaborado: como diz mais em

menos espaço, sua densidade informacional transcende a média textual e faz parte de sua qualidade. Ele deveria ser, portanto, mais precioso num mundo apressado. É, porém, menos valorizado não só nas camadas sociais sem densidade intelectual, pois foge à inteligência média. Pode-se aceitar como definitivo esse julgamento de valor da sociedade - em que o poeta não tem valor, porque não tem preço nenhum, não se dá um tostão por seu produto -, ou é preciso condenar a sociedade em nome da poesia?

Que o mundo pereça, e a arte se salve - eis uma antiga divisa (a indicar não só que o mundo não merece a arte, ou que a obra nasce como arte da morte do mundo que a gerou, e sim ela também é a perversidade dele, sendo perversa já por auratizar o negativo). A divisa pode indicar ainda a busca de um mundo em que vale a pena viver, porque nele a arte tem espaço e existência, ele mesmo se redimiu assumindo traços de harmonia, cooperação e complementação das partes num todo capaz de operacionalizar do melhor modo as forças que o constituem. O espaço profissional da poesia não se resolve num curso de Letras ou numa associação de escritores. Arte e tecnologia avançada não se excluem, mas fomentam uma vida mais rica e confortável, com sentimentos delicados e mentalidade diferenciada. A divisa *fiat ars, pereat mundus* não quer tanto que se reconheça a danação do mundo quanto quer que ele se dane, pois o artista acha que tem um nicho de sobrevivência

onde organiza a harmonia sonhada na arte. A arte



moderna, preferindo ser verdadeira a ser bela, incorporou em si - não só como tema - a dissonância, o conflito, o absurdo, o vazio.

Com a fetichização, os produtos passam a ter vida própria, deuses da religião do consumo, a dominarem os homens ao invés de serem dominados por eles: seus sacerdotes são os publicitários; seus templos, os shopping centers. A mídia se torna um imenso camêlo, a enrolar o espectador na rede de sua lábia. O receptor só interessa à medida que é consumidor potencial. Os programas são feitos para que propagandas possam ser apresentadas. Estas não são mais apenas meios para que eles possam ser apresentados: eles é que se utilizam dos programas para converterem o espectador em consumidor.

O coroamento dessa reversão ocorre no *merchandising*, quando se rompe a barreira entre programa e propaganda, sendo esta sutilmente inserida naquele. Outra síntese ocorre com a utilização de recursos narrativos, retóricos e até "poéticos" na propaganda, para atrair e fixar a atenção do espectador e, assim, aumentar a eficácia da mensagem. Essa perversão pode ser parcialmente curada quando cada espectador paga uma taxa mensal de consumo de televisão, despiando-se da ilusão de achar que assiste televisão ou ouve rádio de graça, e não ao preço de sua redução a consumidor potencial das mercadorias da propaganda.

A televisão educativa não é possibilitado, dentro de um sistema dominado pela televisão comercial, alcançar uma faixa ampla de espectadores. Quando ela está num sistema preponderantemente estatal, tende a não ser apenas educativa, e sequer pública, mas a tornar-se instrumento de propaganda e manipulação governamental. Ao invés de um instrumento de esclarecimento e formação, a televisão volta a ser, então, instrumento de obscurantismo. Nela prepondera o instante, que, para prender a atenção, precisa ser escandaloso e superficial, como um contínuo sem meditação nem retorno. Ela é inimiga da arte, e, à medida que as pessoas ficam presas ao seu horizonte, faz com que elas sejam incapazes de suportar a concentração necessária para entender a arte.



A política, as artes, a filosofia, a psicanálise, a biologia, a astronomia, a religião, os mitos - grandes criações humanas - são visitados, seja com o olhar de quem está descobrindo o mundo, seja com a vista cansada e o coração desiludido...

Opção pelo humano

□ REGINA DALCASTAGNÈ

Toda narrativa é uma viagem - percurso construído pela imaginação para escoar possibilidades. Cada vez que alguém conta uma história, seja através de sofisticadas técnicas literárias, seja com a experiência dos velhos narradores, vai-se fazendo um itinerário, trajeto a ser percorrido por aquele que lê ou que ouve. Nada impede que ele descubra atalhos junto ao caminho principal ou que se demore na contemplação de detalhes quase irrelevantes; pode até se

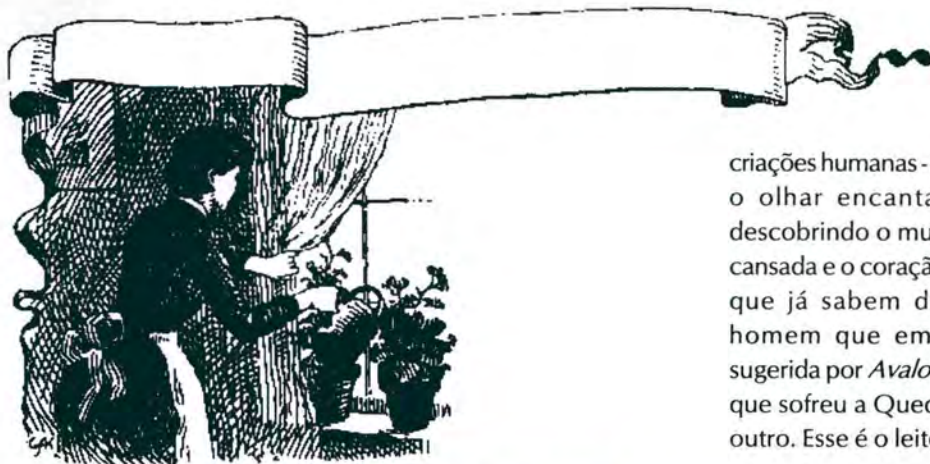
perder, ou simplesmente desistir. Isto porque a imaginação e a liberdade se sustentam mutuamente; e a narrativa pode ser uma viagem universal, mas permite ainda atingir o indivíduo naquilo que ele carrega de mais íntimo consigo.

Antigos perfumes, lembranças de um pequeno quarto, remotas vozes de um passado distante, sensações e medos que não se sabe de onde vêm, tudo o que habita o viajante faz parte do percurso - espaço onde o novo e o já revelado, o fabuloso e o cotidiano, o sagrado e o profano se entrecruzam, formando a tessitura narrativa. É esse movimento, entre o conhecido e o improvável, que confere fascínio a uma história. O que permite que uma obra sobreviva ao desgaste do tempo, ao lento desbotar da vida. *Avalovara*, de Osman Lins, tem essa pretensão e, mais que isso, essa proposta - inscrever o romance na grande trajetória humana, narrar essa aventura e ser narrado por ela.

Por isso o livro se oferece ao leitor como uma inesgotável viagem, uma incursão pelo conhecimento. A política,

as artes, a filosofia, a psicanálise, a biologia, a astronomia, a religião, os mitos - grandes

criações humanas - são visitados, seja com o olhar encantado de quem está descobrindo o mundo, seja com a vista cansada e o coração desiludido daqueles que já sabem de suas mazelas. O homem que empreende a viagem sugerida por *Avalovara* é ainda o mesmo que sofreu a Queda e já é inteiramente outro. Esse é o leitor do romance e esse



é Abel, seu protagonista. Tanto um quanto o outro serão conduzidos no tempo e no espaço, na espiral que cruza o palíndromo mágico, por três mulheres, três representações da vida.

Anneliese Roos, Cecília e ♀ são percursos, pedaços de uma viagem pelos meandros da existência humana e a viagem inteira - são a parte e o todo, como o pássaro cosmogônico que dá título ao livro, que é pássaro e nuvem de pássaros. A primeira é feita de cidades, a outra hospeda homens em seu corpo e a última, sem nome, é carne e verbo. Abel as percorre e é percorrido por elas, ele as cria e é criado, ama e é amado, mas, ainda assim, são as mulheres que o conduzem, que lhe exibem o mundo, com suas maravilhas e seus infortúnios. São elas que transportam o conhecimento, o sentido das coisas ou a falta dele. Como guias, podem ser cruéis, abnegadas, distantes, apaixonadas... só não guardam a pureza da Beatriz de Dante - estão absolutamente contaminadas de humanidade.

E é exatamente isto que busca Abel em suas tantas viagens - tornar-se humano. Para se fazer gente ele tem de se embrenhar no que não pode ser dito, no vivido, recompondo sua própria

história. Mas ele precisa ainda apreender a história do homem, a história do brasileiro e do nordestino, daqueles que fizeram erguer cidades e dos que morreram carregando as pedras. É de dentro dessa história, feita de nomes célebres e de sangue anônimo, que Abel vai se situar como ser humano. Dali que ele vai escolher seu lugar.

A opção não é difícil em si, mas pelo que transporta consigo. Escolher é, sempre, se identificar, se comprometer. É assim para Abel, para Osman Lins, para cada um de nós que tem de assumir sua posição ante um mundo que já estava aí, mas que nunca veremos pronto. Muitos dirão que a escolha é impossível, talvez desnecessária - passarão a vida tentando se convencer de que são justos, "aferidores equânimes das coisas", nas palavras de Abel. Mas chega o tempo em que não basta julgar, é o tempo de se expor ao julgamento. E isso não significa negar a existência do conflito. Ao escolher os homens no lugar dos deuses e, entre os homens, os que "não têm vocação para dominar", Abel está apenas começando a tomar posição. Seus conflitos não se iniciam nem acabam aí, eles se desdobram, prosseguem se fazendo, simplesmente porque cada escolha pressupõe outras.

Portanto, *Avalovara* é, também, um livro sobre escolhas. Entre decidir a respeito do que escrever e sobre quanto investir no amor depois de tantas perdas, há uma infinidade de pequenas e grandes opções a serem feitas.

Mas, se não basta julgar, também não é suficiente escolher - é preciso não capitular. A rendição contamina, destrói; é assim que o pai de ♀ vai se transformando de jovem músico num conjunto de próteses, ou que o Tesoureiro vai perdendo pedaços pela vida. Tanto Abel quanto o ♀ são seres que não se submetem. Eles se enganam, erram, espreitam, mas jamais se rendem totalmente; guardam, em si, a raiva que os mantém íntegros. Não capitular diante da opressão, das dificuldades, das anulações, das dores não os faz mais puros, nem mais belos. Afinal, como lembrava Brecht: "Também o ódio à baixaza/Deforma as feições./ Também a ira pela injustiça/Torna a voz rouca". Mas não se render permite que continuem sendo eles mesmos, e isso já é alguma coisa.

Ao entrarem no Paraíso - novo ponto de partida para suas histórias e para a dos homens, que transportam consigo - ♀ e Abel ingressam também numa outra ordem narrativa, que se estabelece como possibilidade do vir a ser. Essa reafirmação da experiência humana como valor insubstituível acompanha o percurso da espiral e abrange cada um dos quadrados sobre os quais se ergue o *Avalovara*. Todo o livro é uma apaixonada defesa do humano, seja em contraposição aos deuses, seja como forma de negar o embrutecimento dos sentidos, a anulação da capacidade criativa. A busca que Abel empreende talvez esteja vinculada à necessidade de se recolocar, como homem, no mundo. A escolha da narrativa como veículo para esse transporte parece, então, apropriada. Afinal, cada romance aberto é um mistério e uma indagação, cada página virada uma descoberta, mas nunca uma resposta.

Regina Dalcastagnè é professora do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília.



Seca brasiliense

UMA FATALIDADE ?

□ MÁRCIO COTRIM

*Todo ano é o
mesmíssimo
problema. Todo ano
ele ocorre na
mesmíssima época. E
todo ano a duração
do flagelo é
rigorosamente a
mesma. Como se vê,
nada mais previsível
do que a seca em
Brasília, não é
mesmo?*

Que me lembre, nunca foi tão tenebrosa a seca em Brasília. Bem diz um amigo meu que o melhor, mesmo, é tirar as férias em agosto ou setembro e sair da cidade, se mandar para longe daqui.

Realmente, a paisagem é de terra arrasada. Jardins e gramados, esturricados, ardem. Labaredas e colunas de fumaça surgem em toda parte. O exuberante verde que caracteriza o grande parque chamado Brasília se transformou em algo de cor indefinida - mas certamente horrenda - um tom que vai do ocre ao castor, passando pelo sépia, sempre triste, feio e de baixíssimo astral.

Dá desgosto pensar em sair durante o dia para caminhar. O ar abafa, a respiração é penosa e, ao olharmos para o céu, lá está, redonda e imensa, a bola solar a nos torrar cá embaixo.

As nuvens são ralas. Uma névoa seca polui o horizonte, desbota o azul do firmamento e o dilui, suja-o. Todo o mundo reclama, o mau humor é

geral. Muita gente sangra pelo nariz ou tem os lábios partidos, e há severos e generalizados danos físicos.

Centenas, milhares de crianças desidratadas lotam os corredores dos hospitais, algumas acabam morrendo. Viroses ganham proporções epidêmicas, pois há micróbios vagando no ar parado. Gargantas, laringes e traquéias se irritam, se obstruem, se arruinam.

Há um contagiante sentimento de desânimo. A vontade é de ficar deitado o tempo todo dentro da água de uma piscina, de um tanque, até de um alguilar.

Água, sim, elemento fundamental para os dias terríveis que vivemos. Líquidos que nos entrem pela boca e por todos os poros, sorvetes e refrigerantes em profusão goela abaixo para amenizar nem tanto o calor mas a monstruosa secura que nos assola.

Nada mais monótono que os burocráticos boletins diários do Instituto de Meteorologia falando da variação da umidade relativa do ar, "que chegará a 20% nas horas mais quentes".

O governo ensaia um alerta à população e se prepara para suspender todas as atividades se a umidade cair a menos de 12%. Já chegamos a 13%. Enfim, vivemos dias de mal-estar, e o receio de um agravamento da situação que leve a cidade ao estado de calamidade pública.

Todo ano é o mismíssimo problema. Todo ano ele ocorre na



mesmíssima época. E todo ano a duração do flagelo é rigorosamente a mesma. Como se vê, nada mais previsível do que a seca em Brasília, não é mesmo?

Pois, não obstante essa fácil previsibilidade, não obstante todo o mundo estar farto de saber das conseqüências da seca, caminhamos outra vez para o sofrimento como bois atônitos rumo ao cutelo do matadouro. Saímos dos dias amenos e molhados de abril e já sabemos que o pior vai começar em maio.

De fato, começa. Sabemos que vai durar até outubro. E dura.

Ora, caro leitor, parece-me escandalosamente óbvio que já é mais do que hora de acabar com essa atitude de bovino fatalismo. Uma cidade linda como a nossa, modelo de arquitetura, de urbanismo, a melhor qualidade de vida do País e sua própria capital, sede do governo e do corpo diplomático, não pode, convenhamos, ficar à mercê de um problema desses durante quase meio ano - todo ano!

Há dificuldades, todos sabemos - sobretudo de ordem financeira - para resolvê-lo. Mas, em compensação, nunca vi até hoje qualquer medida governamental profunda, nada que tenha sido feito ou esteja em andamento, preventivamente, para pelo menos atenuar o problema. Os incêndios se sucedem, as doenças proliferam - sobretudo as que atingem as crianças - a paisagem fica horrenda, a própria paz social é

comprometida pela epidêmica irritação que afeta a cabeça de todos, e não se conhecem as providências do governo para remediar o problema.

Numa época de fantásticas conquistas tecnológicas como a que vivemos, é risível que nada tenha sido feito. Chuvas artificiais, novos sistemas de

irrigação, aspersão maciça, construção de fontes e chafarizes por toda a cidade, tanta coisa que pode ser feita, que diabo!

Sejamos francos, meu amigo, puxe pela memória: você já ouviu falar de alguma medida - pelo menos uma! - destinada a reduzir os efeitos de nossa seca? Não é incrível que nada, absolutamente nada de concreto tenha sido feito até hoje? Sim, porque reclamar que não há água, ou que a água é pouca, ou que temos que racioná-la, coisas assim, não resolvem nada.

Claro que racionaremos, se não houver outro jeito. Mas trabalhar para minorar os efeitos da seca

- com água, é lógico! - deve ser, a meu ver, uma diretriz permanente a ser adotada pelo GDF. Acho até que deveria existir um órgão oficial, talvez em nível de Secretaria, só para cuidar do assunto, tamanha sua importância para a vida de Brasília. Já que se trata de uma característica fenomenológica e que seu vulto agrava tensões sociais e pode chegar a afetar a própria segurança nacional, deve ser tratada com a seriedade máxima que merece.

Quem sabe, se alguma coisa for feita agora pelos técnicos, entraremos em 1989 com algum esquema projetado para enfrentar a próxima seca? Digo-lhe, convicto: só isso já tornaria o governador da cidade inesquecível e ele se transformaria num herói para sempre na história da cidade.

Márcio Cotrim é escritor. (Texto publicado na antologia *Cronistas de Brasília*, organizada pela escritora Aglaia Souza).



O Aluno Genial

□ YURI SANTOS

"O belo é a manifestação sensível da verdade, já dizia..."

"Aaah...", bocejou sonoramente Maimônides.

Teófilo, professor de Estética e de Introdução à Filosofia na Universidade de Brasília, irritou-se: "Quem é que dizia isso, Maimônides?", quis perguntar sem no entanto o fazer. Afinal, o professor Teófilo não era assim tão estúpido. Era evidente que Maimônides o provocara daquela forma apenas para que ele, Teófilo, o interpelasse. Com certeza Maimônides queria apenas exhibir seus conhecimentos. Era óbvio que aquele aluno metido a gênio já havia lido toda a obra de Hegel.

"... já dizia Hegel", concluiu o resignado professor Teófilo que, com visível irritação, apertava a garrafinha de whisky, que sempre trazia no bolso do paletó.

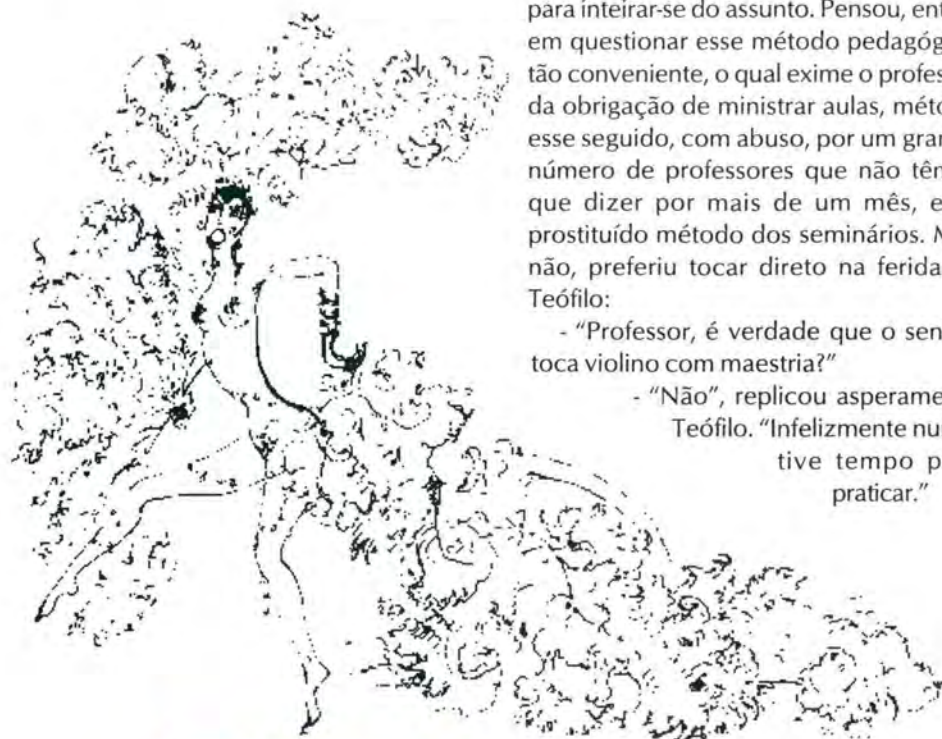
Às terças e quintas-feiras, Teófilo já acordava de mau humor. Nas tardes desses dias deveria voltar a confrontar-se com aquele maldito geniozinho. Maimônides fazia perguntas embaraçosamente complexas e tinha sempre um argumento cabeludo na ponta

da língua. Era um saberete a par de qualquer assunto. Seus conhecimentos ultrapassavam de muito os do professor; afinal, este passara toda a infância e parte da juventude cultivando sem sucesso um talento musical inexistente e, portanto, apenas bem tarde pôde iniciar seus estudos filosóficos. E isso deixava o professor Teófilo, não direi apavorado, mas extremamente tenso e apreensivo. Pois, claro, estava sempre tentando reciclar seus saberes. Não podia deixar sua respeitável imagem de intelectual delir-se na frente dos demais alunos por causa de um pedantezinho qualquer.

Numa certa tarde do mês de outubro - uma tarde irritantemente quente, é bom lembrar - o professor Teófilo, que já bebera metade da garrafinha de whisky antes de entrar na sala, interrompeu a exposição de um seminário preparado por Maimônides - algo sobre o artista e o belo como ideal transcendente - dizendo que este, devido à falta de rigor metodológico, teria seu seminário adiado para o final do semestre. Para o aluno, aquilo tinha um significado claro: o professor estava aquém de compreender o que estava sendo exposto e, portanto, precisava de tempo para inteirar-se do assunto. Pensou, então, em questionar esse método pedagógico tão conveniente, o qual exige o professor da obrigação de ministrar aulas, método esse seguido, com abuso, por um grande número de professores que não têm o que dizer por mais de um mês, esse prostituído método dos seminários. Mas não, preferiu tocar direto na ferida de Teófilo:

- "Professor, é verdade que o senhor toca violino com maestria?"

- "Não", replicou asperamente Teófilo. "Infelizmente nunca tive tempo para praticar."



O gênio estalou os dedos. A sala ficou escura como breu, não se enxergava a um palmo do nariz. Os olhos de Teófilo saltaram das órbitas. Nunca estivera tão apreensivo como agora. Finalmente conheceria a beleza e poderia tornar-se um verdadeiro músico, talvez um grande compositor.

- "E o senhor canta, pinta, desenha... escreve poesia?"

- "Não".

- "Tem visto os lindos crepúsculos desses últimos dias... a lua cheia?"

Teófilo irritou-se: "Onde você quer chegar com tudo isso?"

Os demais alunos, percebendo a entrada de ameaçadores cúmulos-nimbos na sala, e aproveitando que já era hora, começaram a abandonar discretamente a aula, como ratos que deixam um navio que está prestes a ir a pique.

"Ora, professor", prosseguiu Maimônides, "como o senhor espera ensinar-me algo de estética, algo sobre a beleza, se o senhor não passa de um artista frustrado, de um homem insensível, incapaz até mesmo de se vestir decentemente?"

Teófilo pôs-se furibundo; com a mão direita no bolso, apertava com vontade a garrafinha de whisky. Agora, pelo menos, estavam a sós na sala.

- "Olha aqui, menino, quem você pensa que é pra me tratar desse jeito?! Você não..."

- "Eu sou um gênio", interrompeu Maimônides.

- "Rã!!", berrou Teófilo perplexo. "Era só o que me faltava... perder meu tempo com um presunçoso, um Einstein destes!" e, resmungando, começou a recolher suas coisas.

- "Sou um gênio", repetiu o aluno, "e o senhor pode me fazer três pedidos. Farei o possível pra realizar seus desejos".

Teófilo olhou-o sério por alguns momentos. Depois soltou uma debochada gargalhada. "Que absurdo", pensou. E pôs-se a esvaziar a garrafinha goela abaixo.

- "Estou esperando", tornou Maimônides.

- "Olha, menino", começou sarcástico, "já que você é desse tipo de gênio, por que não folheia a ouro as paredes desta sala?" e indicou-as com a garrafinha.

- "É pra já", respondeu Maimônides, que, com um estalar de dedos, causou um estouro tão estridente quanto um trovão. Teófilo caiu sentado de tanto susto. Ficou mais pasmo ainda quando, olhando em volta, viu as paredes cobertas por puro ouro. Aquele garoto era mesmo um gênio.

- "Seu próximo pedido, por favor",



disse o aluno-gênio.

Teófilo largou a garrafinha vazia e colocou-se de joelhos. Seus olhos ficaram marejados.

- "Eu confesso, gênio, eu confesso, sou um insensível, não compreendo realmente o que é tudo isso que a filosofia fala a respeito da beleza, não entendo nada, nunca vi nada que me despertasse um mísero sentimento estético... Sim, infelizmente é verdade. Mas não é minha culpa, acredite, eu... eu... queria... bem..."

- "Diga."

Teófilo respirou fundo: "Eu quero que você me mostre o que é a beleza."

O gênio estalou os dedos. A sala ficou escura como breu, não se enxergava a um palmo do nariz. Os olhos de Teófilo saltavam das órbitas. Nunca estivera tão apreensivo como agora. Finalmente conheceria a beleza e poderia tornar-se um verdadeiro músico, talvez um grande compositor.

De repente, um ponto de luz. Na altura dos seus olhos, ali, no canto da sala. Foi se intensificando concomitante com o fortíssimo som de uma melodia, que não parecia deste planeta. "Sim", ele pensou, "sempre soube que a beleza e a verdade seriam ditadas pela Luz. Lá está, há algo ali querendo revelar-se. Algo será dito." E, de repente, uma mulher nua de quase um metro e oitenta de altura, oitenta e sete de busto, sessenta de cintura, oitenta e nove de quadril, cabelos que quase atingiam sua cintura, lábios fartos, olhos vertiginosos como dois abismos, colocou-se entre o perplexo professor Teófilo e o ponto de luz. Ela virou-se, pegou o ponto de luz e usou-o como uma lanterna, iluminando o próprio corpo ora aqui, ora ali, em meio a uma

fantástica dança em câmara lenta. Uma chuva de flores e estrelas caía sobre ela. Teófilo quis jogar a garrafinha na mulher, mas estava paralisado. Será que ela não tinha visto que o ponto iria dizer-lhe, mostrar-lhe o que é a beleza? Piranha desgraçada!

Logo, tudo desapareceu:

- "Satisfeito?", perguntou o gênio logo que reapareceu.

- "Como satisfeito, se apareceu uma vagabunda que estragou tudo?", disse Teófilo acabrunhado.

O gênio arregalou os olhos:

- "Você é um bruto, um estúpido mesmo, não é, professor? Será que é cego? Nunca ouviu falar de Afrodite? Ou será que nunca sequer reparou numa mulher?"

- "Chega de enrolação! Não quero saber de mais nada, isso é tudo uma armação, você não é gênio porra nenhuma!"

- "Ah, é?! E o que aconteceu aqui, então?"

- "Estou bêbado, tendo alucinações..."

- "Que bêbado o quê! Faça logo seu último pedido. Peça algo que considere impossível - excetuando, é claro, uma nova tentativa de contemplar a beleza - e terá sua prova."

Teófilo pensou, pensou, pensou. Por fim, pegou a garrafinha:

- "Se você é mesmo um gênio, deve morar numa garrafa. Quero ver se você é capaz de entrar nesta aqui!"

- "Isto é ridículo", suspirou Maimônides. "Está desperdiçando um pedido..."

- "Foda-se, entra se isso não for uma armação, seu covarde mentiroso!" Melindrado, o gênio obedeceu imediatamente. "Que idiota!", pensou ao vaporizar-se. E assim que ele entrou, Teófilo, num átimo, fechou a boca da garrafa.

- "Vai ficar aí uns mil anos, meu chapa!" e foi até a beira do lago Paranoá, onde, a despeito dos pedidos de misericórdia do gênio Maimônides, atirou a garrafa. Nem mesmo a promessa de se comportar em aula, feita pelo desesperado gênio, demoveu o insensível professor.

- "Finalmente vou largar esse emprego de merda...", pensou este, enquanto corria, com um formão na mão, para a sala de paredes de ouro.

DE BOLÍVAR



"A Operação Pan-Americana foi um grito contra a desigualdade de condições econômicas neste hemisfério, um brado público e alto diante dos perigos latentes no atual estado de subdesenvolvimento da América Latina. Desfraldamos o apelo à consciência da América, em voz franca e leal..."

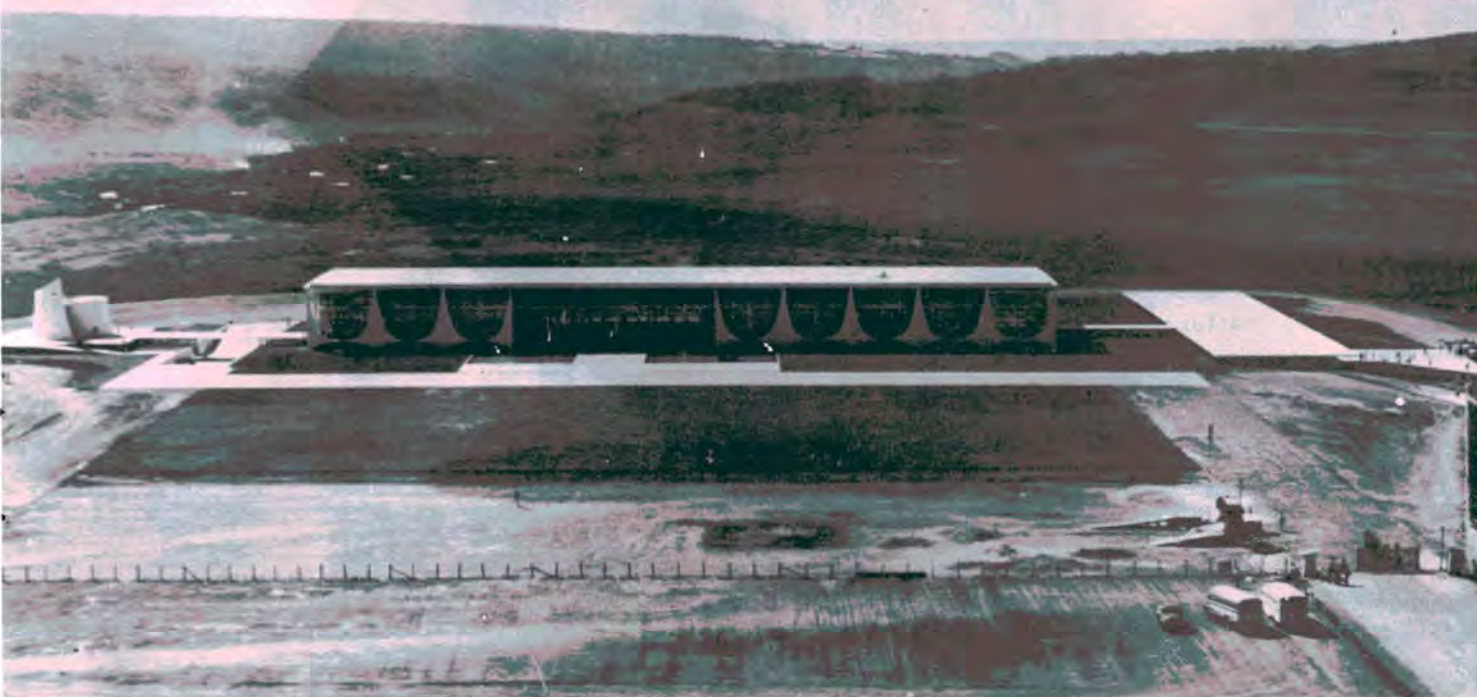
□ **AFFONSO HELIODORO DOS SANTOS**

A KUBITSCHKE

O despertar da América Latina

Ha quase duzentos anos vêm os povos da América Latina sonhando com a integração de seus Estados. Fisicamente há - por desígnio de Deus - essa integração. As fronteiras que separam os irmãos latino-americanos são fronteiras ideais, traçadas, digamos, também por Deus. Quis Ele ver os habitantes deste imenso continente labutando, cada qual em seu território, para que tivessem - por seu trabalho - oportunidade de desenvolver-se espiritual e materialmente.

As diferenças estabeleceram-se e cada pedaço deste chão americano transformou-se em nação independente, dona de seus destinos, até onde lhe foi possível ser. Sempre tutelados por colonizadores declarados no início, e, hoje, por colonizadores que se escondem atrás



dos cofres de seus tesouros recheados do ouro levado desses povos escravizados pela cultura egoísta, mercantilista e pela prática de uma pressão econômica tradicionalmente exploradora de nosso infortúnio, continuam à mercê de uma dominação política e econômica indesejada.

Nesses quase duzentos anos de agitação pan-americanista, desde a Carta Profética de Bolívar, o Libertador, datada de 1815, têm surgido movimentos buscando a união entre os povos das Américas. Movimentos importantes se destacam nessa busca incessante de entendimento e colaboração entre os povos que compõem esta parte do mundo que, surgida da vontade aventureira e brava dos povos latinos da Europa, transformou-se, depois, em vítima dolorosa da ganância e da avidez de seus descobridores e primeiros colonizadores.

Independentes, continuamos, contudo, sujeitos às injunções políticas e econômicas a nós impostas pelos que hoje constituem os países do chamado Primeiro Mundo.

Da famosa Doutrina Monroe, em 1823, à Conferência de São Francisco, em 1945; e tantos outros encontros, tratados, cartas, acordos e a Operação Pan-Americana do presidente Juscelino Kubitschek, em 1958 - substituída pela Aliança para o Progresso, do presidente Kennedy

- e, ainda, todo o esforço realizado pelos governos, principalmente latino-americanos, culminando agora com os programas do Mercosul e do Nafta, o que temos assistido, quase sempre, são eloqüentes sessões de muita retórica e pouco resultado prático.

Na carta enviada ao presidente Eisenhower, naquele memorável dia 28 de maio de 1958, o presidente Juscelino adiantava, entretanto, que julgava ter soado a hora de rever fundamentalmente a política de entendimentos deste hemisfério, examinar o que estava sendo feito realmente em favor dos ideais pan-americanistas, em todas as suas implicações. E perguntou: "Estamos nós agindo no sentido de se estabelecer a ligação indestrutível de sentimentos e interesses que a conjuntura grave aconselha?" E mais adiante proclama: "A Operação Pan-Americana foi simples retomada de aspiração secular pela qual se bateram grandes homens do nosso continente. Deu corpo e função a um ideal coletivo, quando chegou a hora de saber se havia ou não havia realmente algo a fazer pelo fortalecimento do continente. Não visou apenas a combater adversários ideológicos, evitar infiltrações insidiosas em nossos territórios, mas também, e sobretudo, a uma solução para a crise de nosso tempo." E depois afirma: "A Operação Pan-Americana foi um grito contra a desigualdade de condições econômicas neste hemisfério, um brado público e alto diante dos perigos latentes no atual estado de subdesenvolvimento

Em 1958 o Palácio da Alvorada ainda estava em construção, em Brasília

Detalhe: ao fundo ainda não existia o Lago Paranoá

da América Latina. Desfraldamos o apelo à consciência da América, em voz franca e leal. E fizemo-lo com o realismo de quem conhece claramente os obstáculos imensos a superar, os pontos de vista antagônicos a conciliar, as incompreensões a vencer." Em outra parte diz o presidente Kubitschek: "... nunca havíamos colocado, até então, perante o continente, a idéia - inteiramente nova - de que o princípio de solidariedade comum ante a agressão e a ameaça externa deveria, agora, estender-se à luta comum contra o subdesenvolvimento e a miséria".

Temos, tramitando no Congresso Nacional, o projeto do ex-presidente Itamar Franco propondo a obrigatoriedade do estudo da língua espanhola nas escolas brasileiras, iniciativa que busca levar a bom êxito este esforço secular. Bom seria que também o português fosse obrigatório nos países de língua espanhola, quando já se busca, no mundo, por sugestão da União Latina, reforçar nos países latinófonos a nacionalização de nossos falares, para que amanhã não tenhamos que nos entender com nossos irmãos latinos em inglês, como sugere e lembra Eugène Boudin, fundador da União Latina. Entrementes, perduram as dificuldades do entendimento, da

comunhão de idéias e da convergência de ideais. Embora informal e sempre negado, o que vemos, repito, é o isolamento ou o afastamento em que vivem os povos da América Latina, isoladamente, procurando cada qual se bastar. Isoladamente, de chapéu na mão, à procura das burras cheias de nosso sangue e de nosso suor, transformados, qual milagre de um Midas, no ouro que nos é depois emprestado, instrumento de nossa dependência.

Em troca levam mais suor e mais sangue dos cofres de nossas vidas.

Os movimentos de integração e de cooperação, ora em evidência no nosso continente, haverão de encontrar, nas lideranças nacionais de cada país da América Latina, estadistas capazes de levar-nos, embora tardiamente, à independência tão sonhada por todos os povos do mundo.

Está na hora, mais do que na hora, de surgir alguém capaz de convocar este povo para uma união efetiva. É tempo de lutarmos - não pelas armas - mas pela inteligência, pela palavra, pela prosa e pela poesia, pela música, pelo teatro e pela dança, pelas artes plásticas, para levarmos às consciências de nossos irmãos a beleza da paz, da sadia convivência e da liberdade. Não a liberdade aparente, sem pão e sem teto. Mas a liberdade de fato, a liberdade que traz felicidade, que redunde em entendimento, em colaboração, em trabalho e assistência mútua.

Há 40 anos o presidente Juscelino Kubitschek lançava a Operação Pan-Americana, cujo conteúdo seria: "Fraternidade entre as nações deste continente; derrubada das barreiras entre pobres e ricos e desenvolvimento econômico e social equilibrado e solidário." Tantos anos passados, ainda hoje buscamos ressaltar, para os povos irmãos da América Latina, a importância de se tentar, pelos meios diplomáticos e pelo intercâmbio cultural, o



Uma vista aérea da região central de Brasília. À direita, o Setor Comercial Sul e ao fundo, em destaque, à esquerda, o prédio do Banco Central

revigoramento e mesmo a ressurreição de um projeto que se previa de grande alcance para o entendimento, a convivência e a colaboração entre os povos das Américas, propondo um largo projeto de desenvolvimento de cada país latino-americano, econômica e socialmente integrado.

Segundo Licurgo Costa, no prólogo escrito para o livro de Pedro Gomes Aparício *La doutrina Kubitschek en marcha*, "a agitada biografia do pan-americanismo oferece quatro momentos culminantes: a chamada Carta Profética de Bolívar, escrita na Jamaica em 6 de setembro de 1815; a Doutrina Monroe, exposta em 3 de dezembro de 1823 ao Congresso Norte-americano; a atitude das vinte nações ibero-americanas na Conferência Mundial de São Francisco, inaugurada em 26 de abril de 1945, e, finalmente, a Doutrina Kubitschek, esboçada na carta que o presidente Juscelino Kubitschek enviou em 28 de maio de 1958 ao presidente Eisenhower e desenvolvida, posteriormente, em mensagem aos povos americanos".

Dos registros acima devemos notar, todavia, que a Doutrina Monroe de 3

de dezembro de 1823 realmente firmava o princípio de não ocupação ou conquista de qualquer parte do território do Novo Mundo por países europeus, mas, sabidamente, deixava aberta a porta para a ocupação e conquistas norte-americanas no continente americano. Visava a América do Norte, principalmente, a conquista de Cuba e Porto Rico, ainda sob o domínio espanhol. Os governantes americanos, àquela época, estavam certos "de que Cuba seria um dia anexada aos Estados Unidos embora não no futuro imediato". E diziam mais: "Há leis de gravitação política como física - e se uma maçã cortada pela tempestade de sua árvore nativa não pode deixar de cair no chão, Cuba, separada pela força de sua conjugação artificial com a Espanha, e incapaz de auto-sustentação, só pode gravitar na direção da união norte-americana, a qual, pela mesma lei da natureza, não a pode rechaçar de seu seio." Claro está, pois, que Washington nutria ainda vontade de incorporar as ilhas de Cuba e Porto Rico ao seu governo. Por essas razões não podemos considerar a Doutrina Monroe, no meu modesto entender, como tendente a reforçar os princípios bolivarianos ou de Kubitschek. Mais significativa que a Doutrina Monroe no processo de entendimento e unificação dos estados que compõem hoje a América Latina, parece-me, é o Tratado de Madri de 1750, quando o diplomata brasileiro

Alexandre de Gusmão obteve significativa vitória diplomática estabelecendo o princípio do *uti possidetis facto*. Esse tratado possibilitou o estabelecimento das fronteiras do Brasil com seus vizinhos de fala espanhola, "estipulando que os domínios dos dois Estados, Portugal e Espanha, deveriam ser assinalados tomando como referência o curso de rios e de montes, mas obedecendo à posse efetiva do território delimitado pelos respectivos colonizadores". E, a partir daí, tudo se tem feito diplomaticamente. Rodrigo Otávio e Araújo Jorge consideram Alexandre de Gusmão um verdadeiro precursor do pan-americanismo sul-americano.

Motivado pelos desagradáveis acontecimentos que marcaram, naquele ano, a visita do então vice-presidente Richard Nixon, dos Estados Unidos, à América Latina, sobretudo em Lima e Caracas, onde fora vítima de manifestações hostis que tiveram significativa repercussão em todo o continente, o presidente Kubitschek, com sua visão de estadista, antecipando-se aos entraves e lentidões burocráticas, enviou ao presidente Dwight Eisenhower, dos Estados Unidos, a mencionada carta de 28 de maio de 1958. Essa carta que, neste ano, completa seus 40 anos, daria origem e seria o primeiro passo para a criação, para o nascimento da Operação Pan-Americana, como um movimento de solidariedade e amizade entre os povos latino-americanos, dependentes dos países ricos, desenvolvidos, interessados em manter-nos sob o jugo de suas economias.

Nas palavras do embaixador Paulo Tarso Flexa de Lima, "a inconformidade com o subdesenvolvimento se espalhava por toda a América Latina e serviria de base sólida para uma diplomacia centrada no continente". Em mensagem de junho de 1958 ao Congresso Nacional,



Foto da época da construção de Brasília, apresentando ao centro o Congresso nacional. À direita o Supremo Tribunal Federal e à esquerda o Palácio do Planalto

o presidente Juscelino Kubitschek explica que sua política externa obedeceria às seguintes diretrizes: "Afirmação brasileira, fraternidade americana, solidariedade democrática, espírito universal e cristão." A documentação que relata os acontecimentos e ocorrências da época são o testemunho de sua adesão a essas definições. As palavras, os gestos e as providências de JK nesse sentido "não eram referências ocas, mas compromissos que ganharam expressão em várias oportunidades".

A Operação Pan-Americana, no seu sentido mais amplo e genérico, consolidou-se

num amplo movimento continental, com o indiscutível e franco apoio dos países da América Latina. Buscava a OPA, sobretudo, transformar os princípios e propósitos do sistema interamericano em realidades tangíveis e práticas. Era a busca do desenvolvimento econômico e social integrado e regionalizado, na conjunção de esforços e na procura de objetivos comuns. Não mais a retórica, o palavreado rebuscado, nem as declarações bombásticas - certamente sinceras e bem-intencionadas, todavia sem resultados práticos - mas programas concretos de ação que atendessem às aspirações dessa comunidade de nações. Todo o esforço seria agora concentrado para erradicar do nosso continente o malfadado subdesenvolvimento responsável pelo atraso e sofrimento de nossos povos. Era preciso acabar com os paliativos assistenciais. Chegara a hora de um grande esforço de cooperação.

No dia 20 de junho de 1958, JK dirigiu-se aos embaixadores dos Estados Americanos, acreditados junto ao governo brasileiro, para dizer-lhes: "Verifico que no Brasil - e creio que nos demais países do continente - amadureceu a consciência de que não convém mais formarmos um mero conjunto coral, uma retaguarda incharacterística, um simples fundo de quadro." Afirmando ainda: "Uma participação dinâmica nos problemas de âmbito mundial - é este pelo menos o

pensamento de meu governo - deve ser precedida de uma rigorosa análise da política continental. Foi este o sentido de minha intervenção ao presidente Eisenhower." A proposta era ambiciosa e revolucionária - revolucionária no sentido de uma tomada de posição no panorama americano e mesmo mundial - portanto, contrária aos rançosos conceitos relativos ao posicionamento latino-americano nas decisões políticas, econômicas e sociais do Primeiro Mundo. Esta arrojada pretensão levaria a manobras - sutis, é verdade - que descharacterizassem os objetivos da Operação Pan-Americana.

A quase simultânea troca de governantes do Brasil e dos EUA em 1961 interrompeu o processo em curso. Esse processo que teve o inegável apoio e interesse do presidente Eisenhower.

Jânio Quadros, eleito presidente do Brasil, não tinha nenhum interesse em dar prosseguimento a qualquer programa de JK, muito menos este, de cunho internacional. Sua política externa caracterizou-se por uma aproximação com Cuba, países do Leste Europeu e África. Por sua vez o presidente Kennedy, nos primórdios de seu governo, lançou a Aliança para o Progresso, cujos fundamentos dizia inspirados na Operação Pan-Americana, "teoricamente destinada a dar prosseguimento à proposta brasileira". Segundo o embaixador Celso Souza e Silva: "Os motivos podiam ser sinceros e as intenções corretas. As consequências, porém, não o foram".

Com a morte de Kennedy, a Aliança para o Progresso transformou-se naquele instituto paternalista e assistencialista tão do gosto de nossos vizinhos do Norte. A Operação Pan-Americana, um projeto de tão significativa magnitude, fatalmente mudaria o comportamento dos países abaixo do Rio Grande. A



*O anjo parece flutuar
sobre as cabeças dos
fiéis dentro da Catedral
de Brasília*

práxis americana - à época voltada para o combate ao comunismo - não quis entender e não se interessou pelos propósitos do presidente brasileiro ao propugnar por um projeto desenvolvimentista, único instrumento capaz de derrotar, sem violência, democraticamente, o então risco de uma comunização dos sofridos povos de nosso continente. Já os emissários de Eisenhower, Roy Rubotton e Foster Dulles, obcecados pela idéia do anticomunismo - Cuba estava ali bem ao lado - se negaram a entender a mensagem de Juscelino. Para eles o fundamental não era o desenvolvimento econômico e social do continente, e sim a defesa nacional, o policalesco combate ao comunismo. Esta política levaria nosso continente a uma série de revoluções e à implantação de regimes militares; governos totalitários com restrição das liberdades; regimes fortes sem parlamento ou com parlamentos

subjugados à força das armas.

Na verdade, o que propunha o governo brasileiro por meio da OPA era o pan-americanismo que sempre foi mais que uma simples idéia. Seria a concretização de um velho e histórico estado de espírito, uma consciência coletiva de autodefesa e autopreservação econômica. Há, mesmo, autores que procuram remontar esse ideal de convivência pacífica aos idos de 1750, quando os reis de Portugal e Espanha, no dia 13 de janeiro, assinaram o histórico Tratado de Madri, com a nítida preocupação de se estabelecer "uma política geral de paz e harmonia" entre as duas potências ibéricas. Os poderosos senhores D. João V, rei de Portugal, e D. Fernando

VI, rei da Espanha, negociaram de modo a preservar suas colônias na América de possíveis conflitos entre seus países, recomendando, em cláusula específica: "La política de buena vecindad", expressão usada mais tarde por Franklin Delano Roosevelt com sua política de "boa vizinhança" para os povos das Américas. Entretanto, o Tratado de Madri ia mais longe, o que seria, de certa forma, um embrião do pan-americanismo, quando em sua cláusula XXI expressa textualmente: "Mesmo em caso de uma guerra entre Espanha e Portugal, se mantenham em paz os vassallos de ambos estabelecidos em toda América Meridional, vivendo uns com os outros como se não houvesse tal guerra entre seus soberanos, sem praticar a menor hostilidade nem por si só nem juntamente com seus aliados." E estabelecia ainda o compromisso de que as colônias da América se uniriam e se auxiliariam contra qualquer ataque ou invasão. Estava aí lançado o que mais tarde, 65 anos depois, pela força de Simon Bolívar, viria dar sentido ao saudável,

porém difícil, estabelecimento de uma política real do pan-americanismo.

A troca das históricas cartas entre Juscelino e Eisenhower, fundamento e semente da Operação Pan-Americana, viria trazer de volta aos nossos povos a esperança de assistir a uma cooperação real e eficiente do nosso parceiro maior, os Estados Unidos da América do Norte.

Em 1947, firmou-se o Tratado do Rio de Janeiro - Tratado Interamericano de Assistência Recíproca - que seria o embrião de uma nova organização regional, a OEA - Organização dos Estados Americanos - criada em 1948, durante a realização da IX Conferência Interamericana, em Bogotá. Mas o que se assistia era a velha política do desinteresse pelos problemas econômicos e sociais da América Latina. Tanto que o presidente Juscelino diria, em uma conferência na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, o seguinte: "Nos campos econômico e social a história do pan-americanismo é uma longa procissão de sonhos não realizados, de propósitos abandonados, de amargas decepções e frustrações." O que o Brasil defendia, na palavra de Kubitschek, era a reestruturação na ordem econômica. Mas, aos países desenvolvidos não interessava - como não interessa ainda - o desenvolvimento dos países periféricos, o que poderia e pode ainda significar concorrência para seus produtos manufaturados, ou não, dos quais a América Latina é um mercado cativo. A nós deveria continuar cabendo a exportação de produtos primários, cuja oscilação de preços no mercado internacional acarreta oscilações e dificuldades cambiais, crises e endividamento para os países latino-americanos. Toda essa gama de dificuldades levava o presidente Kubitschek a apresentar "proposta concreta de ação para dar subsistência econômica ao pan-americanismo, ao lançar a Operação Pan-Americana", com o declarado apoio do governo americano. O presidente Eisenhower admite a importância da Operação Pan-Americana na programação dos estudos e projetos para o desenvolvimento. A criação do BID, com capital previsto de um bilhão de dólares e o Plano Eisenhower de ajuda à América Latina, com um capital inicial de quinhentos milhões de dólares, foram as primeiras consequências do lançamento da

Operação Pan-Americana. Pena que os governos que se sucederam no Brasil e nos Estados Unidos da América não tivessem tido sensibilidade política bastante para levar avante este projeto de colaboração que, certamente, teria conduzido os países do Sul da América a um alentado programa de desenvolvimento econômico, com seus naturais reflexos no plano social. Indústrias, escolas, hospitais e uma farta produção agrícola seriam hoje realidade em nosso continente.

Surge agora a globalização da economia. Nossa indústria, hoje sucateada, vê-se como que forçada a ceder seu lugar para as multinacionais que já ocupam ponderável espaço no nosso parque e na nossa economia. Não somos contra o capital estrangeiro e achamos mesmo indispensável sua ocorrência em economias como as do mundo subdesenvolvido ou em desenvolvimento. Mas nossas condições hoje seriam bem diferentes se naquela ocasião os objetivos da OPA tivessem sido alcançados.

Temos hoje como propósito em Brasília a criação de mais um instituto para estudo dos problemas que afligem nossos povos e a realização de um

***O artista plástico
Athos Bulcão criou no
Teatro Nacional, na área
externa do prédio,
um visual que impressiona
pela vanguarda e beleza***



intercâmbio cultural interamericano, somado aos esforços realizados pelo Instituto Cultural Brasil - Chile, a UnB - com a Casa da América Latina - e outros. A realização do Festival Latino-Americano de Arte e Cultura seria, certamente, um coroamento glorioso desse propósito. É nosso projeto criar instrumentos que hão de somar-se a outros tantos e que poderão propiciar - pela inteligência, pelo sentimento, pela alma, pela inspiração e pela pureza de seus propósitos - o sadio entendimento entre nossas nações de língua latina. Já outros como Jorge Borges, Gabriela Mistral, Gabriel Garcia Marquez, Miguel de Unamuno, Juan Rulfo e tantos mais, têm nos dado obras de profundo valor literário e que podem levar-nos a uma boa predisposição na tentativa de um encontro efetivo e maior entre nossas nações. Este ideal já nos permite antever auroras mais luminosas no relacionamento de nossas gentes. A integração latina há de se fazer, principalmente, por um esforço comum, consciente e pelo entendimento intelectual. Trabalhos neste sentido hão de ensejar um maior intercâmbio cultural entre nós que temos as mesmas raízes. As marcas culturais de cada povo sul-americano, nossa semelhança no falar, nossa identidade na fé cristã, nossa permanente humilhação ante outros povos hão de propiciar esta integração, este intercâmbio que nos propomos realizar. Nosso objetivo é, portanto, essa

busca e essa procura - que tratados, acordos e cartas tão parcamente têm conseguido - que há de trazer, por intermédio da literatura - na prosa e na poesia, tão do nosso gosto -, um melhor conhecimento de cada um de nós pelos nossos vizinhos. Este entendimento deverá robustecer e facilitar o que se tem procurado realizar pela diplomacia, às vezes tão fria e pragmática. É pela inteligência que se fala às almas, que se toca o sentimento. Há de ser por meio dela que faremos despertar esse imenso coração cheio da latitudinalidade que habita em nós. Sentimento tão arraigado desse amor à nossa terra, mas que dormita sem um estímulo capaz de despertar-nos como Simon Bolívar soube despertar seus contemporâneos no início do século XIX.

É preciso, é mesmo indispensável, que os governos de nossas pátrias tomem em suas mãos esta oportunidade - em que tudo procura nos unir - e criem, além desse empenho em fazer-nos estudar o espanhol, uma forma de levar também até os países de língua castelhana nossas letras, nossa prosa e nossa poesia, nossa música, nosso rico folclore, a beleza de nossa arquitetura e as formas de nossas artes plásticas. É preciso receber deles mais informações culturais, suas manifestações de inteligência e sentimento. Aqui está, portanto, o instrumento.

Faz-se agora mister que surja alguém disposto a levar avante a idéia. E Brasília há de ser o cadinho onde podem-se misturar estes ideais. Aqui em Brasília estão os representantes de todas as nações irmãos do sul e do norte. Aqui - e por que não - no Instituto Histórico e Geográfico de Brasília, deve ser replantada a semente dessa maravilhosa árvore, que há de ser frondosa e há de dar boa sombra, rompendo de uma vez por todas com a submissão, a dependência e os sofrimentos de nossos povos.

Cantemos nossos hinos, toquemos nossas músicas. Façamos nossa



Os prédios residenciais de Brasília guardam uma simetria entre si que dá um ar de monotonia visual à cidade



integração pela cultura. A literatura - na prosa e na poesia -, mais do que outras manifestações da inteligência, abre-nos estradas largas para a união de nossa gente.

O Mercosul, a Nafta, a Camacol e outros compromissos e tratados comerciais poderão ser, por envolver o interesse econômico, instrumentos facilitadores dessa integração que apregoamos e que foi preconizada por Simon Bolívar e por Juscelino Kubitschek.

Que este trabalho que agora propomos - de tão honesta inspiração - seja o instrumento que nos faltava para esse entendimento e essa convivência, tão necessários ao despontar de um novo ideal pan-americanista: moderno na reformulação política, diverso no trato dos interesses gerais e de cada um em particular, mas fundado nos ideais que moveram Simon Bolívar e Juscelino Kubitschek na sua luta pela integração de nossas pátrias.

Que o despontar desse novo século seja a grande porta por onde passarão os novos guerreiros da paz e da concórdia. Que os continentes americanos do sul e do norte sejam, enfim, a pátria de todos nós.

(Artigo extraído da Revista do IHG-DF, nº 1, de setembro de 1998.)



Vizinha bruxa

□ SIRLEI MARIA DAVI

Comecei a orar com todo o fervor para que ela morresse. Não é que Deus me escutou! Piorou a história: tremia e não conseguia chegar até aquela casa, voltava sem ir à aula. Temia, loucamente, que, à noite, ela pegasse minhas pernas.

Não é porque era feia, tal qual uma bruxa, que eu não gostava dela, mas aquela vizinha vivia implicando comigo. Embora sendo eu o mais velho da fileira de irmãos, eu ainda era bem garoto. Não era pelos meus oito anos que temia a distância até a aula, mas por ter que passar na casa da bendita vizinha.

Éramos cinco séries, da primeira à quinta, na mesma sala de aula e com uma única professora. Ela só ensinava os que já sabiam alguma coisa (eles sabiam perguntar). Eu espichava bem o pescoço para tentar apanhar algo que me ajudasse a ler as minhas revistas que meu padrinho me mandava todo mês. Quando conseguia ouvir algo, dificilmente entendia, ou, para ser sincero, não compreendia "bulhufas". A única coisa que eu conhecia a respeito delas é que versavam sobre a Segunda Guerra Mundial, mas era o único livro que orgulhava nosso rancho.

Eu as folheava, observava, tentava deduzir, inventava a minha própria história sobre as figuras horrendas de pessoas fuziladas, campos de concentração, crianças barrigudas como eu e até piores (por que as crianças que passam fome são barrigudas?) perguntava-me a cada vez que dormia sobre uma daquelas lembranças... Indagava daqui e dali, mas ninguém, nem mãe, nem pai sabiam ler direito. Deduzi isso quando dei a mesma reportagem para os dois. Primeiro para papai; quando mamãe leu, pensei: "Ela não sabe ler", mas fiquei em dúvida: poderia ser papai que não soubesse ler?! Não iria engolir sapo por lebre; apliquei o mesmo teste com um vizinho e papai; não bateu outra vez.

Como falei, para ir à aula tinha que passar bem em frente da casa da vizinha, que nunca deixava de implicar ou com uma coisa ou com outra, mas o objeto era sempre o mesmo: eu.

Comecei a orar com todo o fervor para que ela morresse. Não é que Deus me escutou! Piorou a história: tremia e não conseguia chegar até aquela casa, voltava sem ir à aula. Temia, loucamente, que, à noite, ela pegasse minhas pernas. Não bastava ter que atravessar a ponte onde habitavam as almas das vacas, quando queria ir caçar à noite? Ainda bem que a vaca negra tinha alma branca, mas a branca tinha uma alma que nem carvão, e eu tremia como vara verde de tanto pavor.

Se me atrevesse a enfrentar a bruxa, que já não mais deveria ser minha vizinha, mas que insistia em ser, passando pela sua casa para ir à aula? Ah! A malvada iria seguir-me na certa e, além disso, ficaria ao lado da professora para caçoar de mim. Se sendo viva e sem eu fazer nada, ela já era impliquenta comigo, imaginem depois de morta e, certamente, sabendo que Deus a matara a meu pedido? Decidido: não iria arriscar-me, era o fim da escola; mas quem iria ensinar-me a ler minhas revistas?

Acho que havia sobrado oração, porque, quando completei doze anos, mamãe morreu também. Papai distribuiu os irmãos e eu saí mundo afora, sozinho e com uma trouxinha embaixo do braço, em busca de alguém que me ensinasse a ler minhas revistas...

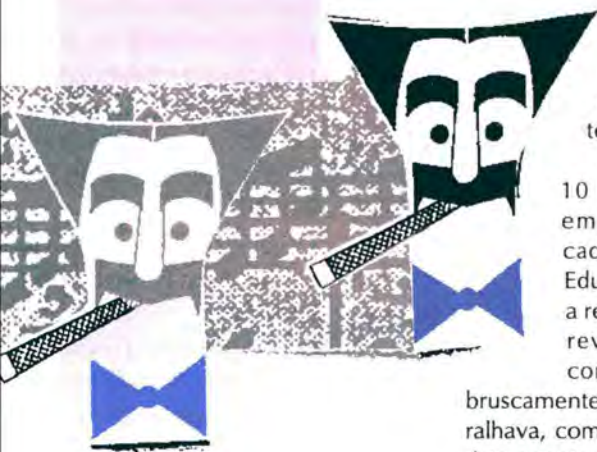
Este conto obteve o 1º lugar - medalha de ouro e prêmio - no concurso Prosa & Verso, da Caixa Econômica Federal.

Brasília, capital da música, homenageia o velho maestro

□ AGLAIA SOUZA

Eleazar de Carvalho fazia o público cantar cada estrofe do Hino Nacional Brasileiro no início de cada concerto. Parava, corrigia e repetia à exaustão. Era uma época de civismo e havia orgulho de ser brasileiro.

Recentemente, Eleazar de Carvalho faleceu deixando um grande vazio na música brasileira e internacional.



Durante o encerramento da XIV Feira do Livro de Brasília, ouviu-se a Orquestra Sinfônica de São Paulo, tendo como solista o pianista Artur Moreira Lima, sob a batuta do inesquecível maestro Eleazar de Carvalho. Foi sua última apresentação nesta cidade.

Na ocasião, tive o privilégio de apertar sua mão, realizando assim o desejo oculto da menina que fui, nos áureos anos do Teatro Municipal de minha cidade natal, quando a Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro era regida pela figura beethoveniana do maestro.

Levada pelas mãos de meu pai, comecei a freqüentar os Concertos para a Juventude com meus cinco anos, e trago na lembrança fatos pitorescos como o da senhora de *pélerine* e *lorgnon*, reclamando, pedante, do sutil ruído de papel de bala em minhas mãos: "Da próxima vez, traga balas envoltas em papel de seda!"

Guardo até hoje minha carteira de sócia da Juventude Musical Brasileira, assinada pelo então colega Luiz Carlos Passos de Moura Castro - na foto, a menina de laçarote branco na cabeça, congelada pelo tempo em minha memória.

Nos concertos dominicais, às 10 horas da manhã, assistia, emocionada, na ponta da cadeira, verdadeiras aulas de Educação Musical. O maestro, a reger, com sua vasta cabeleira revolta movendo-se ao compasso da música, parava bruscamente, voltava-se para o público e ralhava, com voz tonitroante e dedo em riste apontando o infrator: "Não se entra no meio de um concerto. Senhores retardatários, procurem chegar no horário. Não sendo possível, aguardem nos corredores, atrás das cortinas, o intervalo." Virava-se para a orquestra e retomava a execução.

Didaticamente, interrompia com explicações detalhadas sobre a peça, exemplificando com trechos da obra, e finalmente regia na íntegra a música, agora plenamente compreendida pela platéia atenta.

Outro ensinamento guardado por todos quantos assistiram às récitas da orquestra foi referente ao Hino Nacional Brasileiro, também cantado em todas as escolas, desde a instituição do canto orfeônico por Villa-Lobos. Eleazar de Carvalho fazia o público cantar cada estrofe, parava, corrigia, repetia à exaustão, a cada início de concerto. Era uma época de civismo puro e sincero, comungado por todos. Havia o orgulho de ser brasileiro, o amor pela bandeira e pelo hino nacionais, o amor pela pátria, enfim.

O maestro Eleazar de Carvalho deixou, além da saudade em cada um dos que o conheceram, a marca de sua influência em várias gerações de músicos, de estudantes, de bons ouvintes, apreciadores de sua batuta, o pulsar de um coração indomável de orgulho brasileiro.

Um ano após, ao encerrar-se a XV Feira do Livro, Brasília homenageou o fundador e grande incentivador da juventude musical brasileira, por intermédio da juventude musical brasiliense. Cidade já conhecida nacionalmente por sua musicalidade, com vários prêmios conquistados, no Brasil e no exterior, por jovens músicos, Brasília orgulha-se por abrigar talentos precoces, ainda não descobertos pelos próprios habitantes da cidade.

Absurdo, isso: vários pontos do país, e até outros países conhecem e reconhecem valores em Brasília, e a população local enaltece simplórios artistas vindos de outros estados, contribuindo para que voltem às cidades de origem com os bolsos abarrotados, enquanto nossos jovens músicos buscam ajuda com alguns conscientes empresários para viajarem, levando o nome de Brasília, e retornarem laureados, e anônimos.

Triste é o país que não valoriza sua juventude, terminando por permitir a ida desses promissores artistas para centros culturais mais desenvolvidos, geralmente em países europeus.

E a gente sonha, imaginando um dia ver a cidade aplaudir Maria Beatriz Ramos, Ariadne Paixão, Daniel Tarquínio, Beatriz Salles, Lígia Moreno Silva, Jorge Braz Pereira Gomes, Diana Daher, André Frasunkiewicz e tantos outros auto-exilados desta nossa querida capital da música.

DF LETRAS

o que é isso ?

□ NARA DO NASCIMENTO E SILVA

Depois de passar pela barreira eletrônica da Câmara Legislativa, em Brasília, aproximei-me do balcão de identificação, onde havia quatro moças muito simpáticas, atendendo o público. Antes de me identificar, perguntei:

- Onde fica a DF Letras?

- DF Letras? O que é isso?

- Isso é uma revista literária, que é publicada aqui na Câmara.

Consultaram entre si. Ninguém sabia do que se tratava. Um rapaz que estava por ali disse:

- Deve ser na gráfica.

Respirei aliviada. Acabara de chegar de Goiânia e ali era o primeiro lugar em que aportei, para visitar um amigo que trabalha na gráfica.

Considero a DF Letras um dos periódicos mais importantes para a cultura do Distrito Federal e a desinformação das recepcionistas frustrou-me.

Nas páginas dessa revista são publicados trabalhos consideráveis de pessoas representativas do meio cultural do planalto, intelectuais que merecem a nossa admiração, como: Anderson Braga, Pedro Calmon, Cassiano Nunes, Joanyr de Oliveira, Newton Rossi, Paulo Bertran e muitos outros.

Apreendi no meu tempo de criança, na escola primária, muitos chavões sobre nossos valores comuns a exemplo de "amor à Pátria", "educação", "liberdade", etc... Sobre cultura incorporei os seguintes: "Cultura é um bem inalienável"; "A cultura é o alicerce de uma nação"; "Um país só é respeitado pelo grau de cultura de seu

povo". Essas sentenças tornaram-se a minha verdade.

De acordo com o *Aurélio*, cultura pode ser entendida como um sistema e modos de agir, costumes e instituições, valores espirituais e materiais de uma sociedade; no sentido restrito, certo desenvolvimento no estado intelectual, artístico ou científico, em que se revela um sentido humano, um esforço comum pela libertação do espírito.



Ainda estamos longe de ser um país instruído e o grau de cultura de nossos patrícios, infelizmente, deixa muito a desejar.

Pode-se medir o grau de cultura de uma pessoa quando ela apresenta aceitação e respeito pelos valores de sua comunidade; sensibilidade pelas tradições, heranças, atividades artísticas, folclore, enfim, por todo o conjunto de convenções que caracterizam uma sociedade.

Enquanto as autoridades representativas do povo não se empenharem no cultivo de nossas raízes, características e atividades artísticas, não seremos uma nação respeitável, respeitada e humana. Para isso, faz-se necessário, de per si, que reflitam mais sobre o seu próprio nível cultural.

Aproveito o ensejo para parabenizar o deputado Luiz Estevão e toda a equipe do departamento de cultura do seu gabinete, pelo apoio que vêm dando à atual e dinâmica Diretoria da DF Letras. A revista tem alcançado um nível de divulgação muito grande em todo o território nacional.

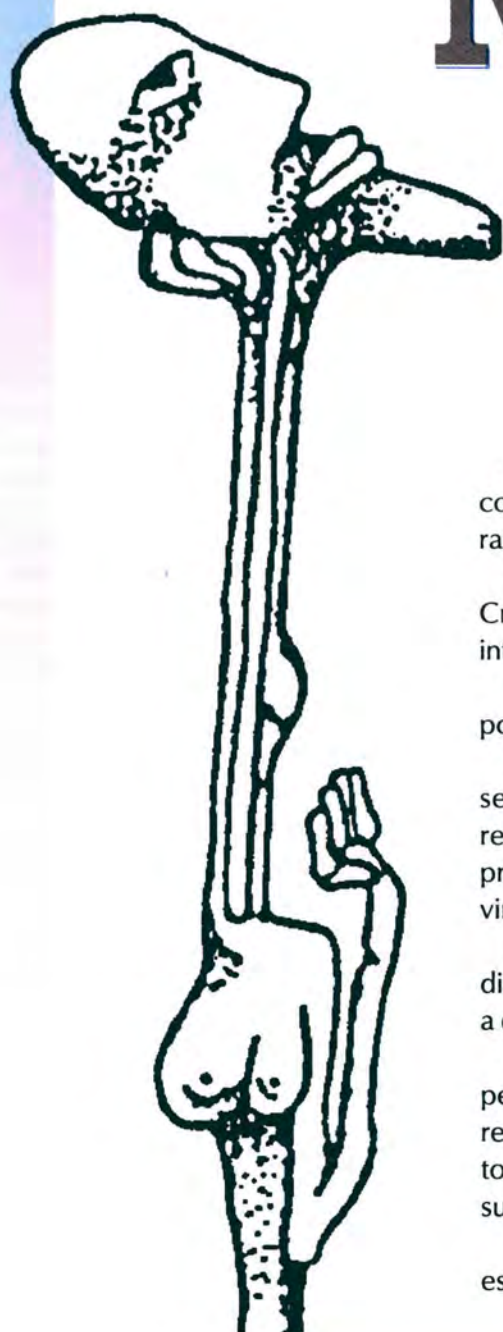
Nara do Nascimento e Silva foi presidente da Academia Taguatinguense de Letras.

Enquanto as autoridades não se empenharem no cultivo de nossas raízes, características e atividades artísticas, não seremos uma nação respeitável, respeitada e humana.

CAMINHOS

A caminhada na fé tem deixado muitos isolados de si mesmos. Neste entendimento muito terão perdido o sentimento de amor ao próximo, pois que a fé e o amor são valores espirituais, sustentados por virtudes teológicas superiores na verticalidade.

□ FAGUNDES DE OLIVEIRA



A busca do pensamento é um desiderato consciente que conduz o analista a um estado de razão delineado por valores interiores.

A razão da vida é um cometimento deixado pelo Criador a todas as criaturas, dotadas ou não de inteligência.

O homem é um desses virtuosos valores de vida, pois controla sua vontade, sua crença, seu caminho.

O Criador permite ao homem, como seu seguidor e semelhante, conforme os princípios religiosos mais cultuados, escolher parte de seu próprio destino, aplainando a conduta, delineando virtudes e conceituando as forças do sentimento.

Em tempos diversos, o homem pode até mesmo direcionar sua dimensão de vida, pois lhe compete a determinante sistêmica da sociedade.

Nesta busca, por outro lado, há uma estreita peregrinação que, se não estiver de bem com a realidade, pode levá-lo a encontrar-se em meio a tormentas vertiginosas que muitas vezes colhem de surpresa expectativas ingênuas.

O caminho da vida, traçado sem determinação, escorrega e desequilibra o destinante, permitindo-

lhe desvios direcionais.

Em tempos de esperança tudo se reflete na fé.

- Este caminho é exigente.

Nele o homem necessita ter cuidados com sua própria personalidade, com seu próprio sentimento.

A caminhada na fé tem deixado muitos isolados de si mesmos.

Neste entendimento muitos terão perdido o sentimento de amor ao próximo, pois que a fé e o amor são valores espirituais, sustentados por virtudes teologais superiores na verticalidade.

É pensar que o amor seja impulso do coração, afirmativa coloquial, e ter de resposta a força expressiva da coragem sentimental; convém responder a si mesmo o que se entende por sistemática participativa de vida.

Neste entendimento está a virtude de somar o sentimento com o desejo.

O sentimento é um pressuposto encontrado em todos os seres vivos. No homem é expresso por gestos, por palavras, por introspecção dedutiva.

Nos outros animais, em que a palavra inexistente, o gesto acaricia a vida e projeta o sentimento pela força de ser.

Quando se procura o sentimento como resposta de querências extravagantes, há que ter certo cuidado porque o dimensionamento das virtudes teologais estabelece razões superiores, apegadas ao ego, sem distanciamento da própria sustentação da vida.

A base de respaldo para o entendimento do próprio sentimento está sustentada na expressão moral, conceituada de maneira direta, com apoucamentos virtuosos, explicitados na conduta intrínseca.

Compete, destes caminhos, sistematizar o endossamento formador de virtudes, a que tenha o resultado força concentradora de valores sustentativos, com destinação somativa.

Esperito é procurar entender o destino



como acontecimento aleatório, sem raízes de qualidade de vida com herança de capital genético, porque faces volutivas entremeiam os postulados e desfiguram a base da conduta.

A permeação de busca em correntes diversas do condutor da vida tem permitido encontrar-se sofismado resultado de conceitos dogmáticos.

Verificam-se, daí, respostas desmanteladoras de interesses já identificados, de maneira própria com a esperteza do momento.

Salvar estes preceitos, por conceituação generalizada, é atirar, nas águas escuras das profundezas, a memória fatigada de uma caminhada mourejante.

Feliz é alcançar o gosto de viver em estado de conforto espiritual.

É adentrar a própria alma em busca de alcançar a dimensão do espírito.

Este encontro sustenta a direção feérica ao Infinito Superior.

Aí se tem suporte de razão e de vida.

É frágil romper o elo sustentador.

É vulnerável consentir abrirem-se as portas a um amanhecer diferente.

É corajosa a assertiva de que o homem está para o universo à dimensão do seu próprio mundo interior.

É ter perto a força invisível de Deus. O verdadeiro Deus está no coração de cada um.

Quem não tem Deus no coração tem obscuros os caminhos da vida.

Romper estes conceitos é romper-se em sua própria dimensão sustentativa.

A vida sem estes valores é chama que se apaga. Não vence. Não tem calor. Não tem vida.

O fim justifica!

Fagundes de Oliveira é escritor, efetivo da Academia de Letras de Brasília, do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e Presidente da Academia Maçônica de Letras do Brasil.

Lucio Costa

Identidade Cultura Brasília

“Assim, compreendo o ponto de vista daqueles que entendem que a sociedade evoluída prescinde de símbolos e gostariam que as capitais fossem cidades, diluídas e terra-a-terra, despojadas de qualquer vislumbre de grandeza. Mas me permito discordar. Imanente ou transcendente, há uma intrínseca grandeza no homem, ainda quando aparente a sua negação, como num símbolo de repouso - a rede - que propus a Jayme Maurício para a XIII Trienal de Milão.” (Costa, 1982).



□ CLÁUDIO QUEIROZ

O passamento de Lucio Costa, no dia 13 de junho de 1998, aos 96 anos, permite a reflexão sobre questões arquiteturais que envolveram extensa e intensamente o urbanista por intermédio do qual cristalizou-se a história da arquitetura no Brasil.

Hoje a sua referência fundamental para pesquisa está em *Lucio Costa: registro de uma vivência* (Empresa das Artes e Editora UnB, São Paulo, 1995), uma contribuição à cultura universal, transmitida através da arquitetura brasileira. O conteúdo do livro é como água cristalina bebida na fonte. A documentação foi compilada na presença do arquiteto, física e intelectualmente ativo, durante uma década, com a dedicação competente da filha Maria Elisa Costa, também arquiteta.

O livro é como um “memorial”, que o jargão dos arquitetos qualifica como um “descritivo”, acompanhado dos desenhos de concepção, importante para arrematá-los conceitualmente; publicado três anos antes de sua morte, concorre para esclarecer aspectos de sua obra ainda insuficientemente conhecidos, além de sua intelectualidade sublimada pela mais absoluta discrição pessoal. A originalidade da publicação emana da própria



personalidade de Lucio Costa. A condição autobiográfica aparece através das crônicas e publicações de diferentes épocas, mas suas memórias não se revelam em ordenação cronológica, embora haja um encadeamento apropriado; alternando a temática projetual e teórica da arquitetura com lembranças familiares, fotografias e fatos históricos, esse registro guarda fundamentalidades e requintes do seu pensamento. O livro facilita a compreensão sobre a vivência despojada, que nos últimos anos prestou-se a interpretações, algumas vezes surpreendentes.

O tempo trouxe a fragilização inexorável, embora o estado de espírito se mantivesse intacto, de par com a consciência irradiante de quem contribuiu para a afirmação cultural de uma nova civilização. Uma tal condição preservou sua complacência intelectual algumas vezes inatingível, mas sempre elevada em relação à mentalidade trivial. O livro pode franquear a compreensão de sua existência privilegiada e de sua vivência intensa, usufruídas como humanista e arquiteto. Em se tratando de uma personalidade assim, caberiam exegeses e cortes epistemológicos, daí a fundamentalidade da publicação.

Nascido dois anos após o início do século, faleceu dois anos antes do fim; na observação da filha arquiteta, "um homem centrado no século": 1902/1998, simétrico! Clássico! Moderno, nunca um modernista! Uma diferença esclarecida, desde 1934, em função da condição inerente ao arquiteto, por natureza contemporâneo e precursor.

Mas antes disso superou uma manifesta alienação do pós-guerra, época em que desenhava casas de "estilo", quando, em 1929, tomou conhecimento de uma residência em São Paulo planejada por Gregori Warchavchik, associando-se então a este pioneiro. Projetaram residências burguesas e os apartamentos proletários da Gamboa, experimentando cores pela primeira vez na nova arquitetura.

Lucio Costa conscientizou-se da transcendência arquitetural pela ótica do



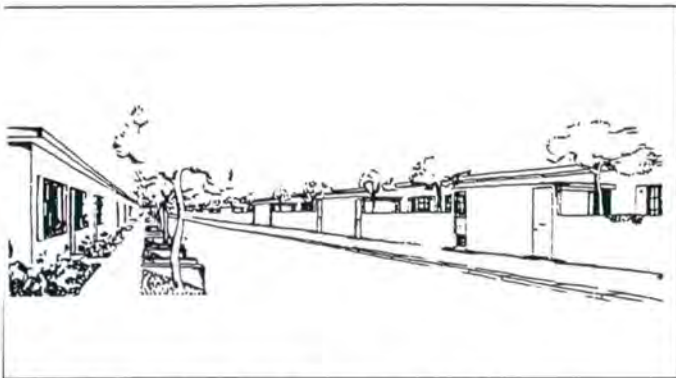
Tanto Monlevade quanto o Parque Guinle (1940), estão na origem das superquadras de Brasília: o urbanismo aberto, estendendo a escala monumental para preservar a natureza do céu e do horizonte, entremeando a escala residencial e harmonizando a proporção do artefato com a escala do lugar

humanismo, considerando a amplitude e a complexidade de uma das raras áreas que manteve sua integridade: o conhecimento teórico, a razão prática e a apreciação estética, uma formação básica conectada às artes, às ciências exatas e às humanas.

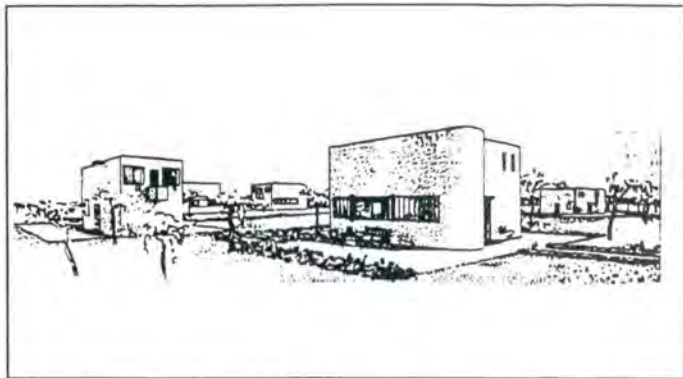
Um precursor, dedicou-se simultaneamente à institucionalização do instrumento de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e à criação do curso de pós-graduação do Instituto de Artes na antiga Universidade do Distrito Federal, tendo como inspiração as "razões da nova arquitetura", como no título do texto-chave para compreensão da grande mudança. Entre 1922 e 1936 situou-se o período definitivo para o norteamento da arquitetura brasileira com sua identidade própria e feições estéticas peculiares, provavelmente conseqüentes da inelutável fusão étnico-cultural. No caso, o "memorial-registro" guarda para

a posteridade a compreensão sobre os aspectos significantes encontrados nas raízes históricas, distinguindo os valores permanentes e sintetizando o presente para a prospecção do futuro. Portanto, de início concorreram a sensibilidade intuitiva e a formação teórica para a rápida assimilação das novas concepções tecnológicas que superaram o ecletismo, ou *beaux-arts*, na vertente acadêmica persistente desde a metade do século XIX.

A década de 30 foi fundamental para a arquitetura brasileira sobretudo pela realização do Ministério da Educação e da Saúde em 1936 e do Pavilhão do Brasil para a Feira Mundial de Nova Iorque em 1939. A condução e o caráter de Lucio Costa, como líder, evidenciaram a militância reconhecida e o desprendimento incomum, qualidades evidenciadas em diversas ocasiões. O antigo Ministério da Educação, atual Palácio Capanema, uma obra pioneira do movimento moderno que trazia pela primeira vez, nesta escala, os princípios apregoados por Le Corbusier - o *pilotis*, o *jardim suspenso*, a estrutura independente, a fachada de vidro e o *brise soleil* - foi concebido com as novas tecnologias, por um grupo de jovens arquitetos investidos de consciência sócio-cultural e realizado aqui antes mesmo de os norte-americanos empregarem as fachadas de vidro em



Casas Operárias Grand Couronne (1920)



Casas Operárias (1922)

seus arranha-céus. No Pavilhão de Nova Iorque Lucio Costa entendeu como oportuna a participação de Oscar Niemeyer no projeto e a composição resultou em uma obra-prima, correspondendo à expectativa internacional.

Menos referenciado - Monlevade - um projeto "rejeitado" da cidade operária para a Belgo-Mineira, em 1934, propunha habitações construídas sobre pilotis com ossaturas independentes e técnicas construtivas que incorporavam a mão-de-obra conhecida, no meio rural, como barro armado. As informações do memorial do projeto demonstram o alinhamento às teses do movimento moderno de inspiração corbusiana. No entanto, comparando com os desenhos dos conjuntos urbanos operários de 1914, 1922 e 1920 (Grand Couronne), Fruges/Pessac de 1925, as configurações de 1926, a casa Minimum e as Habitações Transitórias de 1944, bem como Roubais de 1953, é possível perceber nestas e na proposta de Lucio Costa aspectos analógicos e distinções: a centralidade conveniente do clube e da escola no baixo do vale e, em justaposição, sobrelevada, a pracinha; o cinema, mais próximo por vocação, o armazém, na distância da conveniência e a igreja, em sobreposição marcante por respeito; a cavaleiro, contornando a topografia do lugar, as casas estão implantadas soltas, geminadas duas a duas sobre pilotis, encadeadas e dominantes. O somatório de diferenças das condições ambientais e sócio-culturais gerou nesta proposta de Monlevade uma estruturação espacial com fisionomia diferenciada.

O reconhecimento da arquitetura

brasileira vem do fato de ter sido produzida aqui, em circunstâncias inusitadas de formação civilizacional, diante da especificidade ambiental deste lugar. Estas condições parecem ter gerado o ineditismo sócio-cultural com seus desdobramentos tecnológicos e estéticos inerentes.

Brasília superou qualquer expectativa. Surge efetivamente como síntese da cultura brasileira, interessante por ter sido uma realização plena: uma cidade-capital decidida, projetada e construída em 4 anos a partir de intenções políticas amadurecidas ao longo de 150 anos. Durante este período, e mesmo anteriormente, surgiram cidades novas onde nada existia antes - *ex nihilo*.

Em um período inferior a cem anos foram construídas outras capitais como Belo Horizonte e Goiânia. Após Brasília, Palmas, capital do novo estado do Tocantins, é a última dessas cidades.

Entretanto, ser um fato histórico desde o projeto envolve a precedência espaço-temporal, instituições políticas e civis, planejamento estratégico, uma localização possuidora de carga simbólica preexistente, e uma rara condição para a nova cidade-capital nacional. De Vitruvius (século I a.C.) a Le Corbusier, a escolha do sítio - suporte da obra - sempre foi considerada questão primordial: o lugar e o artefato construídos são indissociáveis na perspectiva da obra arquitetural.

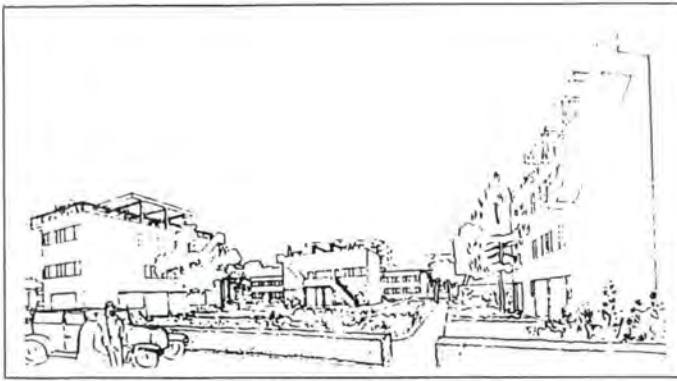
Entre as cidades projetadas que foram construídas, Brasília demonstra, por suas definições conceituais, uma história incomum de planejamento anterior ao projeto e à realização. Inicialmente, a definição estratégica da

região onde deveria ser implantada: a procura geográfica, as razões geopolíticas, continentais e nacionais. Posteriormente, a escolha situacional do Planalto Central, soberano em relação à geografia ondulada e plana, entre os Andes e o Atlântico; finalmente, com a localização do acidente incomum - o caro simbolismo das Águas Emendadas - como que distribuindo uma essência renovada de união, através dos caminhos fluviais que atingem os recônditos do país.

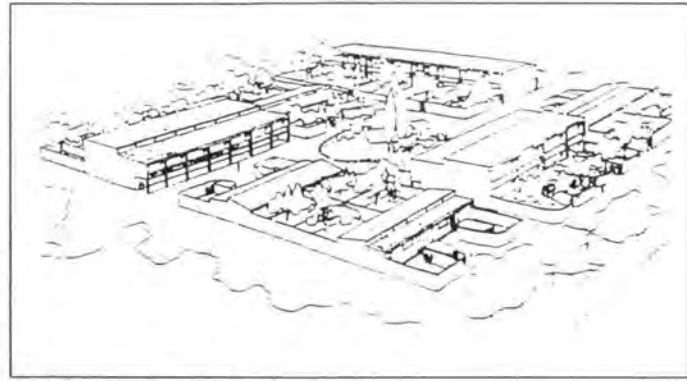
Dentro do retângulo do DF, a Bacia do Paranoá, côncava com o fundo convexo, ressalta o lugar suporte do plano piloto, o qual foi beneficiado nos baixos, com um lago artificial - uma recomendação do botânico e paisagista Glaziov, no final do século passado - a exatos 1.000m acima do mar como gesto de afirmação tecnológica de caprichoso rigor.

Lucio Costa, no Relatório do Plano Piloto de Brasília, referiu-se à necessária nobreza que deveria imbuir o espírito do urbanista. A concepção de seu projeto, neste sentido, garantiu a manutenção da sutil e rara condição do lugar escolhido, acentuando a dignidade devida a uma capital nacional. Seu projeto mantém a virtude da paisagem, elevando o espírito humano em relação à superação de seus limites no horizonte, tendo o infinito do céu como meta-distância: uma cidade acima de suas bordas, tendo a utopia como realização do desejo.

Assim, o plano piloto de Brasília foi concebido como um artefato devidamente ajustado ao seu suporte físico, constituindo-se - pelos processos



Cidade Frugès, em Pessac (1925)



Habitações Tipo La Rochelle

humanos de transformação da natureza - uma obra arquitetural. O projeto vencedor do concurso nacional para realização da nova capital completou 40 anos em 1997 e esta concepção, laureada, demonstra ter sido mesmo destinada ao seu suporte físico: a Bacia do Paranoá, paisagem e lugar escolhido para abrigá-lo. O desenvolvimento técnico do projeto original e a construção do conjunto urbanístico de Brasília renovaram a paisagem em harmonia com a natureza preexistente, e o resultado deste processo humano de produção tornou-se uma afirmação social, tecnológica e artística.

A qualidade de Brasília, como obra humana, deve ser compreendida desde a intenção mudancista até o momento harmonioso do artefato ajustado à natureza, favorecendo a apropriação pela sociedade e constituindo um feito arquitetural por excelência. Trata-se da "resultante convergente" (usando aqui o termo de Lucio Costa a que se referia de forma singela ao denominar sua Teoria das Resultantes Convergentes), da identidade brasileira e de sua universalidade, representando bem o pensamento, a obra e a vida de seu urbanista. Entretanto o plano piloto tem sido também cobrado, em função das respostas de sua proposta urbana, pelos efeitos diferenciados da pobreza e do acúmulo, diante dos quais o urbanismo já vem sendo muitas vezes desculpado.

Neste sentido Brasília possui aspectos incomuns sobre os quais refletir, pois é uma rara cidade, cuja predominância da parte residencial estando sobre pilotis, o chão (térreo) sendo a "calçada" - a tensão variável entre o público e o

privado - e uma correspondência excepcional: a raríssima distribuição eqüitativa de comércio pelo tecido urbano (Herbert, 1997). Esta dualidade é representativa em relação às transformações alcançadas nesta direção pelas sucessivas tentativas de democratização do solo urbano e de seu desempenho social. A experiência do Parque Guinle (RJ, anos 40) já ensaiava a proposta de extensão da habitação elevada, sem ser a rua interna concebida por Le Corbusier em suas unidades habitacionais. Em Brasília o pilotis é a área sombreada pelo pé-direito mais baixo e suas extensões na superquadra ampliam aquela dualidade do público e do privado. Diferentemente das unidades habitacionais francesas, com 17 andares - internalizando inclusive o comércio local -, os blocos de Brasília têm a mesma altura que as árvores desenvolvem e são mais próximos uns dos outros e do solo, sendo ambientados pelas massas verdes que caracterizam o plano piloto e suas superquadras. É uma escala residencial "inventada" para adequar-se à proporção cívica da capital, ao clima e à cultura daqui.

Em Brasília, o que corresponde à unidade habitacional de Corbusier é a superquadra e todo o prolongamento do cotidiano residencial: se completa do lado de fora da habitação, ao ar livre, ao contrário dos países frios. A conjugação de quatro superquadras religadas pelos equipamentos urbanos constitui uma unidade de vizinhança, gerando autonomia de serviços e a expressão política de uma população local entre 10 e 14 mil habitantes, irradiando sentimento e vida através da

continuidade encadeada de seu tecido.

Como Monlevade, Brasília tem feição própria. Comparada a Chandigar, capital do Punjab na Índia, projetada por Le Corbusier em 1952, as diferenças são de escala, proporção e significância.

O prof. Matheus Gorovitz, da FAU/UnB, faz referência aos comércios das novas cidades inglesas, exclusivos, dentro das unidades urbanas, enquanto em Brasília se constituem na estrutura viária da cidade, relacionando transeuntes, usuários e residentes.

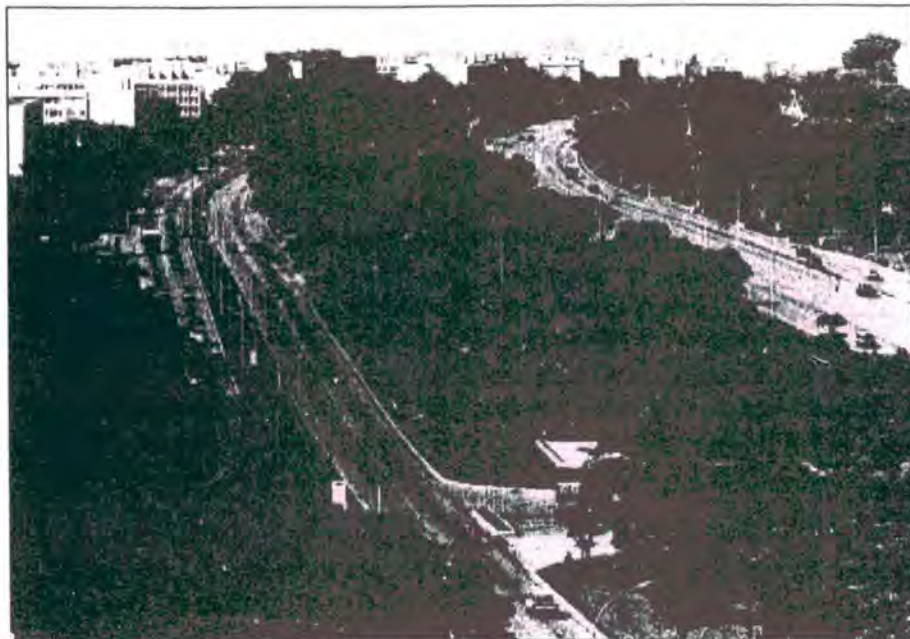
Os habitantes não são donos de "seu" pilotis-calçada, ou de "sua" superquadra, ou de seu "comércio local", porém usufruem como se donos fossem, porque pela natureza das coisas são moradores, portanto pertencendo - eles sim - a esta ou àquela superquadra e às suas extensões. A proximidade dos equipamentos e serviços promove uma atmosfera que foi comum em cidades com bairros e comércios tradicionais. Em Brasília são normais as contas nas padarias e quitandas, como são comuns certos hábitos pitorescos: "cadeiras nas calçadas", chimarrão nos gramados, quermesses dos santos da época e festas de largo, trazidas por brasileiros de todos os quadrantes; creche, escola, templo, delegacia, biblioteca, etc., tudo em um raio de 500m, como foi previsto no projeto original e executado nas primeiras partes construídas.

Receber uma população tão diferenciada é tão relevante (como dado do problema) quanto manifestar uma expressão cosmopolita já na inauguração, embora tivesse apenas 50.000 habitantes difusos. Uma dignidade inerente por ser a capital,

expressando a significância de sua monumentalidade como antídoto para as miudezas provincianas das novas centralidades "emergentes". Monumental não por ostentação, mas pelo que vale e significa, nos termos e na sensibilidade de quem se investira daquela nobreza de intenções, possuidor de perspectiva histórica e universalidade: o inventor.

Para o recém-chegado a orientação geodésica evolui pouco a pouco com a apreensão do horizonte nos limites da Bacia do Paranoá, com os altos da topografia e os baixos do lago, aperfeiçoando-se com a percepção das referências cardeais. Posteriormente, as dominantes estruturais dão os sentidos do território urbano: a compreensão do Eixo Monumental - no sentido leste/oeste - com suas atribuições cívicas, relações públicas e oficiais; e do Eixo Rodoviário - no sentido norte/sul - atravessando a predominância residencial na ordem do cotidiano; outro nível de orientação é assimilado pelo encadeamento das superquadras e pelos símbolos referenciais principais como a Torre, o Congresso, os palácios, os prédios mais altos, os mais próximos, esta ou aquela rua comercial, a Rua da Igreja, a rua do templo budista, uma superquadra específica, o parque, uma alameda, uma árvore. Mas é bem diferente de uma cidade cuja apreensão da evolução topológica é essencialmente sintática.

Brasília - plano piloto - tem como conceituação o princípio urbano de suas quatro escalas: a monumental, a residencial, a gregária e a bucólica. Rebatidas na práxis do planejamento e levando em conta desde os parâmetros geográficos até a escala local, é possível refletir as coerências correspondentes entre o sócio-cultural em evolução e a potencialidade da Bacia do Paranoá, cuja compreensão objetiva é necessária para definir o desenvolvimento da cidade. Preservando as suas preexistências e seus valores permanentes, sua natureza e sua paisagem visual, é possível evitar o que ocorre na maioria das cidades entregues às pressões do mercado, cujos



Monlevade, Parque Guinle e Brasília (1956), as tradições sociais e tecnológicas do Movimento Moderno e a negação radical do "modernismo" já anunciada na década de 20. Uma arquitetura sem vocação para a submissão, onde a conceituação econômica importa, mas o humanismo é fundamental

resultados são conhecidos pelo inchaço, poluição, desequilíbrio entre a superpopulação e a insuficiência de infra-estruturas, etc.

Esta conceituação gera o instrumental para evitar o que ocorreu com o horizonte da capital mineira, que não pode ser classificado como belo, pois não é nem mesmo visível de dentro da cidade. A própria legislação que preserva a cidade como patrimônio da humanidade, partindo dos conceitos das quatro escalas, faz sua classificação (tombamento) ser diferente de outras cidades como Ouro Preto ou Varsóvia, onde o que é protegido é imutável: calçamentos, fachadas, telhados, janelas, etc. Aqui, tudo pode ser atualizado. Mesmo as concepções edificadas a partir de Oscar Niemeyer ou de Lucio Costa, embora nestes casos exijam a rigorosíssima atitude ética e técnica dos arquitetos restauradores; isto significa preservar a cidade através dos seus

conceitos urbanos, no que dizem respeito à proporção e ao modo de vida da cidade em relação à escala desta paisagem. A norma de preservação é um instrumento de defesa e de resistência, em face das investidas desestruturadoras que ocorrem pela invasão das áreas públicas - taxadas ou não pelas estratégias de descontrole, descrédito e superação dos códigos de postura e de obras, pela crônica e ameaçadora deficiência dos transportes coletivos e pela publicidade desenfreada em diversas formas de poluição visual; enfim, pelos despropósitos conjunturais e pelas exigências de interesses setoriais.

Como o seu autor, Brasília é ainda insuficientemente conhecida e os experimentos apreendidos nesta cidade podem permitir desenvolvimentos de novos umbrais.

Lucio Costa, no registro arquitetural de sua vida, produziu um memorial de conhecimentos, assimilados em suas plenitudes conceituais. Brasília é a resultante prática, onde podem ser distinguidos valores estéticos, contextuais e universais.

O desenho do anteprojeto do plano piloto gerou peças historiográficas fundamentais, entre estas os croquis da Esplanada dos Ministérios e da Praça dos Três Poderes, de rara qualidade, que são referenciais precursores do desenho urbano. São referenciais de

reconhecimento, pela simplicidade com que sintetizam a modificação do sítio através da “técnica milenar dos terraplenos” e de como propõem, através da simulação graficada, as definições das tipologias edilícias para a torre do Congresso com sua cúpula e com o elemento relevante do paisagismo, o Fórum Le Corbusier; definições complexas, já presentes nos desenhos do urbanismo. Toda a configuração é surpreendente pelos espaços públicos justapostos em níveis diferentes - como em Monlevade, guardando as diferenças de escala e proporção - a Praça dos Três Poderes e a Esplanada concebidas como uma composição clássica de latente simetria, nos termos de Luigi (1980).

É compreensível o mea-culpa tardio praticado por quantos assumem a insuficiência de aprofundamentos sobre a obra e o pensamento de Lucio Costa, embora a maioria destas sinceras contrições sirvam, algumas vezes, para escamotear a distância cáustica das matrizes do conhecimento. Em verdade estavam desde cedo afinadas com o neoliberalismo ideologizado dos anos 70, em reação às pressões político-sociais da

década anterior - a famosa década de 60 - coerentes com as teses dos arquitetos engajados no Movimento Moderno.

As compilações, as matérias veiculadas pelos principais meios de comunicação e as manifestações oficiais, em nada comparáveis às grandes comoções nacionais pelo falecimento de esportistas, artistas, cantores e mesmo políticos evidentes, no caso de Lucio Costa foram tão comedidas quanto o discreto sepultamento realizado pela família, levantando reflexões quanto aos valores da cultura brasileira.

Brasília e seu inventor não estão, portanto, suficientemente discernidos. A cidade síntese cultural, seus subprodutos e os registros da vivência e da obra de Lucio Costa vêm gerando dividendos multiplicadores. São como os estudos e propostas para a proteção patrimonial de Brasília transformados em normas legais de preservação, baseadas nos princípios das quatro escalas. Em verdade a cidade poderá ser preservada pela vontade de seus cidadãos e pela qualidade inicial da proposta urbana.

O raciocínio desenvolvido para a preservação do plano piloto poderia ser aproveitado em outras cidades. Planejar,

insistindo em avanços incrementais, é cauteloso, todavia perigoso, quando não insuficiente, em face dos contenciosos sociais em escala nacional.

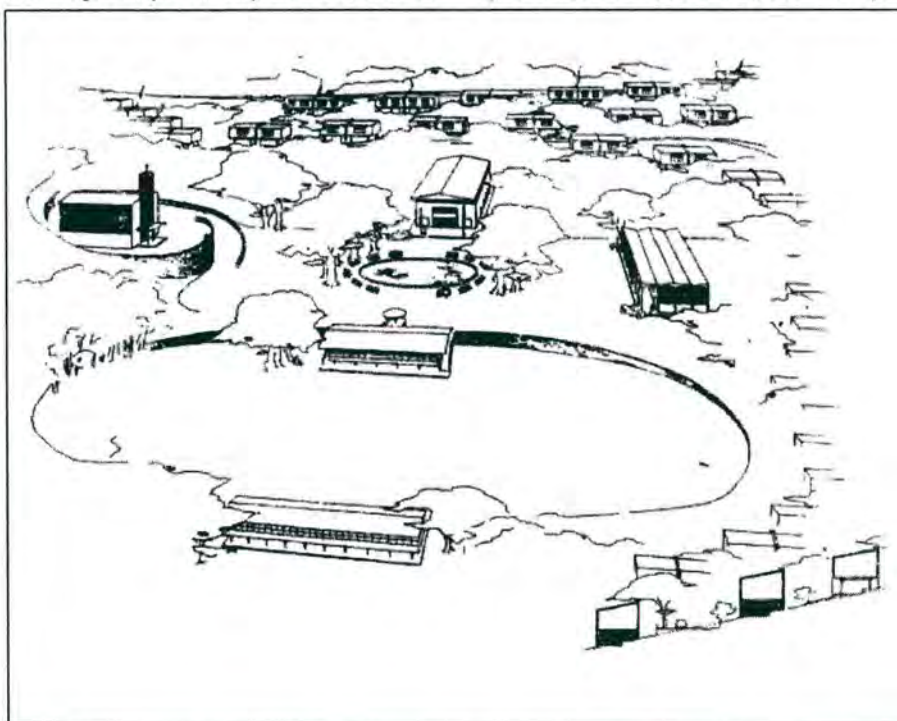
No momento em que a humanidade decidiu, por intermédio da Unesco, proteger Brasília fazendo dela um patrimônio mundial, surgiu um subproduto do projeto histórico, instrumento indispensável à preservação qualitativa das moradas humanas em face das paisagens constitutivas da memória e da identidade. Tomando como ponto de princípio o conceito das quatro escalas adotadas por Lucio Costa, é possível prever, considerando-se a dualidade espaço-tempo, a paisagem urbana e sua evolução saudável em relação à paisagem preexistente. Tornase, assim, compreensiva a relação de proporção entre a escala do artefato humano em evolução e a natureza, potencialmente limitada, sem com isso interditar as reciclagens necessárias ao crescimento da cidade.

Sendo ela monumento histórico, ou mesmo que não o fosse, Brasília representa o reencontro da cidade com a natureza, como faz referência Marília Ferreira (1995). Lucio Costa coloca através da cultura brasileira uma temática para o futuro do mundo, embasada nos registros históricos que a humanidade começou a perceber antes de nós. Em compensação, para nós, a Modernidade iniciou-se efetivamente em 1500, notadamente pela fusão etno-cultural, que talvez tenha permitido uma arquitetura própria com as novas “ordens” dos palácios de Brasília e com esta “cidade ideal”, questões que alhures sempre foram, naquelas formações, teorias ou utopias.

Lucio Costa representa um instantâneo da cultura brasileira com o registro da perspectiva insólita de nossos valores históricos originais, revelando o sentido de nossa formação civilizacional inédita.

Cláudio José Pinheiro Villar de Queiroz

- ex-diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e ex-integrante da equipe de Niemeyer - é arquiteto, professor de projetos da FAU/UnB e diretor do Ceplan (Centro de Planejamento da UnB).



Os objetivos sociais semelhantes, os princípios tecnológicos análogos, mas nos resultados os “nítidos traços diferenciadores” (Graeff) denotam a arquitetura inventada para natureza, povo e cultura incomuns



A Trica

□ LAUDO BRAGA

Entrementes as duas comadres punham em dia as “novidades” e quase num incompreensível tatibitate cambiavam informações, diziam das novidades, indiferentes aos transeuntes.

A missa dominical é uma necessidade espiritual e um fator de sociabilização entre os moradores dos arredores da paróquia. A feira, aos domingos, uma necessidade material e de certo modo cultural, na qual a população do bairro não só comparece para as compras, mas igualmente para um passeio, um encontro furtivo com vizinhos, amigos, conhecidos. E o disse-me-disse, ou melhor, a fofoca entre comadres, uma necessidade cultural. Uma prática milenar e quase folclórica.

Os derradeiros chamamentos para a missa das oito acabavam de ser apregoados pelo locutor da capela ali próxima enquanto o vento fresco daquela manhã de domingo ensolarada farfalhava a folhagem dos ficus dos arredores.

Não eram poucos os que, com seus trajes domingueiros, cheirando a capim-mutamba ou jasmim, quase marcialmente, convictos, terço à mão, dirigiam-se à capela. Mulheres, homens, crianças, roupas limpas, bem passadas. Logo ali ao lado a feira rolava alto, os comerciantes vozeando suas mercadorias atraindo compradores.

Entrementes as duas comadres punham em dia as “novidades” e quase num incompreensível tatibitate cambiavam informações, diziam das

novidades, indiferentes aos transeuntes.

O que protestavam as amigas, já pendendo para a idade, cabelos grisalhos aparentando, porém, muita saúde e vigor? A vida de quem estaria, ali, sendo dissecada identificando quem seria o corno ou a puta objeto da censura e do papo?

Parei um pouco disfarçadamente tentando auscultar, discretamente postado ao lado, fazendo de conta que escutava o canto dos pardais tilitando nos ficus, mas quase nada apreendi. Pude imaginar ser um diálogo em código ou num jargão próprio, inaudível para mim.

Encerrada, porém, a animada conversa, ouvi perfeitamente quando uma das comadres asseverou à outra:

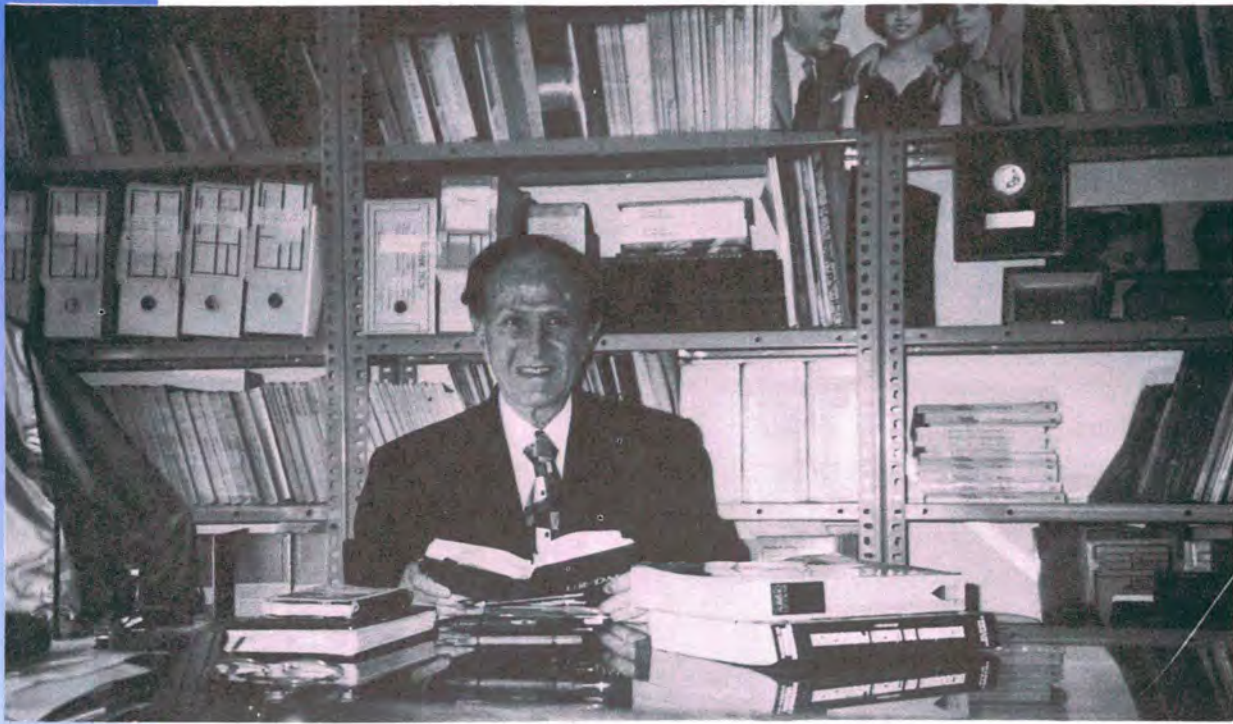
- É, agora não vou mais à missa. É tarde.

Enquanto a outra retrucou:

- De minha parte, também não vou mais à feira. A este tempo, não...

E se despediram, uma para um lado outra para o outro, fagueiras, vitoriosas, almas lavadas, leves, nutridas na alma tanto quanto ouvissem o sermão do padre, tanto quanto houvessem feito suas compras na feira. Uma catarse.

Laudo Braga é advogado e escritor.



Mauro Castro preside a Academia de Letras de Brasília pela quinta vez consecutiva

A literatura não é um balcão de negócios

Entrevista com o presidente

da Academia de Letras de Brasília, escritor
Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro

Existem escritores medíocres e mercantilistas, que negociam os livros como se fossem pasta de dente e sabonete.

Os meios de comunicação estimulam e aplaudem a mediocridade, publicando bobagens, e iludindo a boa fé de grande parte dos jovens.

A Academia de Letras de Brasília completou, em 98, 15 anos de profícua existência. O seu presidente, escritor Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, atualmente no seu quinto mandato, tem realizado um trabalho sério à frente da entidade. Mineiro de Uberaba e autor de vários livros, o advogado Mauro Castro participou de várias antologias nacionais. Em entrevista à DF Letras, Mauro Castro fala sobre literatura, a falta de leitura do brasileiro e o papel das academias literárias.

DF Letras – *Terminou a safra de grandes talentos da literatura brasileira? Há perspectivas de segmentos jovens sucederem os atuais literatos?*

MC – No Brasil sempre tivemos talentos literários. A literatura brasileira é um repositório, em várias épocas; é só pesquisar. Não terminou a safra e nem vai terminar. Talento é um dom natural. É aptidão revelada na prática. É a disposição revelada na prática. Vocação para as Letras. Disposição

natural do espírito. Portanto, não termina o trabalho, a produção, a colheita. O que existe é que vivemos num mundo de transformações, invenções e descobertas. E o Brasil não está colocado numa redoma, resguardado, isolado. É evidente que o País, de uma forma ou de outra, recebe os impactos das transformações sociais, econômicas, políticas, religiosas, etc., que não pedem licença para entrar... Bem? ou mal? Então existem repercussões em todos os setores de atividades, incluindo, óbvio, a literatura. Quando a revista DF Letras me pergunta sobre a safra de grandes talentos, eu já dei a resposta acima, acrescentando, apenas, que alguns escritores são tímidos, outros são espalhafatosos. Existem os humildes. Existem os "espertos". Existem os escritores medíocres. Mercantilistas, negociam os livros como pastas de dentes e sabonetes. Os pretensiosos e gananciosos. Existiam e existem e vão sempre existir escritores que estão perfeitamente enquadrados nesta classificação. É só pesquisar!

DF Letras – Na segunda parte desta pergunta, a DF Letras quer saber: "há perspectivas de segmentos jovens sucederem os atuais literatos?"

MC – A juventude, hoje, recebe os reflexos deste mundo conturbado de exemplos nocivos, pornográficos e irreverentes. Os meios de comunicação estão estimulando, aplaudindo, publicando bobagens e iludindo a boa fé de grande parte dos jovens. Evidente que não são todos os influenciados. Claro. É como em toda regra, existem as exceções. Há perspectiva, sim, se o Poder Público, o Estado, tiver capacidade, inteligência e vontade política para reverter o quadro malvado,



“No Brasil possuímos Academias e academias. Estão elas, em sua maioria, lutando com problemas financeiros.”

aproveitando e auxiliando a juventude sadia. Ou consertando e dando solução ao problema. Amparando devidamente as verdadeiras vocações literárias, os jovens poderão suceder aos bons literatos. Os dignos e honestos.

DF Letras – O academicismo tornou-se anacrônico? Ou as academias de letras serão revigoradas? Qual o futuro dessas instituições?

MC – Academicismo pode ser entendido como mentalidade própria de quem faz parte de

academias ou rigorismo dos estudos ou princípios acadêmicos. E anacronismo é erro de atribuir a uma época, idéias, sentimentos e costumes de outras. Coisa retrógrada, do passado. Entendo que não existe um academicismo. E, se não existe, ele não pode ser anacrônico... No Brasil possuímos Academias e "academias". Estão elas, em sua maioria, lutando com problemas financeiros. Tenho encontrado algumas com um quadro expressivo de titulares que efetivamente honram, trabalham e produzem na medida de suas possibilidades. Cumprem, com espírito acadêmico, as suas tarefas e desenvolvem realizações culturais. Gostaria de ressaltar o trabalho que tem sido feito pela Academia Brasileira de Letras, lembrando, principalmente, a atuação do meu querido amigo Austregésilo de Athayde. Estou na presidência da Academia de Letras de Brasília desde 1990/1992 (primeiro mandato) e fui reeleito, pela quinta vez consecutiva, até o ano 2.000. É um sodalício, permanentemente renovado, com uma elite de escritores (alguns premiados) que honram qualquer academia em qualquer parte do mundo, sem exagero. Então ela já é revigorada, naturalmente, pelo nosso trabalho, dedicação, esforço. Agora, é necessário o espírito de luta, e o futuro dessas instituições é prosperar e continuar a contribuir para a cultura. Caso contrário, ficarão inertes, como algumas inoperantes, que nada significam, nem produzem e dispensam comentários.

DF Letras – Timidamente o Poder Público investe em cultura, notadamente nas artes cênicas (teatro, cinema, canto lírico). E a poesia, a prosa e o romance? Qual

sua opinião sobre tal omissão?

MC – A sua pergunta é muito própria ou imprópria... *“timidamente* (o grifo é nosso) *o Poder Público investe em cultura”*... Entendo que nem timidamente. A Constituição vigente, artigos 215 e 216, tem um texto bem claro. Não precisa ter QI elevado, nem intérprete para entender o que a Carta Maior ordena: *“O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura mundial”*... *“apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”*... *“Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial”*... *“as formas de expressão”*... *“os modos de criar, fazer e viver”*... E, mais ainda, *“a lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais”*. E o que o Poder Público faz? É nada ou quase nada! A minha opinião é francamente a favor do fiel cumprimento do mandamento constitucional.

DF Letras – *Pouco se lê em nosso país. Uma tiragem média de livros, mesmo nas grandes editoras, é de mil exemplares. Por que a pobreza do panorama?*

MC – Estou de acordo com a pergunta. Pouco se lê em nosso país. É um problema grave na área da educação. A estatística tem demonstrado que o contingente de analfabetos é assustador. É só consultar os dados para os incrédulos. Além disso, a população brasileira vive atormentada com problemas do desemprego, alimentação, habitação, saúde, etc... Então, como pode o povo brasileiro ser um leitor? Por outro lado, com o advento do rádio, televisão e das

tecnologias modernas, as pessoas procuram outros meios, outras formas de comunicação. Para que a leitura? O que importa um grande livro, um grande clássico da literatura, se um contingente apreciável da população luta no dia-a-dia para a subsistência? A minha resposta é simples, sincera e realista. Não tem cenas dos próximos capítulos...

DF Letras – *Que medidas o senhor sugeriria para um incremento literário, sobretudo para a valorização do escritor, profissão inexistente em nosso país?*

MC – A pergunta pede sugestões para um incremento literário. Na realidade, analiso o fato de forma simples. Não há mistério. Numerosas medidas podem ser tomadas pelo Poder Público, pelos governos estaduais e municipais. Pelo Poder Legislativo. Pelos empresários. Pelas academias. Pelas universidades. Pelas editoras. Todos poderão

“Pouco se lê em nosso país. É um problema grave na área da educação. A estatística tem demonstrado que o contingente de analfabetos é assustador.”

incrementar, ajudar, auxiliar, participar. Esta união é importante. Deve ser duradoura. Não deve ser romântica ou sonhadora. Deve ser uma luta constante, em todos os bastidores. É uma forma, também, de acionar entidades e instituições a procederem favoravelmente à causa. Sei que é tarefa que envolve criatividade, desprendimento, trabalho. E as pessoas, quase todas, estão sempre muito ocupadas... Não dispõem do tempo necessário e da vontade de levar para a frente um projeto de tamanha envergadura. O escritor, o escritor mesmo, não é preciso valorizar. Ele sabe muito bem do seu valor. O problema é que já entendemos o que ocorre com o verdadeiro escritor e com os pretensos e vaidosos: anunciam os seus livros como chás milagrosos e preparam o marketing enganando a boa fé dos que acreditam no poder de cura! A pergunta diz que *“a profissão é inexistente em nosso país”*. Escritores temos. Sempre o Brasil teve bons escritores. E, por certo, não haverá extinção. Não é fauna nem flora... Somente o fato de o escritor ter outras profissões, como todos estão cansados de saber. É o ganha-pão. É o dia-a-dia na luta pela existência.

Na experiência que tenho tido na presidência da Academia de Letras de Brasília (cinco mandatos consecutivos), na vivência dos intercâmbios com entidades culturais do Brasil e principalmente no exterior, com a minha vida de professor universitário em Direito, em três universidades, gostaria de dar uma sincera entrevista. Assim, outros preocupados como sou pela sorte de nossas Letras, possam, melhor do que eu, opinar e transmitir as suas convicções, enriquecendo o país com suas idéias, na solução deste sempre novo assunto.



Câmara Legislativa do Distrito Federal

Presidente: Lucia Carvalho
Vice-Presidente: Luiz Estevão
1º Secretário: José Edmar
2º Secretário: Benício Tavares
3º Secretário: João de Deus

Conselho Editorial

João Carlos Taveira, Chico Nóbrega, Flávio Kothe, Afonso Ligório P. de Carvalho, Margarida Patriota, João H. Serra Azul, José Antônio Prates, J. Simões, Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, Palmerinda V. Donato, José Geraldo, Fagundes de Oliveira, Francisco G. de C. Dourado (Amargedon)

Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Randal Junqueira
Editor DF Letras: Chico Nóbrega
Programação Visual: Marcos Lisboa
Editoração Eletrônica: Apolo Guandalini

Capa: Equipe da DF Letras
Fotografia: Fábio Rivas, Sílvia Abdon, Carlos Gandra e Rinaldo Morelli

Revisão: Anamaria Silva Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar e Vania Maria Rego Codeço

Ilustração: Ana Caçador
Digitação: Gilberto Lucas, Chrissoula Pappas e Sérgio Cáceres
Chefe da Seção de Editoração: Ivan Carvalho

Equipe:

Antônio Eufrázio, Cláudio de Deus, Cláudio Gardin, Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo Perrone, Márcia Machado, Marizete Amaro, Nelci Stein, Oscar Monterrojas e Teobaldo André

Chefe da Seção Gráfica:

Eucyr Muniz da Silva

Equipe:

Abimael Amorim, Adeilton Godoy, Antônio A. dos Santos, Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas, Edson de Lima, Francisco C. Bezerra, Glacy Barrozo, Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonatas Martins, José C. de Sousa, José de Jesus, José Bergamaschi, José de Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Otiniel S. Fonseca, Raimundo Nonato T. Carvalho, Reinaldo Andrade, Sebastião Peres, Sílvia R. Fonseca e Vicente Lima

Tiragem:

5 mil exemplares
 Esta edição compreende os números 57/58, meses de novembro e dezembro/1998.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.

Redação: CEPG

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959
 Fax: (061) 348-8413

Câmara Legislativa do Distrito Federal
 SAÍN - Parque Rural
 CEP 70086-900 - Brasília-DF
 Fone: (061) 348-8000

Entusiasmo

Li com muito entusiasmo a DF Letras, revista cultural de Brasília. A mencionada revista é, na realidade, um típico exemplo de publicação em que se divulgam correspondências, artigos e reportagens sobre vários temas. Li com satisfação "Um Salto no Abismo" sobre José Hélder Câmara, entrevistado por João Carlos Taveira. Li também "A Obra Imortal de Machado de Assis", extraordinário artigo do escritor Romeu Jobim, e outros artigos. DF Letras é, realmente, uma grande revista. Espero que a mesma continue circulando com muita pontualidade. A Câmara Legislativa do Distrito Federal está de parabéns com a existência dessa importante revista. Merece os nossos aplausos.

Moacyr Cavalcanti - DF

Frutos

Amigos, acuso recebimento da DF Letras nº 51/53 e peço desculpas no atraso em fazê-lo.

Realmente a ousadia deu bons frutos, e que frutos amigos! Frutos que degustamos vagarosamente para o sabor não se tornar fugaz.

Boas entrevistas, grandes contos, excelentes artigos e resenhas, e um tiro fatal, o ensaio com o nosso imortal Machado de Assis.

Parabéns pra vocês.

Cordialmente,

Carlos Galeno - PA

Consulta

Ótima apresentação,

gravuras de bom gosto.

Não é miragem: DF Letras é um oásis de cultura.

Parabéns pela magnífica revista DF Letras (nºs 51/53) ao completar três anos de profícua informação.

Brilhante

Agradeço o envio da sempre excelente DF Letras, que é, a cada número, um acervo brilhante das letras brasileiras.

Parabenizo a todos da equipe pelo trabalho realizado.

Abraços.

Luz e Paz!

Osaël de Carvalho - RJ

Da capa ao ponto final, sempre é realizado um trabalho belíssimo e de muito bom gosto. Notei também que conseguiram a proeza de reunir uma equipe de técnicos, jornalistas, críticos e desenhistas de primeira linha, tornando-a mais eclética.

Ela é digna de ser lida, guardada e posteriormente servir como fonte de consulta.

Que DF Letras continue sendo um marco histórico e disposta a refletir tão substancialmente a cultura que se encontra desamparada em nosso país.

Minha eterna gratidão pela remessa dessa publicação e pela atenção sempre presente.

Cordialmente,

Doumerval T. Fontes - SP

Empolgante

Acuso o recebimento dos números 47/50 e 51/53 da revista DF Letras. Obrigado pelo envio.

A qualidade dessa revista, em todos os aspectos, é impressionante e, ao mesmo tempo, empolgante.

Pelos três ousados anos que passaram, somados aos anteriores à mudança, parabéns!

Forte abraço,

André Luís F. Cardoso - SP

Conceituada

Gostaria de receber essa tão conceituada revista cultural. Sou poetisa e me interesse por artigos literários.

Os Srs. estão de parabéns!

Já se ouve falar dela até aqui no ramo artístico de Feira.

Sem mais no momento.

Atenciosamente,

Maria B. K. Andrade - BA

Literatura

Aqui estou acusando o recebimento do nº 51/53. E aproveitando o ensejo estou também parabenizando-os pelo 3º aniversário.

Como venho pedindo desde o primeiro número que recebi, tento fazer com que a revista venha abrir as portas - e a cada dia desbravar novos caminhos - desse mundo maravilhoso chamado Literatura.

No mais fico muito grato e que esse brilhante trabalho não pare jamais.

"A poesia é a minha casa, e o resto o meu quintal..."

Elmantos - SP

Assinatura

Sou aluno do 4º ano de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases (MG) e recebi de presente de meu professor de Literatura Brasileira o nº 39/43 da revista DF Letras.

O material nela contido tem sido de grande utilidade para meus estudos e por essa razão solicito-lhes a especial fineza de me informarem como proceder para receber os próximos números, bem como se há possibilidade de serem fornecidos números atrasados.

Joel W. de Moraes - MG



Mini-CD

Acaba de ser lançado o terceiro mini-CD brasileiro.

Ele se intitula *Música Eletrônica 90's - I* e dá continuidade ao projeto do maestro Jorge Antunes.

Este terceiro mini-CD de Antunes traz a composição intitulada "Ballade dure", que ele realizou em 1995 no Laboratório do *Groupe de Recherches Musicales*, da

Radio France, Paris. O lançamento foi realizado em São Paulo, durante a II BIMESP (II Bienal Internacional de Música Electroacústica de SP).



Feliz

A escritora Lei-ly-Nay Paes Leme lançou o livro

Aprendendo a ser feliz, pela Gráfica e Editora Ideal, com ilustrações de Juliana Fiuza Lima. O livro de poemas, baseado na Pedagogia Logosófica, é destinado às crianças e jovens. Em todas as composições estão presentes os aspectos voltados à formação moral e espiritual da criança.

Literatura goiana

O nosso amigo e colaborador, escritor Brasigóis Felício, foi empossado recentemente como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Na oportunidade, Brasigóis falou sobre a literatura goiana, e o escritor norte-riograndense Getúlio Pereira de Araújo lançou o livro *A presença de Câmara Cascudo em Goiás*. A solenidade foi realizada no Salão Nobre do IHG/RN.

Conselho

O Conselho Editorial da DF Letras ganhou uma colaboração de peso. O escritor acadêmico José Antônio Prates é o novo representante da Academia de Letras do Distrito Federal no Conselho da revista. Na oportunidade, agradecemos a prestimosa colaboração do escritor e acadêmico Lenine Fiuza Lima, durante o seu mandato no Conselho. Com certeza, Lenine continuará como colaborador da DF Letras.

Acadêmica

A escritora brasileira Stella Alexandra Rodopoulos assumiu a cadeira de número 18, de Alceu Wamosy, na Academia de Letras de Brasília. A solenidade de posse foi realizada no último dia 14 de outubro, no Auditório D. João VI, do Museu da Imprensa Nacional, e teve a apresentação do conjunto do Departamento de Poesia Musicada da "Casa do Poeta Brasileiro", seção de Brasília.

Magú

O esperado livro do escritor Magú Cartabranca acaba de ser lançado em Brasília. A solenidade foi no restaurante Carpe Diem e contou com a presença de boa parte dos agitadores culturais da cidade. Editado pela Thesaurus, o livro tem ilustrações do artista plástico Toninho de Souza.

Salão

Em abril do próximo ano, acontecerá em São Paulo, capital, o Salão Internacional do Livro de São Paulo 1999. Trata-se de um megaevento organizado pela Câmara Brasileira do Livro, com público superior a 1 milhão de visitantes.

A Scortecci Editora está organizando, para este importante encontro da cultura brasileira, a *Antologia de poesias, contos e crônicas Scortecci*, em três volumes, com autores iniciantes ou inéditos de todo o Brasil, na maior mostra possível da atual safra de novos escritores. Informações no tel.: (011) 210-1179.



Parabéns à diretoria do "Informativo Cultural Central do Brasil" pela grandiosa festa de entrega de premiação aos vencedores do I Concurso de Poesias Vinicius de Moraes, realizada no último dia 3 de novembro, no Theatro Pedro II, em Ribeirão Preto-SP.

A DF Letras lamenta não ter participado do evento em função de compromissos anteriormente assumidos. Parabéns aos premiados. Na foto, o prédio do Theatro Pedro II, restaurado em 1996 e aberto ao público para manifestações artísticas.

A *cabá de sair, pela Thesaurus Editora, Resposta às Cartas Chilenas, de Napoleão Valadares. Trata-se de uma sátira em decassílabos brancos, respondendo às treze cartas de Critilo (Tomás Antônio Gonzaga), numa feliz comparação dos problemas da época da Inconfidência Mineira com os atuais. O livro traz prefácio de José Santiago Naud e notas de Joanyr de Oliveira. Informações no tel.: (061) 443-9049*

Pneuma

Preciso de ar
de ar dor
de arder.
Dar ar. Andar.

Preciso arder,
ciso de ar.
de narciso ter
ar de ardor.
Tambor dear
dearder.

Ar de ar, dar.
Perder ar, perdoar.
Preciso de ar,
deardor,
preciso arderdear.

Não preciso de ardil,
preciso doar.
Doar, doarder,
doer, doandar,
doar, dordoor
da dor de urdir.

Preciso andar
no andar,
nadar no arder,
doer meu ardor.

A todo ar de dor,
se der,
atordoar.

Ator do ar
serei, se for,
atordeser.

Atordoar o ser.
Ar. Todo o ar
tecer.

Ater ao dar
se for,
dor de durar.

A todo ser
se der,
torcer de dor.

Ar ter,
de amor,
se flor.

Arder de ser
se for
sedar.
Dar-se,
ceder,
se der

Artur da Távola

Girândola

O vento alcança a folha,
a folha balança o vento.

O vento inventa a folha,
a folha folheia o vento.

O vento vem com a folha,
a folha vai com o vento.

O vento é a janela da folha e
a folha é a janela do vento
por onde movimenta e desfolha
a nuvem, a fumaça, a poeira e o
tempo.

José Carlos Peliano

Despencou

Olhei para o céu da noite de ontem
Sonolenta
Cansada
Vi então
Duas estrelas despencadas se encravarem
Entre os galhos da goiabeira
No fundo do quintal sujo
Não chamei ninguém
Guardei só para mim alegria e susto.

Dora Duarte

Guerreiros de Papel

Houve um tempo em que éramos incrivelmente fortes.
Mas é um tempo há muito distante,
Tão manchado e nublado
Que mal consigo ver através da distância
Como uma fotografia que aos poucos se apaga.

Agora nossos braços estão atados e nossos punhos acorrentados.
Nossa esperança foi cortada pela afiada navalha dos poderosos.
Nossa coragem dizimada pelas decepções da vida.
Aos cães, dei os nomes dos guerrilheiros que tanto idolatrávamos.
Mas não o fiz com meus próprios filhos.
Vê a que ponto chegamos?

Estamos cansados e acovardados
Vivendo em nosso realismo fantástico
Trancados em casa como caracóis
Enquanto assistimos às desgraças pela televisão.

Daniela Capillé

Soxtanto

Quem ama e escreve
aumenta a sua lente e vai
de janela em janela
olhando estrela, abrindo mundos,
caixas de diálogos
e, mesmo sem ter montes de papel,
fabrica uma cordilheira virtual.

Navegar é preciso
para a Cinquenta e Um
do Pégaso profundo.
Quem ama vai
arreatando aplicativos
e arreatando o coração no micro.

Assim, quem ama e mantém um vínculo
tão estreito e antigo
com os impressos,
envia um intenso *e-mail*
e tira pelo menos sete
cópias na impressora *Epson*.

Yêda Schmaltz

Encanto

Quando vens chegando eu sinto o teu passo
É como um leve bailado, te abraço
Me fazes sentir as ondas, o vento, a folhagem
E tudo vai se compondo, ó doce nave
Ao som e luz da tua beleza, essa miragem,
Da tua graça, do teu jeito tão suave.

Quando me olhas, tornas-me hipnotizado
Pelo imenso brilho de um céu estrelado.
Sinto o hálito das flores quando falas -
- O inebriante aroma que da boca exalas -
E o calor intenso que emanas do teu ventre,
A rosa púrpura perfumada é o teu sol nascente.

Agradecido, clamo em transe aos benditos céus
Sonhando extasiado com tua dança aos véus
E armado apenas de palavra e pensamento
Gazela graciosa, elegante e fina
Rendo-me encantado ao teu poder, menina
E saio por aí a galopar o vento...

José Prates

Soneto de sedução

Pouso meus olhos no teu corpo esguio
e foges como a corça vespertina
ao pressentir o mais sutil cicio
de pássaro perdido na neblina.

Mas, por querer-te, aceito o desafio
que vem da natureza e me fascina,
pois sei que já estou preso na retina
da filha de Afrodite, em pleno cio.

Aceito o jogo que me impões, a espera,
e vou a pouco e pouco deslindando
os teus segredos de mulher e fera.

O amor, amiga, é fogo crepitando
no peito dos amantes, onde impera,
antes do gozo, a dor... mas até quando?

João Carlos Taveira

As cantigas do tempo

As cantigas do tempo que me envolvem
não são apenas as que me devolvem,
serenas, às ondas do mar de Vigo.

Vêm de eidos, eiras, muros e travessas,
formam um puzzle de incontáveis peças,
que me rondam e estão sempre comigo.

Não são distantes peças de antiquário
ou jazigos de um parque funerário.
São estufas repletas de ar amigo.

A música do tempo me transporta,
como um menino, à intransponível porta
que se antepõe ao migo e leva ao tigo.

Essa canção do tempo corta a ria
e me conduz à arcaica romaria
sobre as ondas anciãs do mar de Vigo.

Reynaldo Valinho Alvarez

Clariaudiência

folheio a luz
com a ponta do sonho
entro'noutro universo

folheio as horas
com a classe de um sábio
e mergulho na paz

permito-me humilhar-me
para a sinfonia cósmica
com paciência e ternura

de além das galáxias
chega o clarim da paz
sou mais que corpo e alma

folheio a luz do sonho
e a natureza num quase milagre
compõe um hino à liberdade

Alice Spíndola



Newton Rossi, mineiro, poeta e trovador dos bons, vros, poemas e publicados até no r, é figura querida e ada no meio cultural sília e do País. Chefe gabinete da Vice-Presidência da Câmara Legislativa do DF, durante a gestão do deputado Luiz Estevão, Newton Rossi é um entusiasta da revista DFLetras.

Neste momento de reflexão, em nossa edição de final de ano, esta Editoria não poderia deixar de prestar este reconhecimento público ao escritor Newton Rossi, pelo muito que fez nesses dois anos pela DF Letras. Newton Rossi sempre foi avesso à publicação de seus poemas na revista. Mas vamos, pelo menos uma vez, desconhecer sua orientação e, como forma de homenageá-lo, publicar um soneto de sua autoria sobre o Natal.

NATAL

*Era noite... era dia... eu não sei bem,
Já vai tão longe, tanto tempo faz...
Nascia, na cidade de Belém,
Um ser que, aos outros seres, trouxe a paz.*

*Dando lições de amor e de bondade,
Aplainou o caminho, que conduz
O pobre ser humano à eternidade.
Nascia na humildade, então, Jesus.*

*Semblante austero, sério, olhar sereno,
Era o cosmo, descendo em chão fecundo,
Na figura de um meigo Nazareno.*

*Era a energia vinda da amplidão,
Projetando na história deste mundo
Dois mil anos de luz na escuridão.*

Newton Rossi

